

ADILSON DO ROSÁRIO TOLEDO

SISTEMA PRONOMINAL POSSESSIVO EM USO NA ILHA DOS VALADARES

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Letras, área de concentração: Linguística, do Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná, para a obtenção do grau de Mestre em Letras.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Odete Pereira da Silva Menon


CURITIBA


1998

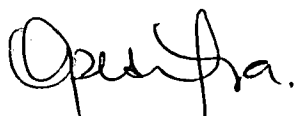
ZZ-892

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

Ata centésima quadragésima segunda, referente à sessão pública de defesa de dissertação para a obtenção de título de Mestre, a que se submeteu o mestrando **Adilson do Rosário Toledo**. No dia dezessete do mês de fevereiro de um mil novecentos e noventa e oito, às quatorze horas, na sala 922, 9.º andar, no Edifício Dom Pedro I, do Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná, foram instalados os trabalhos da Banca Examinadora, constituída pelas seguintes Professoras Doutoras: **Odete Pereira da Silva Menon, Edair Maria Gorski e Iara Bemquerer Costa**, designadas pelo Colegiado do Curso de Pós-Graduação em Letras, para a sessão pública de defesa de dissertação intitulada **SISTEMA PRONOMINAL POSSESSIVO EM USO NA ILHA DE VALADARES**, apresentada por **Adilson do Rosário Toledo**. A sessão teve início com a apresentação oral do mestrando sobre o estudo desenvolvido, tendo a Professora Doutora Odete Pereira da Silva Menon, na presidência dos trabalhos, concedido a palavra, em seguida, a cada uma das examinadoras para sua arguição. A seguir, o mestrando apresentou sua defesa. Na sequência, a Professora Doutora Odete Pereira da Silva Menon retomou a palavra para as considerações finais. Na continuação, a Banca Examinadora, reunida sigilosamente, decidiu pela aprovação do candidato, atribuindo-lhe os seguintes conceitos: Prof.ª Dr.ª Edair Maria Gorski, conceito A ; Prof.ª Dr.ª Odete Pereira da Silva Menon, conceito A e a Prof.ª Dr.ª Iara Bemquerer Costa, conceito A . Em seguida, a Senhora Presidente declarou **APROVADO**, com nota 9,0 (nove), conceito final **A** , o mestrando **Adilson do Rosário Toledo**, que recebeu o título de **Mestre em Letras**, área de concentração **Linguística**. Encerrada a sessão, lavrou-se a presente ata, que vai assinada pela Banca Examinadora e pelo Candidato. Feita em Curitiba, no dia dezessete do mês de fevereiro de um mil novecentos e noventa e oito. x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.


Dr.ª Edair Maria Gorski


Dr.ª Iara Bemquerer Costa


Dr.ª Odete Pereira da Silva Menon


Adilson do Rosário Toledo



A Heloísa, Sander e Alexandre.

Vocês foram (e são) ótimos.

AGRADECIMENTOS

Ao meu pai, Alvim (*in memoriam*) e a minha mãe, Conceição: esforço reconhecido.

Ao amigo de sempre, Adilson (*in memoriam*): um dia nos encontraremos por aí para aquele papo *gostoso* sobre possessivos.

A minha orientadora, Odete Pereira da Silva Menon, minha gratidão para sempre pela dedicação, competência e paciência com que orientou este trabalho.

Aos professores e coordenadores do curso de pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Paraná pelas contribuições para minha formação linguística.

Ao atual diretor da FAFIPAR – Faculdade de Filosofia de Paranaguá — e seu antecessor, respectivamente, Ivan Petry Maciel e Oziel do Prado Tavares.

A todos os professores da FAFIPAR – Faculdade de Filosofia de Paranaguá — que contribuíram para o êxito deste trabalho, principalmente a todos os professores do Departamento de Letras, especialmente Maria Helena Mendes Nizio (pelas orientações metodológicas), Ivone Elias Marques (pela revisão final do trabalho), Neide Cury da Paz e Maria Ângela Lopes do Prado (pelo estímulo no momento certo).

Às bibliotecárias e funcionários da FAFIPAR – Faculdade de Filosofia de Paranaguá —, especialmente Sílvia, Matilde, Jandira, Bernadete, Alice, Noemi e Ari.

À diretora da Escola Estadual “Dídio Augusto de Camargo Viana”, de quem sempre tive o apoio.

Aos funcionários do IBGE de Paranaguá, especialmente Ivo.

Aos presidentes e funcionários dos diversos órgãos ou entidades classistas de Paranaguá pelas informações que auxiliaram na elaboração do perfil da amostra.

À Mitra Diocesana de Paranaguá, pelo acesso aos documentos da Igreja Matriz Nossa Senhora do Rosário e à comunidade indígena da Ilha da Cotinga.

A Juarez, amigo de última hora.

À CAPES, pelo auxílio financeiro através da bolsa do PICDT.

A todos os informantes, que formam uma comunidade laboriosa, antes de tudo amigos, sem ajuda dos quais não existiria este trabalho.

A todos aqueles que, anonimamente, de um modo ou outro, contribuíram para a realização do trabalho.

Ao Senhor dos senhores, pela sensação de estar melhor.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	01
2. PARANAGUÁ E A ILHA DOS VALADARES: HISTÓRIA E GEOGRAFIA	07
2.1. Colonização e Povoamento de Paranaguá	07
2.2. Os Índios Carijós	11
2.3. A Ocupação Ibero-indígena.....	13
2.4. A Ocupação Européia Não-ibérica	14
2.5. A Ilha dos Valadares	14
3. PERFIL DA AMOSTRA E METODOLOGIA	18
3.1. O Perfil da Amostra.....	18
3.1.1. Considerações gerais sobre o perfil da amostra.....	26
3.1.2. Caracterização da amostra.....	29
3.2. Metodologia empregada.....	32
4. SISTEMA PRONOMINAL EM USO NO PORTUGUÊS DO BRASIL	35
4.1. Os Paradigmas.....	36
4.1.1. O Paradigma Tradicional.....	36
4.1.2. O Paradigma Tradicional Modificado.....	42
4.1.3. O Paradigma Novo.....	44
4.1.4. O Paradigma Novo Atual.....	51
4.2. Posição do Pronome Possessivo no SN.....	52
4.2.1. Forma <i>tradicional</i>	52
4.2.2. Forma <i>nova</i>	53

5. SISTEMA PRONOMINAL EM USO NA ILHA DOS VALADARES	57
5.1. Sistema Pronominal Sujeito (PSUJ).....	58
5.1.1. PSUJ de primeira pessoa.....	59
5.1.1.1. As formas canônicas eu/nós.....	59
5.1.1.2. O pronome <i>a gente</i>	60
5.1.2. PSUJ de segunda pessoa.....	65
5.1.2.1. O PSUJ <i>você(s)</i>	66
5.1.2.2. O PSUJ <i>o senhor</i>	66
5.1.3. PSUJ de terceira pessoa.....	67
5.1.4. Observações adicionais sobre o uso dos PSUJ.....	68
5.1.4.1. <i>A gente</i> e <i>você</i> como PSUJ indeterminado.....	68
5.1.4.2. Preenchimento do PSUJ.....	68
5.2. O Sistema Pronominal Possessivo.....	74
5.2.1. Forma <i>tradicional</i>	74
5.2.1.1. Primeira pessoa.....	75
5.2.1.2. Segunda pessoa.....	75
5.2.1.3. Terceira pessoa.....	76
5.2.2. Forma <i>nova</i>	76
5.2.2.1. Primeira pessoa.....	76
5.2.2.2. Segunda pessoa.....	77
5.2.2.3. Terceira pessoa.....	77
5.3. Forma <i>inovadora</i>	78
5.3.1. Características de uso do PPOS <i>inovador</i>	78
5.3.2. Posição do PPOS <i>inovador</i> no SN	87
5.3.3. Anulação do gênero.....	89
5.3.3.1. A concordância na gramática tradicional.....	90
5.3.3.2. A concordância nominal e a anulação de gênero em Valadares.....	91
5.3.3.3. O PPOS <i>inovador</i> e a anulação de gênero.....	92

5.3.4. Extensão de uso da forma <i>inovadora</i> a contextos não-possessivos.....	97
5.3.4.1. Extensão de uso — complemento nominal.....	98
5.3.4.2. Extensão de uso — complemento verbal.....	100
5.3.4.3. Extensão de uso — adjunto adverbial.....	102
5.4. Sistema Pronominal Possessivo em uso na Ilha dos Valadares.....	104
5.4.1. Inovação em Valadares.....	105
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	109
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	113

ANEXOS

ANEXO 1 - Ficha socioeconômica dos componentes da amostra 121

ANEXO 2 - Ocorrências da forma *inovadora* 139

ANEXO 3 - Sistema pronominal em uso na Ilha dos Valadares - das
gravações 162

ANEXO 4 - Paranaguá, Ilha dos Valadares e regiões vizinhas225

ANEXO 5 - Guaraqueçaba, Superagüi e regiões vizinhas 226

QUADROS

Quadro I — Origem dos cônjuges de 1917 a 1930 da cidade de Paranaguá.....	09
Quadro II — Quadro comparativo do PPOS em português e guarani.....	19
Quadro III — Distribuição de renda da população economicamente ativa no Brasil de acordo com o IBGE — Anuário Estatístico do Brasil 1995.....	23
Quadro IV — Distribuição de renda da população economicamente ativa no Brasil de acordo com MELHEM, baseado no Anuário estatístico do Brasil - 1992	24
Quadro V — O Paradigma Tradicional.....	37
Quadro VI — O Paradigma Tradicional Modificado.....	43
Quadro VII — O Paradigma Novo.....	48
Quadro VIII — O Paradigma Novo Modificado.....	49
Quadro IX — Concordância na forma <i>tradicional</i>	50
Quadro X — Concordância na forma <i>nova</i>	50
Quadro XI — O Paradigma Novo Atual.....	52

Quadro XII — Formas possessivas do PB de acordo com PERINI.....	54
Quadro XIII — Forma <i>nova</i> segundo KATO (1985)	56
Quadro XIV — Os PSUJ na gramática <i>tradicional</i>	58
Quadro XV — Preposições integrantes da locução adverbial na forma <i>inovadora</i> em Valadares.....	103
Quadro XVI — Formas possessivas em uso em Valadares.....	105
Quadro XVII — Formas possessivas do PPOS <i>inovador</i> utilizadas em contexto não-possessivo como complemento verbal.....	106
Quadro XVIII — Formas possessivas do PPOS <i>inovador</i> utilizadas em contexto não-possessivo como complemento nominal.....	107
Quadro XIX — Formas possessivas do PPOS <i>inovador</i> utilizadas em contexto não-possessivo como adjunto adverbial.....	107

RESUMO

O objetivo desta dissertação é o estudo do sistema pronominal possessivo em uso na Ilha dos Valadares, tendo como objeto de descrição a fala dos indivíduos pertencentes a essa comunidade. Observou-se que o grupo lingüístico de Valadares faz uso de três formas do pronome possessivo: uma forma *tradicional* (minha casa, tua casa, sua casa, nossa casa; meu carro, teu carro, seu carro, nosso, carro), uma forma *nova* (casa de mim, casa de você, casa de nós; carro de mim, carro de você, carro de nós) e uma forma denominada *inovadora* (casa meu, casa teu, casa nosso; carro meu, carro teu, carro nosso). Procura-se fazer, no decorrer do trabalho, uma descrição inicial e estudo desse pronome possessivo *inovador*. Notou-se nesse estudo que o uso do pronome possessivo *inovador* estendeu-se de contextos possessivos a contextos não-possessivos por recorrência a outros paradigmas pronominais. É nesse uso diferente que reside a inovação em Valadares.

ABSTRACT

The aim of this research is the study of the possessive pronominal system in use at Valadares Island, having as object of description the speech of individuals that belong to this community. It was observed that the linguistic group of Valadares uses three forms of possessive pronouns: a traditional form (*minha casa, tua casa, sua casa, nossa casa; meu carro, teu carro, seu carro, nosso carro*), a new form (*casa de mim, casa de você, casa de nós; carro de mim, carro de você, carro de nós*) and a form named here *innovator* (*casa meu, casa teu, casa nosso; carro meu, carro teu, carro nosso*). It will be tried to make, during the task, an initial description and study of this *innovator* possessive pronoun. It was noticed that the use of this *innovator* possessive pronoun spread from possessive contexts to non-possessive contexts by recurrence to other pronominal paradigm. It is in this different use that is based the innovation in Valadares.

1. INTRODUÇÃO.

Estudar o sistema pronominal possessivo em uso no português falado na Ilha dos Valadares é o objetivo do presente trabalho.

A idéia de abordar este tema surgiu após alguns contatos que tive com uma forma peculiar de uso do pronome possessivo (doravante PPOS). No primeiro desses contatos, em certo dia, ao dirigir-me ao serviço na referida ilha (posso um comércio no local) observei dois coleguinhas adolescentes que conversavam animadamente, após a saída da escola.

Conhecia um deles. Era o Atáilson, o informante 1, um garoto de 13 anos que estudava (como o parceiro) na escola “Cidália Rebelo Gomes”, na própria ilha. Intrometi-me na conversa e perguntei-lhes aonde iam. “Ele vai na casa *meu*”, respondeu Atáilson apontando para o outro. De imediato aquele uso diferente do pronome chamou-me a atenção, mas não imaginava que pudesse se tratar de uma forma variante do pronome possessivo.

Alguns meses mais tarde, novamente deparei-me com esta forma de possessivo que denominarei doravante de *inovadora*. Tinha sido convidado para uma festa no centro comunitário “Mar-de-lá”, no bairro Vila Bela¹. Para comemorar a criação do centro comunitário, a diretoria instituída promoveu brincadeiras, jogos, diversão. Com o intuito de participar das festividades, inscrevi-me com o informante 50² no torneio de duplas de dominó. Disputamos

¹ A Ilha dos Valadares é considerada hoje o maior e mais populoso bairro de Paranaguá. Ela está dividida em vários segmentos que poderíamos chamar vilas. Temos, então, a Vila Bela, Sete de Setembro, Itiberê, Vila Nova, Vila Rocio, Vila Rápida, Canarinho, etc.

² Cada informante será doravante reconhecido por um número correspondente a sua ficha socioeconômica, que consta do Anexo 1. A identificação dos informantes, resguardada no decorrer do trabalho, está à disposição para qualquer consulta que se faça necessária.

várias partidas. Uma dessas partidas foi contra a dupla formada pelo informante 41 e outro companheiro.

Decorridos alguns minutos, o informante 41 percebeu que o par formado por mim e o informante 50 era melhor, pois estávamos ganhando o jogo. Isso despertou o nervosismo no informante 41, que, brabo, chegou-se ao seu colega e disse: “Você está matando a pedra *nosso*”. Desta vez, além de chamar-me a atenção, soou-me estranha esta colocação do pronome possessivo dentro do sintagma nominal. Foram os primeiros contatos que tive com a forma *inovadora* do PPOS.

Em outras oportunidades deparei-me, posteriormente, com essa forma *inovadora*. E a cada contato mais perplexo ficava com essa forma de uso diferente do PPOS. Por este motivo comecei a considerar mais cuidadosamente e anotar este emprego variável do PPOS no âmbito da Ilha dos Valadares.

Após meu ingresso no curso de pós-graduação da UFPR, de posse de alguns dados, verificando a possibilidade de, a partir daí, desenvolver um trabalho de pesquisa, passei a observar atentamente essa forma *inovadora* em ambientes informais como casa de amigos, festas, jogos, bares ou qualquer evento onde estivesse, procurando detectar as formas utilizadas para indicação das relações de posse em Valadares.

Nessa procura observei que os indivíduos dessa comunidade lingüística convivem com três formas do pronome possessivo: uma forma *tradicional* ou *canônica*, uma forma *nova* (conforme denominação em MENON, 1994) e uma forma *inovadora* tal como será qualificada mais adiante.

A forma *tradicional* ou *canônica* do PPOS é aquela veiculada pela gramática e propagada pela escola: *meu, teu, seu*, etc. Nessa forma *tradicional* o

PPOS aparece, geralmente, anteposto ao substantivo, como nos exemplos seguintes:

- (1) *Meu* pai é do município de Ariri (G1,63)³.
- (2) *Nossa* equipe jogô muito bem (G3,60).
- (3) Quem era *teu* pai ? (G9, 20).
- (4) E ele está do *nosso* lado, esse Espírito Santo (G10, 69).

A forma *nova* aparece posposta ao substantivo e surgiu por extensão de uso da forma *de* + *pronome lexical* (SILVA,1984; KATO,1985; MENON,1994), como se observa em (5) e (6):

- (5) Então eu não posso (...) outro nome aí pra ... pra tirá o mérito *de* vocês (G9,20).
- (6) Aqui é meu mesmo, não é *dele* (G11,68).

A forma *inovadora*, como a denominei acima, em concorrência com a forma *nova*, também ocorre posposta ao substantivo, sendo expressa por uma forma idêntica à forma *canônica*:

- (7) Ele vai na casa *meu* (A1)⁴.
- (8) Tá parecendo aquela mulher *meu* (A4).
- (9) Você vai pra loja *teu* ? (B29).
- (10) Você está matando a pedra *nosso* (C41).

³ Sempre que possível usarei exemplos colhidos em Valadares, seja das ocorrências da forma *inovadora* constantes do Anexo 2, seja das gravações (Gn) constantes do Anexo 3 ao final do trabalho. Nesses casos, G significa a gravação feita no decorrer da pesquisa, n corresponde ao número da entrevista, de 1 a 11. O número após a vírgula refere-se ao informante e vai de 1 a 78, como consta no Anexo 1.

⁴ As letras maiúsculas A, B, C seguidas de um número indicam ocorrência da forma *inovadora* catalogada que consta do Anexo 2. A— Ocorrência da forma *inovadora meu*. B— Ocorrência da forma *inovadora teu*. C— Ocorrência da forma *inovadora nosso*. O número junto à letra refere-se ao informante que consta da ficha socioeconômica do Anexo 1. S/r indica informante não constante do Anexo 1.

(11) Aí era o ... a janela *nosso* (G9,26).

Embora estigmatizada pela escola⁵, percebi que essa forma *inovadora* era relativamente comum entre as pessoas da ilha com quem convivia. De posse de gravador em miniatura passei a registrar e transcrever as ocorrências, de modo a comprovar o uso regular dessa forma *inovadora*.

Quanto às gravações foram feitas de duas maneiras. Inicialmente, de forma aleatória (onde havia oportunidade de gravar, o trabalho era feito) e sem o conhecimento dos informantes, que depois eram alertados das gravações. Em outra fase da pesquisa, visto que o PPOS *inovador*, presumivelmente, e as demais formas possessivas sejam de difícil detecção em situação de entrevistas ou questionários formais, utilizei o pretexto de avaliar a história da ilha para, num clima o mais informal possível, em entrevistas domiciliares ou em local combinado, obter informações sobre as formas possessivas em uso pelos insulanos. Nestas oportunidades questionei os entrevistados sobre suas referências pessoais, origens, instando-os a traçar comparações entre a ilha antiga e a atual (quando fosse o caso).

Devido à informalidade e ao conhecimento que o pesquisador tem com a população, muitas vezes fugiu-se ao assunto, o que não prejudicou o andamento da entrevista. Como o objetivo era registrar o pronome indicativo de posse, no decorrer da entrevista adicionei, sutilmente, de acordo com o andamento do diálogo, pergunta do tipo “De quem é ...?”, para que o entrevistado tivesse a oportunidade de responder “É ... PPOS”, como ocorreu no exemplo (12) seguinte:

⁵ A esse respeito fiz o seguinte teste: em três ocasiões diferentes, comentei com três professores da rede pública (ensino básico) que estava fazendo uma pesquisa na Ilha dos Valadares. Relacionei-lhes algumas ocorrências do PPOS *inovador*. Recebi como primeira observação: “É, o pessoal da ilha fala errado mesmo”.

(12) A- De quem é a televisão ?

V- *Meu.*

A- De quem ?

V- É *meu* (G4,65).

Em outras ocasiões, no clima da conversa, o próprio informante, espontaneamente, encarregou-se da produção da forma possessiva, como mostram as transcrições das entrevistas e gravações (G1 a G11) no anexo 3.

Partindo de minhas observações, das ocorrências anotadas no Anexo 2 e das gravações do Anexo 3, observei que está havendo a utilização regular do PPOS *inovador* em Valadares, ao lado do PPOS *tradicional* e da forma *nova*, para estabelecer relações de posse. E que a população da Ilha dos Valadares está estendendo o uso desse PPOS *inovador* a contextos não-possessivos.

Essa variação para o uso do PPOS em Valadares, podemos dizer, está intimamente relacionada a fatores lingüísticos e sociais. Assumo a concepção de WEINREICH (1968, 186-7) de que:

... a variação lingüística começa quando um dos muitos traços característicos da variação da fala espalha-se através de um subgrupo específico da comunidade de fala. Este traço lingüístico então assume um certo significado social — simbolizando os valores sociais associados a esse grupo. () A variação lingüística começa quando a generalização de uma alternância particular num dado subgrupo da comunidade de fala assume o caráter de uma diferenciação ordenada.

E é baseado nessa perspectiva que passarei a um estudo qualitativo dos fenômenos observados.

Podemos supor que estes fenômenos lingüísticos variáveis de uso do PPOS não são aleatórios e serão analisados para propor-lhes possíveis explicações dentro do sistema lingüístico onde se inserem. Os condicionamentos que possibilitam o uso dessa forma *inovadora*, e sua extensão de uso a contextos não-possessivos, porém, podem surgir de dentro ou de fora desse sistema lingüístico e, lembrando WEINREICH (1968), podem ter motivações lingüísticas ou extralingüísticas. É o que se procurará verificar no decorrer do trabalho.

Para que possamos entender estes condicionamentos que talvez acarretem variação de uso do PPOS em Valadares, necessário se faz o conhecimento do ambiente físico da ilha e de sua história (o que será visto no capítulo 2), bem como do perfil da amostra (capítulo 3), pois pode-se aventar a possibilidade de interferência desses fatores sobre a produção da forma *inovadora*. No capítulo 4 será delineado o sistema pronominal em uso no português do Brasil para compará-lo com o sistema pronominal em uso em Valadares (capítulo 5). As considerações finais do trabalho estarão no capítulo 6.

2. PARANAGUÁ E A ILHA DOS VALADARES: HISTÓRIA E GEOGRAFIA.

Separada do continente pelo rio Itiberê a Ilha dos Valadares faz parte do município de Paranaguá⁶. No decorrer de sua história Valadares recebeu grande quantidade de migrantes do litoral e outras regiões paranaenses. Traçar-se um perfil do ambiente físico e socio-histórico da região, verificando seu processo de colonização e povoamento, é importante para tentarmos entender o processo de variação de uso do PPOS, buscando dados etno-históricos que porventura favoreceram o surgimento dessa forma *inovadora*. Pois como diz LABOV (1975) citado por TARALLO (1991, p. 12-13) *a mudança lingüística começa como padrão de comportamento local de um determinado grupo social, geralmente resultante da imigração de outra região. Generaliza-se entre o grupo e associa-se aos valores sociais atribuídos a esse grupo.*

Como veremos a partir de agora, o processo de colonização da Ilha dos Valadares coincide com o de Paranaguá, iniciando-se no mar em direção ao continente.

2.1. Colonização e povoamento de Paranaguá.

A Vila de Nossa Senhora de Paranaguá foi o primeiro núcleo populacional do litoral paranaense, estabelecido pelos primeiros colonizadores vicentistas (oriundos da Capitania de São Vicente). Compreendia a Vila de Paranaguá toda a extensão de terras que ia da barra de Superagüi⁷ atravessando inúmeras ilhas e vilarejos, chegando finalmente à Ilha da Cotinga e ao continente.

⁶ Para informações geográficas sobre Paranaguá, Valadares e demais ilhas vizinhas, consultar Anexo 4.

⁷ Para informações geográficas sobre Guaraqueçaba, Superagüi e região, consultar Anexo 5.

Inicia-se a ocupação do território paranaense pela região de Superagüi, península considerada ilha pelo fato de ter sido construído um canal denominado *varadouro* para facilitar a navegação na região (BOUTIN, 1983). Embora já se encontrasse o lusitano na região por volta de 1550, a colonização se torna efetiva a partir do momento em que Diogo de Unhate, após participação de uma *bandeira* para aquisição de escravos aprisionando índios da nação carijó para trabalhar em plantação de açúcar em São Paulo, requereu e recebeu a primeira sesmaria em 1614 (RIBEIRO FILHO, 1967). Mais tarde, como atesta NASCIMENTO JR. (1980), em 16 de dezembro de 1727, este processo agiliza-se mais quando a Vila de Paranaguá toma posse das terras de Superagüi para a povoação e no interesse de defesa da costa.

O povoamento e colonização dessa região podem ser divididos em várias fases:

- a) Fase primordial, caracterizada exclusivamente pela presença do silvícola, o habitante nativo.
- b) Fase da ocupação ibero-índigena, caracterizada pela dominação da terra pelo branco que se mistura ao índio para a fundação da Vila.
- c) Fase da ocupação européia não-ibérica, representada por africanos, suíços, franceses, italianos, dinamarqueses, etc.
- d) Fase das migrações, com a chegada de migrantes de outras regiões.

As fontes para o estudo da população paranguara em épocas longínquas são escassas. Segundo MEQUELUSSE (1975) os dados populacionais do século XVIII e século XIX restringem-se a censos coloniais com objetivos militares, listas nominativas dos habitantes para o confronto com a Espanha e colaboração paroquial. Não tive acesso a censos coloniais. As listas nominativas com dados mais completos são dos anos 1776 a 1881 e trazem informações não-relevantes ao tema em questão. Interessaram-me dados mais recentes obtidos junto à Diocese de Paranaguá, contabilizados a partir de 1917 (antes dessa data a paróquia não possui dados para análise ou não puderam ser

dispensados para a pesquisa), através dos quais pude construir o perfil da população parnanguara dessa última fase.

Partindo destes dados, foi feita a avaliação da formação populacional de Paranaguá de 1917 a 1930, de acordo com o número de casamentos ocorridos na paróquia e registrados em livro próprio. Os registros de casamentos dessa época trazem como informação o nome dos nubentes, suas origens e filiação, entre outras coisas. O quadro seguinte mostra a origem dos cônjuges no período de 1917 a 1930.

QUADRO I

Origem dos cônjuges de 1917 a 1930 da cidade de Paranaguá

DATA	PR(%)	SP(%)	SC(%)	OUTROS ESTADOS	OUTROS PAÍSES
1917-1918	87,36	0,58	5,17	1,72	5,17
1919-1920	88,63	1,82	1,36	4,55	3,64
1921-1922	90,94	2,16	0,86	2,59	3,45
1923-1924	90,95	1,87	1,56	2,81	2,81
1925-1926	88,77	2,90	1,81	3,62	2,90
1927-1928	82,46	3,07	3,95	4,82	5,70
1929-1930	76,84	5,15	6,62	7,35	4,04
MÉDIA	86,56	2,51	3,05	3,92	3,96

Percebe-se que a grande maioria dos casamentos na região, no período, foram entre pessoas nascidas no estado do Paraná (86,56%). Grande parte dessas pessoas são originadas da região litorânea (Paranaguá, Guaratuba, Antonina, Morretes, Guaraqueçaba, ilhas e colônias vizinhas), uns poucos nasceram em Curitiba, Ponta Grossa, Palmeira e Lapa.

Como Paranaguá sempre teve contato muito íntimo com São Paulo e Santa Catarina por via marítima, as pessoas casadas na época estudada oriundas desses estados (2,51% de São Paulo; 3,05% de Santa Catarina) vieram das cidades portuárias de Santos e Itajaí.

Oriundos de outros estados (que não São Paulo e Santa Catarina), obteve-se 3,92% de indivíduos migrantes do Nordeste (Maranhão, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Bahia, Sergipe, Alagoas, Ceará), do Sudeste (Rio de Janeiro) e do Sul (Rio Grande do Sul).

Oriundos de outros países obteve-se a média de 3,96% de indivíduos, principalmente portugueses (28,57% do total), sírios (26,19% do total), italianos (23,81% do total), espanhóis (11,90% do total) e o restante distribuído entre poloneses, americanos, holandeses, austríacos.

Com precisão constata-se que de 1917 a 1930, pela relação dos casamentos documentados, a população parnanguara era formada principalmente por indivíduos originados da região litorânea; constata-se também que Paranaguá recebeu migrantes de outros estados brasileiros e de outros países, em pequena quantidade. Raros foram os que se estabeleceram em Valadares.

Em dias mais recentes, notadamente a partir dos anos 70, Paranaguá (e a Ilha dos Valadares) recebeu certo contingente populacional das diversas ilhas do litoral. E a partir do término das obras de Itaipu, em redor dos anos 80 (GARCIA & GARAVELLO, 1992), nova leva de migrantes de outras regiões do próprio estado do Paraná, aportou em Paranaguá em busca de trabalho, constituindo mão-de-obra barata e sem especialização, utilizada na construção civil. Esse novo contingente migratório invadiu (literalmente) a Ilha dos Valadares, cujo território, por ser domínio da União, era de fácil ocupação.

De concreto constatei que o fluxo migratório dessa última fase não afetou diretamente a constituição do povo de outras ilhas da costa paranaense, ascendentes diretos da população de Valadares que, supõe-se, permaneceram dentro de seu isolamento lingüístico e cultural.

2.2. Os índios carijós.

Os habitantes primitivos do litoral paranaense, assim como seus ascendentes, viviam em harmonia com a natureza, sobrevivendo da caça e da pesca. A origem deste grupo que dominou toda a costa marítima da antiga Capitania de Paranaguá é ainda causa de discórdia entre os antropólogos. Alguns consideram o homem encontrado na América um produto do solo americano; outros os vêem como migrantes de povos semitas da Ásia ou do tronco Turano, a que pertencem as raças mongólicas (WACHOWICZ, 1967). Essa controvérsia, porém, reveste-se de menor importância para o estudo a que me proponho.

Interessa-me saber que os índios brasileiros que se estabeleceram na região do litoral paranaense foram os tupis da tribo carijó. Indícios desses homens primitivos na região são as marcas dos grandes depósitos de berbigões e cascas de ostras e mariscos, a que os historiadores denominam *sambaquis*. Possivelmente foram os *sambaquibas* (como eram conhecidos os construtores dos *sambaquis*) miscigenados que originaram os carijós. Pelas palavras de VIEIRA DOS SANTOS (1850, p.95):

Em todas as Ilhas, e inda em pequenos ilhotes destas Bahias, se tem encontrado grande quantidade de ostreiras; ou porque naquelles lugares havia maior abundância dellas, ou nellas era mais fácil a pescaria de peixe, taes são as Ilhas das Cobras, dos papagaios, raza pequena, Cotinga, raza grande, a das Gamellas, das Ostras, do Benito, do Pauvuçá, do Pinto, Bigüá, nas duas do Jererê, do Guararema, Teixeira, do Lamin, das Palmas, do Itapema, Corisco, Uvimiranga, do Albano, do Gonçalo, a do Souza, a do Barboza, a do Rolim e Mourão, e outras mais.

Etimologicamente temos duas versões para o termo carijó: *cari io* (forma contracta de *cari ioc*) que quer dizer o que vem do branco ou de uma raça superior; e a versão dos antigos jesuítas (mais aceitável) que davam aos índios das matas do nosso litoral o nome de *caahijós*, que quer dizer filhos da mata, para distingui-los dos *tapes*, *minuanos* e *chárruas* que eram filhos ou habitantes dos campos. Os filhos da mata foram os primeiros habitantes da costa paranaense, ali encontrados pelos colonizadores portugueses. Pela presença do branco escravizador e invasor de suas terras, os carijós, inicialmente dóceis, tornaram-se agressivos e cruéis. A nação carijó, considerada forte, compunha-se em 1600, na época da colonização, de aproximadamente duzentos mil homens armados, sendo que na Vila de Paranaguá havia em torno de oito mil carijós, conforme afirmação de VIEIRA DOS SANTOS (1850).

Com o passar do tempo o nativo foi domesticado. Aqueles que não o foram, retiraram-se para o sertão, num êxodo lento para o centro do continente. Preciosa informação sobre a situação desse grupo indígena é dada por MARTINS (1939, p. 40):

Dominadores de toda a costa marítima, de Cananéia à Lagoa dos Patos, (foram) atacados e preados em grandes levas na região de Paranaguá pela bandeira de Jerônimo Leitão em 1585. Pouco antes de 1640 Gabriel de Lara recebeu, ao procurar estabelecer-se em Paranaguá, a hostilidade do gentio carijó, possivelmente ressentido do assalto bandeirante de 1585. E prudentemente se localizou com sua expedição na Ilha da Cotinga, fronteira ao continente, para onde se transferiu depois, fundando a Vila de N. S. do Rosário de Paranaguá. Tendo captado a confiança dos índios, deles se serviu para a descoberta e exploração do ouro. Assim foi que os carijós que não se internaram no sertão fugindo a outras agressões dos brancos passaram a constituir o lastro de nossa população litorânea. Ainda hoje nossa gente praieira conserva o tipo de seu ascendente indígena

Pode-se considerar que a convivência entre os carijós e os ibéricos que para cá vieram como conquistadores tenha sido proveitosa. Dos nativos os brancos aprenderam técnicas agrícolas, da pesca e da confecção de utensílios,

bem como receberam influência no vocabulário. Do branco receberam, em contrapartida, uma melhor estruturação social.

2.3. A ocupação ibero-indígena.

A presença do branco em Superagüi já se fazia sentir a partir de 1550, como vimos anteriormente, e coincide com o início da colonização lusitana. A partir dessa data, muitas expedições ocorreram, como a de Leitão em 1585, Lázaro da Costa em 1615, Antonio Pedroso em 1616 (RIBEIRO FILHO, 1967) que apressaram a ocupação ibérica. Da presença dos portugueses na região de Superagüi, antes da fundação da Vila de Paranaguá, dá testemunho HANS STADEN (1995), em que esboça até um mapa da baía de Paranaguá.

Por volta de 1550-1560 os primitivos fundadores da Vila de Paranaguá estabeleceram-se na Ilha da Cotinga, tendo como seu líder e apaziguador dos carijós Domingos Peneda, enviado pela Capitania de São Vicente. Nessa época não existia ainda a Vila de Paranaguá. Oficialmente a Vila de Nossa Senhora de Paranaguá foi fundada em 1640, sendo reconhecida por carta régia de 1648, tendo Gabriel de Lara como fundador-povoador, já no continente, quando as relações com os carijós se tornaram amistosas. A constituição da Vila foi uma necessidade para fortalecer o domínio português, visto que a descoberta de ouro no povoado e as divergências entre as cortes de Portugal e Espanha a respeito das colônias portuguesas e espanholas na América, precipitaram expedições castelhanas à região. Dessa maneira chegaram os primeiros espanhóis. Além desses, o povoamento do litoral se deu por homens atraídos pela cobiça do ouro. Como conta NASCIMENTO JR. (1980, p. 23), a Vila era formada por:

Simples burgo ou arraial de mineradores e aventureiros brancos em mistura com índios e negros, formando uma sociedade primitiva, instável, caótica e entregue a todos os desenfreios dos instintos e das paixões e em cujo meio uma ou duas dezenas de homens de pról (sic) com família e radicados à terra pelas lides agrícolas, nos arredores do povoado ou em sítios afastados do recôncavo, mal podiam fazer

sentir os influxos da moral e da religião, básicos de toda organização social capaz de progredir somente quando alicerçada na ordem e no respeito à vida e aos direitos individuais.

Descendentes dos primeiros portugueses e castelhanos misturaram-se entre os índios, criando o seu modo de vida. Esta é a raiz ibero-indígena da população litorânea do Paraná.

2.4. A ocupação européia não-ibérica.

A ocupação não-ibérica de origem européia começou pela região de Superagüi. Como documenta o professor BOUTIN (1983) o que chama a atenção na região de Superagüi, entre outras coisas, é a presença de famílias locais de nomes não luso-brasileiros. Este fato indica a colonização luso-indígena no início e posteriormente colonização com outros elementos raciais de outras regiões da Europa.

A partir de 1852 chegaram à região de Superagüi colônias européias de várias origens, em que se destacam os suíços. Logo a seguir vieram os italianos (que se fixaram também no continente), como também franceses e dinamarqueses.

2.5. A Ilha dos Valadares.

A Ilha dos Valadares situa-se na baía de Paranaguá, no litoral paranaense, distando aproximadamente 400m do continente. Dizemos isso na atualidade, pois como ilustra o depoimento da informante 68, 73 anos, moradora do local há 71, antigamente a ilha era bem diferente: *“A ilha era funda demais. Eu lembro que a gente ia ... tinha (...) grande. Aí o navio atraca(va) e vinha até pra cá, ó, o navio”*. Em outro trecho da entrevista ela compara: *“Porque antigamente a ilha não era assim. Era cheia de ... de ... de pau, fechado. O mar ia até lá o Quartel do Vinte, né”*, concluindo sua reflexão logo em seguida, *“e*

depois que foi dragado isso aí ó, a maré não cresceu mais". Vamos tentar interpretar as palavras da informante. Este depoimento comprova que em décadas passadas a ilha dos nossos avós era praticamente desabitada (*funda*, porque a mata cobria toda a ilha. Contou-me a informante que ela lenhava mais pro *fundo* da ilha). Deixa-nos entrever ainda que a distância que separava o continente da ilha era muito maior (a distância pode ser mensurada pela largura do antigo rio Itiberê, que fez a mulher testemunhar que permitia o tráfego de *navio*, ou barco de pequeno porte, e confundir os termos rio e *mar*), dificultando o acesso à cidade, o que contribuiu sobremaneira para o isolamento dos insulanos de Valadares. Atualmente, por interferência de mãos humanas o rio Itiberê, que banha Paranaguá, foi dragado (usando a expressão da informante), suas margens aterradas, as distâncias encurtadas. Na margem do rio, no continente, construções como o mercado novo e o ginásio de esportes surgiram, chamando a atenção para o local, portão de entrada para Valadares.

Muito mais acessível ao continente, Valadares cresceu em importância. Possui área de 2,8 km² limitando-se ao norte com a baía de Paranaguá, ao sul com o canal do *Cidrão*, a leste com o rio dos Correias e a oeste com o rio Itiberê.

Recebeu esse nome a ilha em referência a família de ilustre ascendência que ali fixou residência (NASCIMENTO JR., 1980). Antigamente Valadares não era uma ilha mas um cabo ligado ao continente por um istmo. Devido a um corte feito pelos mineradores e sitiantes nesse istmo, na cabeceira dos rios dos Correias e dos Almeidas, para abreviar as distâncias, o ambiente foi modificado. Surge o canal do *Cidrão*, que evita a descida dos moradores através desses cursos fluviais até a foz, encurtando o trajeto comercial com o continente.

Com características similares a outras ilhas da costa (clima tropical super-úmido, temperatura média de 24,6°C, terrenos areentos), Valadares tornou-se o local preferido para aporte de retirantes de ilhas e regiões vizinhas como Cotinga, Amparo, Piaçaguera, São Miguel, Prainha, Peças, Rasa, Sebuí, Mel,

Massarapuã, Laranjeiras, Guapicú, Tibicanga, Bertioga, Pinheiros, Canudal, Vila Fátima, etc.

Se até a década de 70 a ilha era refúgio de poucas famílias de pescadores e sitiantes, a partir daí começa a crescer, explodindo demograficamente na década de 80, numa ocupação desordenada, mas ainda caracterizada como *residência de pescadores e trabalhadores braçais* (NASCIMENTO JR., 1980), isolados geograficamente do convívio com o resto da cidade. Nesse isolamento emerge uma comunidade típica, com valores culturais originais, tradicionais e uma estrutura social e urbana peculiar, marcada pela precariedade. De acordo com o censo socioeconômico de 1995 fornecido pela Prefeitura Municipal de Paranaguá, a Ilha dos Valadares é habitada por 3085 famílias.

Em 29.07.91 une-se a ilha ao continente através de uma passarela que, embora tenha trazido maior comodidade ao povo da ilha, não permite o trânsito de automóveis (a não ser a ambulância da prefeitura). O isolamento total se desfez. Os outros meios de contato entre ilhéus e o continente continuam sendo as pequenas embarcações (canoas e bateiras), para locomover as populações dos bairros mais distantes. Hoje a ilha é considerada o maior bairro de Paranaguá. Sua população vive da pesca, do artesanato, da prestação de serviços gerais direcionados à cidade de Paranaguá. Seu território pertence ao Patrimônio da União. É considerada pela prefeitura como *aglomerado rural*.

Possui duas ruas principais. As casas são simples e de difícil acesso, através de ruas estreitas. A ilha possui três escolas de ensino básico, quatro igrejas, uma sub-prefeitura, módulo policial, uma creche mantida pela LBA, um posto de saúde, uma farmácia e diversos pontos comerciais pequenos, como bares e mercearias, onde se utiliza ainda o velho *caderninho* de compras. Sua estrutura sanitária, administrativa e urbana é precária, permitindo maior discriminação em relação a seus moradores, geralmente reconhecidos pelo pejorativo *da ilha*.

Nos dias de hoje a realidade é bem diferente da que viveu a informante 68; o pejorativo *da ilha* ainda persiste, mas sem as conotações de antigamente.

Os habitantes de Valadares que ali chegaram até a década de 80, descendente de indivíduos de outras ilhas e regiões da costa litorânea do Paraná, embora sintam o desconforto de ser reconhecidos como ilhéu, sentem orgulho de suas raízes, como delinearei no perfil da amostra em seguida.

É no local com estas características que se processa a pesquisa de uso da forma *inovadora* do PPOS.

3. PERFIL DA AMOSTRA E METODOLOGIA.

3.1. O Perfil da Amostra.

O perfil da amostra pode ser estabelecido pela análise da ficha socioeconômica apresentada no Anexo 1, ao final do trabalho. A amostra é constituída por 78 moradores do local, distribuídos por idade, escolaridade e nível social. Os fatores extralingüísticos sexo e etnia não serão analisados pela dificuldade de avaliação no âmbito da pesquisa.

Quanto à etnia, porém, ressalte-se que, para testar a hipótese da influência desse fator sobre a ocorrência da forma *inovadora* de PPOS em Valadares, percorri diversas localidades de onde migraram antigos habitantes insulanos. Deparei-me com esse tipo de variação em várias ilhas como Rasa, Tibicanga e Cotinga. Sendo essa região berço da colonização do litoral (como vimos no capítulo 2), vislumbrei a possibilidade de esta forma *inovadora* ser um legado lingüístico da população predecessora desses locais, a saber, os descendentes de europeus e indígenas da tribo tupi. Pois, se por um lado, como diz BOUTIN (1984) *no final do século passado os primitivos imigrantes europeus já se tinham adaptado e abasileirado, deixando como herança visível o aspecto físico apresentado pelos descendentes dessa população*, fruto da mistura entre europeus e indígenas, por outro lado o aspecto lingüístico também o é. Devido a isso notamos a presença dessa língua dos colonizadores em patronímicos e no vocabulário, em termos técnicos da atividade de pesca⁸.

A língua indígena ainda é conservada por grupos tupis aculturados, que cultivam também antigas tradições. Com o intuito de obter informações que pudessem contribuir para esta pesquisa, travei contato com um grupo indígena de

⁸ Sobre o assunto consultar WACHOWICZ (1967), MERCER (1979).

Guaraqueçaba e outro da Ilha da Cotinga. Os primeiros mostraram-se arredios e inacessíveis. O outro grupo indígena visitado (com o apoio de uma ordem religiosa católica) que vive na ilha contígua a Valadares foi mais acessível. Através do auxílio do professor indígena Jair, ligado à FUNAI, professor de português e guarani na comunidade indígena da Cotinga, após aproximação lenta e difícil, e no decurso de várias semanas, obtive subsídios sobre o guarani no que tange aos PPOS. Em conversas com o índio professor descobri o sistema pronominal possessivo em guarani, que pedi fosse transcrito num papel:

QUADRO II

Quadro comparativo do PPOS em português e guarani

PPOS EM PORTUGUÊS	PPOS EM GUARANI
Meu, meus	Ce e va -e
Minha, minhas	Ce bam - e
Teu, teus	Nde e va
Tua, tuas	Ne bam - e
Seu, seus	Ce mba - e
Sua, suas	Ne mba - e
Nosso, nossos	Ore mba - e
Nossa, nossas	Pé né mba - e
Vosso, vossos	Oré ré kua
Vossa, vossas	Npé nde re kua
Dele, deles	Ne mba - e
Dela, delas	Î mba - e
De você, de vocês	Upe ako ne mba - e

Acredito que a concordância em número seja dada por algum morfema dentro da frase. Não com o objetivo de descobrir tal fato, somente desejando saber da posição do PPOS no interior de um sintagma com valor possessivo em

guarani, pedi ao professor que traduzisse as seguintes expressões, com os respectivos resultados:

- 1- Minha casa é grande - “cero tuvixa”
- 2- Tua casa - “ndero”
- 3- Nossas casas são pequenas - “orero man kyrî”
- 4- Esta casa é nossa - “ava-e hoo man orero”
- 5- Meu barco - “cekanoá”

Assim como o termo *barco* na língua guarani parece ter uma conotação diferente da língua portuguesa (parece-me claro que o termo *kanoá* utilizado no lugar de *barco* corresponde ao nosso *canoa*, palavra de gênero feminino), o termo *casa* na língua guarani aparenta ter também alguma conotação diversa da nossa, tomando-se por gênero masculino. Mais claro ainda é que o termo *casa* significa *ro* em guarani e coloca-se na segunda posição em relação a *ce*, *nde* e *ore*, que são PPOS e encontram-se na posição inicial do sintagma. O mesmo diga-se de *kanoá* em relação a *ce*.

Isto pode significar que a ordem canônica do PPOS em guarani seja semelhante à da língua portuguesa, ou seja, antecedendo o nome (isto é mera suposição que necessitaria maiores estudos para ser comprovada). Logo, diverge da estrutura encontrada na forma *inovadora* onde o PPOS aparece posposto ao nome.

Qualquer afirmação convincente sobre a influência dos fatores etnia e sexo na produção da forma *inovadora* do PPOS demandaria outro tipo de análise e por esse motivo não serão considerados no presente estudo. Considerarei, portanto, como fatores imprescindíveis para estabelecer o perfil da amostra, a idade, a escolaridade e o nível social. Necessária se faz a análise desses aspectos arrolados, resumidos pela ficha socioeconômica apresentada no Anexo 1 do trabalho.

Antes de mais nada, porém, convém adiantar algumas informações. Em relação a sua economia Valadares é constituída por indivíduos economicamente ativos e economicamente inativos. Nesta última categoria encontram-se os aposentados, desempregados, incapacitados, donas de casa sem fonte de renda e crianças. Na faixa dos indivíduos economicamente ativos, ou seja, aqueles que recebem pagamento por determinado tipo de trabalho, há duas espécies de indivíduos, que denominarei aqui massa trabalhadora estável e massa trabalhadora instável. Por massa trabalhadora estável entenda-se os indivíduos com emprego fixo que independem de safra e não têm, em alguma época do ano, impedimento para o exercício da profissão. Estes geralmente são filiados a algum sindicato portuário⁹ ou entidade classista cuja atividade é ligada ao porto ou comércio municipal. Aqueles, que durante certa época do ano ficam privados de uma atividade remunerada (legalmente, como é o caso dos pescadores na época do *defeso*¹⁰; ou incidentalmente, como é o caso dos trabalhadores na construção civil), fazem parte da massa trabalhadora sem estabilidade empregatícia, ou, como denominei, massa trabalhadora instável.

Faz-se menção a esse fato com o intuito de esclarecer que existe, na localidade, um grande contingente de trabalhadores braçais e de pescadores nessas condições. A partir desse panorama, onde se vislumbram profissionais sem especialização, constituindo mão-de-obra barata, podemos ter idéia das

⁹ A Ilha dos Valadares possui trabalhadores nos seguintes sindicatos portuários ou entidade classista:

- a) Sindicatos dos Estivadores de Paranaguá, responsável pela movimentação de cargas no interior do navio. É a chamada *estiva*
- b) Sindicato dos Arrumadores de Paranaguá, responsável pela movimentação de cargas no costado do navio. É o chamado *arrumador*.
- c) Sindicato dos Trabalhadores na Movimentação de Mercadorias em Geral de Paranaguá, responsável pela movimentação de cargas nos armazéns de retaguarda, fora do porto. São os antigos *ensacadores*.
- d) Sindicato dos Trabalhadores de Bloco dos Portos de Paranaguá e Antonina, responsável pela manutenção das instalações portuárias, entre outras funções. São os *bloquistas*.
- e) Colônia de Pescadores Z-1 de Paranaguá.

¹⁰ *Defeso* é a proibição da pesca durante a procriação com o intuito de preservação das espécies.

características socioeconômicas dessa comunidade. Aprofundamo-nos mais ainda nesse panorama quando analisamos os padrões de escolaridade. A escolaridade dos informantes da amostra será estabelecida nos seguintes níveis:

- a) Sem instrução.
- b) Nível primário — de 1^a. a 4^a. séries.
- c) Nível ginasial — de 5^a. a 8^a. séries.
- d) Nível secundário — 2^o. grau.

Teceremos maiores considerações sobre o nível de escolaridade ao relatarmos a ficha socioeconômica mais adiante, no anexo 1. O mesmo pode-se dizer do item idade que englobará quatro estratos:

- a) Primeira faixa etária: até 20 anos.
- b) Segunda faixa etária: de 21 a 35 anos.
- c) Terceira faixa etária: de 36 a 50 anos.
- d) Quarta faixa etária: acima de 50 anos.

O item classe social foi o de mais difícil mensuração. A primeira questão que se colocava era a seguinte: sendo um fator um tanto abstrato, como faria para enquadrar a amostra dentro desse item ? Em busca de um parâmetro de medida que pudesse ser unanimemente aceito, visitei o escritório do IBGE de Paranaguá, sendo muito bem atendido. Esse órgão governamental, embora não faça distinção de classe social em suas pesquisas, estipula em seu Anuário Estatístico do Brasil (1995) as Classes de Rendimento Mensal Familiar (por mim resumido RMF), que utilizarei como comparação em meus estudos e que são as seguintes:

- a) Até 0,5 Salário mínimo (SM).
- b) Mais de 0,5 a 1 SM.

- c) Mais de 1 a 2 SM.
- d) Mais de 2 a 3 SM.
- e) Mais de 3 a 5 SM.
- f) Mais de 5 a 10 SM.
- g) Mais de 10 a 20 SM.
- h) Mais de 20 SM.

Baseados nos estudos do IBGE, Anuário Estatístico do Brasil, 1995, por exemplo, podemos calcular a distribuição de renda da população economicamente ativa da população brasileira:

Quadro III
Distribuição de renda da população economicamente ativa no
Brasil de acordo com o IBGE, Anuário Estatístico do Brasil - 1995

FAIXA DE SM	Parcela da população economicamente ativa em cada grupo de 100 trabalhadores (%)
Até 0,5 SM	11,915
Mais de 0,5 a 1 SM	25,343
Mais de 1 a 2 SM	24,163
Mais de 2 a 3 SM	12,260
Mais de 3 a 5 SM	11,727
Mais de 5 a 10 SM	8,737
Mais de 10 a 20 SM	3,872
Mais de 20 SM	1,983

Outro estudioso do assunto, o professor MELHEM (1994), utilizou-se dos dados do IBGE (só que do Anuário Estatístico do Brasil de 1992) em seus

trabalhos. Tendo por base tabela a seguir, MELHEM (1994) classifica a população mais pobre em indivíduos que vivem em *situação de miséria* e *situação de pobreza* e faz alguns comentários que, por serem de interesse para a presente pesquisa, serão transcritos em seguida:

QUADRO IV

Distribuição de renda da população economicamente ativa no Brasil de acordo com Melhem, baseado no Anuário Estatístico do Brasil - 1992

FAIXA DE SM	Parcela da população economicamente ativa em cada grupo de 100 trabalhadores (%)
Até 0,5 SM	11,00
Mais de 0,5 a 1 SM	19,00
Mais de 1 a 2 SM	22,00
Mais de 2 a 3 SM	12,00
Mais de 3 a 5 SM	15,00
Mais de 5 a 10 SM	12,00
Mais de 10 a 20 SM	6,00
Mais de 20 SM	3,00

Comentário do professor MELHEM (1994, p. 31):

De cada grupo de 100 brasileiros que trabalham, 30 pessoas (11+19) ganham de meio até 1 salário mínimo e vivem, portanto, em situação de miséria (grifo do autor). No caso de renda mensal entre mais de 1 até 2 salários mínimos, são 22 pessoas em cada grupo de 100 que ganham essa quantia. São, portanto, 22 pessoas em cada grupo de 100 que vivem em situação de pobreza (grifo do autor). Esses dados são vergonhosos para um país que se orgulha de ser a 10ª economia

mundial. É um verdadeiro escândalo e desrespeito ao ser humano, que com essa baixa renda se vê impedido até do direito de se alimentar de forma adequada.

Para Valadares utilizarei o mesmo parâmetro de comparação de MELHEM, que classifica o padrão de vida da população economicamente ativa, nos seus mais baixos níveis, ou seja, aqueles que ganham até 2 SM, em indivíduos que vivem em situação de miséria e situação de pobreza.

Por outro lado, raciocinando de acordo com a proposição de MELHEM e fazendo um paralelo entre os dados dos Anuários Estatísticos de 92 e 95, pode-se dizer que, de 92 a 95, em cada grupo de 100 brasileiros que trabalham, aumentou o índice dos que vivem em *situação de miséria* (de 30 para 37) e dos que vivem em *situação de pobreza* (de 22 para 24). Estes dados estatísticos servirão para indicar o perfil da amostra de Valadares.

Para tanto, o rendimento médio familiar mensal (RMF) ou o rendimento médio mensal do indivíduo solteiro (RMM) da amostra foi obtido pelo contato direto (visita domiciliar) ou pelo manuseio de documentos dos diversos órgãos de classe (com esse intuito visitei os diversos sindicatos classistas relacionados anteriormente). Quando se tratou de inativo aposentado, pescador e de pensionista, pesquisei junto ao INSS a aposentadoria, remuneração ou pensão percebida. Quando se tratou de criança (ou inativo dependente), estipulei o rendimento médio familiar do(s) pai(s) (RMFp) como referência ao indivíduo.

Quando for necessário, no decorrer do trabalho, remeter à ficha socioeconômica de algum informante, este será reconhecido pelo primeiro algarismo do Anexo 1. Assim, por exemplo, Atáilson será o informante 1. Nas fichas socioeconômicas constam o nome, sexo, idade, nível de escolaridade, origem, há quanto tempo moram na ilha, profissão, estado civil RMF/RMFp/RMM, número de filhos e origem dos pais.

3.1.1. Considerações gerais sobre o perfil da amostra:

Baseados nas informações das fichas socioeconômicas dos setenta e oito informantes da amostra (reconhecidos pelos números de 1 a 78 no Anexo 1), podemos abstrair as seguintes considerações:

a) Quanto à escolaridade:

	Nº. de indivíduos	Porcentagem
Sem instrução	16	20,51
Primário	25	32,05
Ginásio	27	34,62
Secundário	10	12,82
TOTAL	78	100,00

b) Quanto à idade:

	Nº. de indivíduos	Porcentagem
Até 20 anos	11	14,10
De 21 a 35 anos	34	43,59
De 36 a 50 anos	15	19,23
Acima de 50 anos	18	23,08
TOTAL	78	100,00

c) Quanto à origem:

1. Nasceram na ilha os informantes 1, 2, 3, 6, 8, 13, 21, 22, 24, 26, 30, 31, 32, 33, 37, 38, 39, 41, 45, 46, 47, 49, 50, 51, 53, 55, 57, 60, 69, 70, 74, 76, 77 e 78.

	Nº. de indivíduos	Porcentagem
Até 20 anos	11	14,10
De 21 a 35 anos	15	19,23
De 36 a 50 anos	08	10,26
TOTAL	34	43,59

2. Chegaram na ilha com menos de 5 anos: 9, 23, 27, 35, 48, 52, 54, 59 e 68.

	Nº. de indivíduos	Porcentagem
De 21 a 35 anos	07	8,97
Acima de 50 anos	02	2,56
TOTAL	09	11,53

3. Chegaram na ilha com 5 a 10 anos: 4, 5, 16, 28, 40, 42, 56 e 67.

	Nº. de indivíduos	Porcentagem
De 21 a 35 anos	05	6,41
De 36 a 50 anos	02	2,56
Acima de 50 anos	01	1,28
TOTAL	08	10,25

4. Chegaram na ilha com mais de 10 anos: 7, 17, 20, 43, 58, 61, 66, 72, 73 e 75.

	Nº. de indivíduos	Porcentagem
De 21 a 35 anos	03	3,85
De 36 a 50 anos	02	2,56
Acima de 50 anos	05	6,41
TOTAL	10	12,82

5. Chegaram na ilha com mais de 20 anos: 10, 11, 12, 14, 15, 18, 19, 25, 29, 34, 36, 44, 62, 63, 65, 64 e 71.

	Nº. de indivíduos	Porcentagem
De 21 a 35 anos	03	3,85
De 36 a 50 anos	02	2,56
Acima de 50 anos	12	15,38
TOTAL	17	21,79

d) Quanto ao rendimento:

Faixas de SM	Nº. de indivíduos	Porcentagem
Até 0,5 SM	01	1,28
Mais de 0,5 a 1 SM	16	20,51
Mais de 1 a 2 SM	13	16,67
Mais de 2 a 3 SM	16	20,51
Mais de 3 a 5 SM	18	23,08
Mais de 5 a 10 SM	13	16,67
Mais de 10 a 20 SM	01	1,28
Mais de 20 SM	00	0,00
TOTAL	78	100,00

3.1.2. Caracterização da amostra:

Da análise da ficha socioeconômica (Anexo 1), podemos afirmar que:

a) Quanto à escolaridade:

Dos integrantes da amostra 20,51% não possuem instrução; 66,67% possuem ensino básico; 12,82% possuem ensino médio.

b) Quanto à idade:

A maioria dos componentes da amostra (43,59%) situa-se na faixa etária de 21 a 35 anos pelo maior contato deste pesquisador com indivíduos dessa faixa de idade.

c) Quanto à origem:

Ao analisar-se a origem da população de Valadares verifica-se que o isolamento que a ilha manteve em relação ao continente até mais ou menos a década de 80 fez com que a comunidade preservasse certos costumes e hábitos herdados de seus ascendentes da região de Guaraqueçaba. É comum ainda a utilização em Valadares de certos recursos culinários, cultos religiosos, comportamentos interpessoais típicos dos sítios de Guaraqueçaba.

Na religião, por exemplo, os adultos de Valadares, originados daqueles sítios, cumprem à risca ritos da quaresma, jejum, luto, etc. Entre eles a relação de compadrio significa mais que mera formalidade, o que afeta o relacionamento interpessoal (o afilhado é o filho, o padrinho o pai e como tal merece respeito; os compadres são pessoas estreitamente ligadas). Socialmente valorizam as instituições como a família, a igreja a escola. Culturalmente formam grupos que se reúnem com frequência para a diversão, onde cantam modas, dançam o

fandango e danças de salão em geral, onde impera o respeito nos moldes antigos. Esta deferência mútua mostra-se nos tratamentos respeitosos empregados na comunidade — *o senhor, a senhora, o compadre, a comadre*.

Porém, esse mesmo isolamento que permitiu a preservação de certas tradições, também privou os ilhéus (em geral) de muitos privilégios de que desfrutava a população do continente. Na educação, por exemplo, os professores do continente recusavam-se a lecionar na ilha por muitos motivos. Um deles era o difícil acesso, através de canoas. Lembro-me bem quando minha mãe lecionava na ilha na década de 70. A travessia do rio Itiberê através de canoa a remo era demorada e perigosa para quem não conhecesse os baixios e outros obstáculos naturais do rio. Em dias de chuva não havia condições de travessia e por isso as aulas eram canceladas.

Outro obstáculo era a segurança. Quando em 1986 fui designado para lecionar em Valadares (meu primeiro contato com a ilha), a escola e o ambiente eram diferentes. Embora o transporte tivesse melhorado, pois a travessia, mais segura, era feita por lancha, surgiu o problema da insegurança no local. As pessoas do continente diziam que a ilha era muito perigosa, como afirma o informante 66. Acredito que por pura discriminação em relação aos moradores da ilha. Particularmente nunca tive este tipo de problema.

Outro aspecto que torna interessante o estudo da ilha é o relacionamento que ela sempre manteve com a região de Guaraqueçaba. Distante de Paranaguá por terra, por cinco horas de viagem e de Curitiba por sete, este trajeto restringe-se a três horas por mar até a Ilha dos Valadares. Por isso mesmo muitos moradores de Guaraqueçaba fixaram domicílio na ilha, trazendo em seguida muitos familiares.

A complexidade socio-cultural e geográfica dessa *comunidade de fala*¹¹ propiciou possivelmente diferenciações lingüísticas e sociais da ilha em relação ao continente¹².

Como somente a partir de 1991 Paranaguá passou a conviver mais intimamente com a ilha, através da passarela, a má impressão inicial que o povo do continente tinha sobre os insulanos foi, aos poucos, dissipada. Desse momento em diante Valadares passou a ser valorizada. Descobriu-se a riqueza de sua cultura (o fandango, o folclore, o artesanato, a culinária, etc) e seus costumes.

A linguagem de Valadares é característica de uma região que, apesar das influências externas à ilha, conservou os traços originais de uma comunidade que permaneceu voltada a si mesma durante quase toda a sua curta existência histórica. E foi num ambiente como esse que detectei a forma *inovadora* de uso do PPOS.

Mais relevante é que 43,59% dos componentes da amostra nasceram na ilha. Outros 11,54% chegaram à ilha com menos de 5 anos. Estes têm grande importância na cristalização e propagação desse fenômeno variável, podendo incluí-lo no seu dialeto ou não. Logicamente, aqueles que nasceram no local (ou ali chegaram com pouca idade) são mais significativos. É o caso do informante 26, que nasceu na ilha e cuja produção discutirei no exemplo 175, por ser expressão clara da forma *inovadora* do pronome possessivo.

¹¹ Utilizo aqui o conceito de comunidade de fala empregado por LABOV (1974): grupo de pessoas que compartilham um conjunto de normas comuns com respeito à linguagem, e não como um grupo de pessoas que falam do mesmo modo.

¹² O estudo da língua em ilhas tem funcionado como um verdadeiro laboratório para a investigação de padrões sociais em variação lingüística. O exemplo mais notório é o de Martha's Vineyard (LABOV, 1972). Martha's Vineyard teve a vantagem de ser uma comunidade de fala separada do continente americano pelo Oceano Atlântico por algumas milhas. Ao mesmo tempo possuía uma complexidade social e geográfica que permitiu uma ampla gama de diferenciações no comportamento lingüístico de seus habitantes.

Destacando-se a importância de Guaraqueçaba na constituição da população dos Valadares, saliente-se que ao redor de 35% dos informantes são migrantes daquela localidade. E do total da amostra 57,14% têm pais originados daquela região. Por isso justifica-se um estudo socio-histórico da região de Guaraqueçaba e Superagüi.

d- Quanto à atividade econômica:

Utilizando a classificação de MELHEM vista anteriormente podemos caracterizar a população-amostra da Ilha dos Valadares como de baixa renda, sobrevivendo da pesca e de trabalhos braçais. Nesse contexto, 21,79% dos informantes sobrevivem com rendimento de até 1 SM e podem ser rotulados como indivíduos que vivem, de acordo com MELHEM, em situação de miséria. Pela mesma classificação, 16,67% vivem em situação de pobreza.

Em linhas gerais a amostra possui o seguinte perfil: a maioria possui escolaridade em nível básico (1ª. à 8ª. série); a maioria pertence à faixa etária de 21 a 35 anos. Quase 43% da amostra nasceu na ilha e cerca de 90% possui parentes ligados a Guaraqueçaba e Superagüi. São de baixa renda.

A princípio acreditei que tais fatores extralingüísticos pudessem condicionar a ocorrência da forma *inovadora*, o que não pude comprovar uma vez que não foi possível estabelecer uma amostra que permitisse uma avaliação quantitativa. São fatos que merecem ser tratados com mais tempo, em maiores detalhes, em outra oportunidade.

3.2. Metodologia Empregada.

Para a pesquisa foram contactados informantes da Ilha dos Valadares, nascidos ou vivendo no local. Indivíduos de outras localidades, que por acaso

estivessem temporariamente na ilha e que tenham produzido a forma *inovadora*, não fazem parte da amostra.

Uma vez que a forma *inovadora* interessou-me desde o primeiro momento em que observei sua produção, tentei elaborar questionários ou entrevistas formais para captação do PPOS em uso na ilha. Tal recurso mostrou-se inviável quanto à forma *inovadora*, pois em nenhum momento registrei-a. Por este motivo, não fiz nenhuma seleção de informantes *a priori*. Pela mesma razão não dividi a amostra por região, tendo em mente uma análise quantitativa. Não teria dados suficientes para tal.

Como a forma *inovadora* não se revelava em questionários e entrevistas através de pesquisa formal de tipo sociolinguístico, comecei a aplicar outra metodologia: todo falante que produzisse a forma *inovadora*, seria um informante. Tais informantes passaram a constituir o *corpus* desta pesquisa.

No desenvolvimento da pesquisa obriguei-me a integrar mais à comunidade. Durante o tempo em que permaneci no seio dessa comunidade notei que a entronização de um indivíduo estranho num grupo é árdua. Segue certos procedimentos, por que não dizer, ritualísticos. Em primeiro lugar você não elege o grupo, mas é o grupo que, por algum motivo, o elege.

Tive acesso ao grupo inicialmente pelo comércio. Em seguida, propositadamente, passei a cortejar os idosos, suportes do grupo, adquirindo sua confiança e respeito. Este procedimento se estendeu aos mais jovens.

Passei a participar mais ativamente da vida social do lugar, apresentando-me em festas, bares e em eventos sociais. Mais tarde já era convidado até para apadrinhamento (batizado, crisma, casamento). Carregava nessas ocasiões como instrumento de trabalho um minigravador. Muitas das gravações e percepção das ocorrências do PPOS *inovador* foram obtidas dessa

maneira. Caso não dispusesse do gravador no momento, anotava em qualquer pedaço de papel a ocorrência e outros dados. Mesmo onde trabalho (sou proprietário de uma farmácia na ilha) trazia o gravador sempre à mão. Fiquei tão entrosado com o grupo que criei um time de futebol, primeiramente como recurso de *marketing*, depois como forma de melhor flagrar o vernáculo local.

Em fase posterior da pesquisa, utilizando o pretexto de uma avaliação histórica, passei a visitar domicílios dos moradores mais antigos da ilha. Nessas entrevistas, os informantes, a princípio, mostravam-se desconfiados, preocupando-se com o seu comportamento lingüístico. Depois de certo tempo, mais descontraídos utilizavam seu dialeto peculiar. Nessas oportunidades apareceram as formas *inovadoras*.

Nas gravações, em que o informante ignorava o fato de estar sendo gravado, os diálogos resultaram fluentes e despreocupados, constituindo um conjunto de dados ricos do dialeto peculiar da comunidade, pelo qual será pesquisado o sistema pronominal em uso na ilha.

4. O SISTEMA PRONOMINAL EM USO NO PORTUGUÊS DO BRASIL.

No decorrer da elaboração deste trabalho tive oportunidade de encontrar-me com alguns professores da rede de ensino de Paranaguá. Conversei com vários professores da rede pública e uma representante da rede particular. Tratando especificamente do sistema pronominal, perguntei-lhes o que preconizavam os manuais escolares a respeito do pronome sujeito (doravante PSUJ) e do PPOS. Enquanto os professores da rede pública, unanimemente, discorreram sobre as formas tradicionais, variando simplesmente a metodologia de ensino empregada, a única representante da iniciativa particular também deu a mesma resposta, com a ressalva de que *“Como nós não falamos tu, acrescentamos você aos pronomes pessoais”*.

Início este capítulo com essa constatação para que se atente ao fato de que os manuais escolares utilizados pela nossa rede de ensino, em geral, não consideram efetivamente as mudanças que ocorreram no paradigma do sistema pronominal brasileiro.

É visível que o sistema¹³ pronominal do Brasil evoluiu. Contudo, a maioria dos livros didáticos ainda não assumiu essa evolução. Quando muito consideram a evolução do pronome *você/s*, colocando-o como pronome de

¹³ O conceito de *sistema* que emprego aqui pode ser melhor entendido ao concebermos a noção de língua, de acordo com o que preconiza SAUSSURE (1987):

A língua é um tesouro depositado pela prática da fala em todos os indivíduos pertencentes à mesma comunidade, um sistema gramatical que existe virtualmente em cada cérebro, ou mais exatamente nos cérebros dum conjunto de indivíduos, pois a língua não está completa em nenhum e só na massa ela existe de modo completo (...) É um sistema de entidades abstratas que repousam sempre, e em última análise, em entidades concretas (...) A língua tem o caráter de sistema baseado completamente na oposição de suas unidades concretas.

Isto quer dizer que o usuário do sistema só terá acesso a ele (o sistema) através do uso. Nesta noção, este sistema gramatical abstrato de oposições funcionais está dividido em subsistemas - o léxico, o fonológico, o morfológico, o sintático (ou morfossintático), o semântico.

tratamento ao lado de *tu*, sem correlacionar o processo de gramaticalização por que passou, afetando todo o sistema pronominal. Nem mesmo a arcaização do pronome *vós* e seu quase completo desuso é mencionado. Outros concordam com a ambigüidade de *seu* no sistema possessivo, mas não assumem esse fato de maneira clara. Sem mencionar ainda a modificação do paradigma dos PSUJ que, possivelmente, afetou o sistema verbal.

Com efeito, no que respeita aos pronomes, os paradigmas mudaram. No sistema dos PPOS, por exemplo, ao lado do paradigma tradicional, outros se acrescentaram no decorrer do tempo, como veremos a seguir.

4.1. Os Paradigmas.

Os gramáticos tradicionais da língua portuguesa (entre eles MASSA, 1888; SAID ALI, 1964; TÔRRES, 1971; ANDRÉ, 1978; CUNHA & CINTRA, 1985; MENDES DE ALMEIDA, 1979; SACCONI, 1988; CEGALLA, 1993) são unânimes em apontar o paradigma do sistema dos PPOS como segue em 4.1.1. Este quadro passou por modificações, originando o *paradigma tradicional modificado* (4.1.2), que por sua vez também passou por transformações resultando no *paradigma novo* (4.1.3) e no *paradigma atual* (4.1.4).

4.1.1. O Paradigma Tradicional.

De acordo com os gramáticos tradiconais da língua portuguesa acima citados o Quadro V melhor representa o *paradigma tradicional* do PPOS, aliados ao PSUJ:

QUADRO V
O Paradigma Tradicional

PESSOA	PSUJ	PPOS SINGULAR	PPOS PLURAL
1 ^a . sing.	Eu	Meu, minha	Meus, minhas
2 ^a . sing.	Tu	Teu, tua	Teus, tuas
3 ^a . sing.	Ele, ela	Seu, sua	Seus, suas
1 ^a . plur.	Nós	Nosso, nossa	Nossos, nossas
2 ^a . plur.	Vós	Vosso, vossa	Vossos, vossas
3 ^a . plur.	Eles, elas	Seu, sua	Seus, suas

Dentre as diversas definições de PPOS neste paradigma tradicional, geralmente se relaciona a idéia de *posse*, *possuidor* e *objeto possuído*. Algumas delas:

Os pronomes possessivos apresentam três séries de formas, correspondentes à pessoa a que se referem. Em cada série, estas formas variam de acordo com o gênero e número da coisa possuída e com o número de pessoas representado no possuidor. Acrescenta-se à pessoa gramatical a idéia de posse (CUNHA & CINTRA, 1985, p. 309-310).

Os pronomes possessivos servem para dar a idéia de posse, enquanto se referem a uma pessoa gramatical (...) Os pronomes possessivos concordam em gênero e número com a coisa possuída, mas em pessoa com o possuidor (SACCONI, 1988, p. 134).

Como afirmam os autores acima, a concordância do PPOS em gênero e número se faz com a coisa possuída e em pessoa com o possuidor. Isto fica claro nos exemplos seguintes:

(13) *Meus pais são da Ilha do Mel* (G7, 71).

Se: possuidor = 1ª. pessoa (*eu*),

possuído = substantivo *pais* - gênero masculino, plural.

Logo, PPOS = 1ª. pessoa, masculino, plural - *meus*.

(14) *Nossa equipe jogô muito bem* (G3, 60).

Se: possuidor = 1ª. pessoa (*nós*),

possuído = substantivo *equipe* - gênero feminino, singular.

Logo, PPOS = 1ª. pessoa, feminino, singular - *nossa*.

A definição de MANSUR GUÉRIOS (1964) traz mais uma informação:

Pronomes possessivos são os que indicam posse em relação a uma das pessoas gramaticais. Os possessivos aparecem na oração ora acompanhados, ora desacompanhados de substantivo. Com o substantivo, claro ou oculto, os possessivos concordam em gênero e número (MANSUR GUÉRIOS, 1964, p. 62).

Além das informações prestadas pelas duas anteriores, esta classifica sintaticamente os pronomes possessivos de acordo com a função que podem exercer numa sentença. Se acompanha um substantivo trata-se de um adjunto adnominal (um pronome possessivo adjetivo, exemplo 15) ou se for um substantivo exerce as funções próprias de um substantivo (pronome possessivo substantivo, exemplo 16). Exemplos:

(15) *Me lembro da minha avó que morô muito tempo comigo, né* (G2, 64).

(16) *A casa é minha* (G2, 64).

Mais completa é a definição dada em seguida. Nela o autor fornece, além das informações anteriores, detalhes sobre a colocação do PPOS. E diz que o PPOS precede o substantivo a que se refere:

Os pronomes possessivos indicam a pessoa gramatical (1ª, 2ª ou 3ª) a quem pertence um ser (...) Chama-se pronome possessivo adjetivo quando está ao lado do substantivo. Chama-se pronome possessivo substantivo quando aparece no lugar dele (...) Os pronomes possessivos concordam com a coisa possuída e não com o possuidor (...) A posição do pronome possessivo é antes do substantivo (MIGUEL, 1989, p. 135-137).

A questão de o autor colocar que os pronomes possessivos concordam com a coisa possuída e não com o possuidor é indiscutível no paradigma tradicional (ex: meu carro, teu carro, seu carro, nosso carro; minha casa, tua casa, sua casa, nossa casa). Relevante nesta definição, para esclarecer o PPOS *inovador*, é o problema da ordem ocupada pelo PPOS no SN — antes do substantivo.

Na realidade, embora o PPOS geralmente ocorra anteposto ao substantivo (observa-se isso nos exemplos 13, 14, 15), eventualmente pode aparecer posposto a ele, como discutiremos mais adiante. Previamente, podemos dizer que a posição pré-nominal do PPOS caracteriza seu uso referencial, de acordo com BORGES NETO (1986).

Em respeito ao uso da forma *inovadora* em Valadares, verificamos, porém, que a concordância se dá com a pessoa do possuidor, ocorrendo neutralização do gênero. Quanto à posição ocupada pelo PPOS no SN, observa-se posposição do pronome. Teremos, então, em Valadares: carro *meu*, carro *teu*, carro *seu*, carro *nosso*; casa *meu*, casa *teu*, casa *seu*, casa *nosso*. Não detectei durante a pesquisa nada que suponha a concordância do PPOS com o sexo. Por este motivo, formas como carro *minha*, carro *tua*, carro *sua*, carro *nossa*, produzidas por alguém do sexo feminino, não foram observadas.

O quadro do PPOS *tradicional*, porém, há muito tempo não reflete mais a realidade de nosso sistema pronominal. Nele observa-se que a forma *seu* transmite ambigüidade à terceira pessoa. A frase seguinte pode ser um exemplo disso:

(17) Vitorino disse ao Zeca que levaria suas filhas ao fandango.

(17)a Vitorino disse que levaria as suas filhas (dele, Vitorino) ao fandango ?

(17)b Vitorino disse que levaria as filhas de Zeca ao fandango ?

(17)c Vitorino disse que levaria as filhas de ambos ao fandango ?

Isto porque para os possessivos, semanticamente, existem dois referentes — *possuidor* e *possuído* — podendo haver multiplicidade de relações entre possuidor e possuído, sem levar em conta a maneira *distributiva* ou *coletiva* (SILVA, 1982, p. 145) ligados à posse na terceira pessoa. Propõe a autora as seguintes relações possessivas na questão em apreço:

1. Sentenças em que há um número semântico para o possuidor e um número semântico para o possuído.
2. Sentenças em que há um número semântico para o possuidor e dois (ou mais) números semânticos para o possuído.
3. Sentenças em que há mais de um número semântico para o possuidor e um número semântico para o possuído comum (Posse *coletiva*).
4. Mais de um número semântico para o possuidor e um número semântico para o possuído (para cada um) (Posse *distributiva*).
5. Mais de um número semântico para o possuidor e mais de um número semântico para o possuído (Posse *coletiva*).

6. Mais de um número semântico para o possuidor e mais de um número semântico para o possuído (para cada um) (Posse *distributiva*)

Em frases como (18), teríamos:

- (18) O informante 20 desmoralizava sua classe (a classe dele — 1).
- (18)a O informante 20 desmoralizava seus filhos (os filhos dele — 2).
- (18)b O informante 20 e os ensacadores desmoralizavam sua classe (a classe deles — 3).
- (18)c O informante 20 (estivador) e os ensacadores desmoralizavam suas classes (as classes deles — 4).
- (18)d O informante 20 e os ensacadores desmoralizavam suas classes (as classes deles, vamos supor que o informante 20 e os ensacadores fossem estivadores e ensacadores — 5).
- (18)e O informante 20 e os ensacadores desmoralizavam suas classes (as classes deles, vamos supor que o informante 20 seja estivador e arrumador, e os ensacadores sejam também pescadores — 6).

Como desfazer essa ambigüidade na terceira pessoa ? Por um lado o usuário da língua dispunha de *seu*, cujo uso era favorecido nos séculos XV, XVI e XVII pelo fator humano (SILVA, 1991). Por outro dispunha de *dele*, cujo uso remonta ao português arcaico (DIAS, 1953). Procurando uma saída para o impasse, o usuário da língua passou a utilizar-se da forma *dele* como desambigüizadora, sem, no entanto, descartar o uso de *seu*. Nessa nova forma para expressar a relação de posse, passou-se a adotar um termo com PPOS duplicado, tendo em vista a obrigatoriedade de *seu*.

Ao consultarmos algumas gramáticas da língua portuguesa depreende-se, à primeira vista, pelas afirmações dos autores, que a forma duplicada pleonástica (*seu ... dele*) ainda seja produtiva nos dias de hoje.

Isso parece não corresponder à realidade, pois conforme SILVA (1984) atualmente o uso da forma pleonástica *seu ... dele* não existe mais. Eventualmente encontramos textos com uso similar de forma construída com a preposição *de*, indicando *retomada anafórica*, a exemplo do que ocorre em (19) retirado de MENON (1996b), e em (20) retirado de SILVA (1984):

(19) 1.16.29 E aquel que del saiu en que he per quen Deus ordiara, ante que o mundo fosse feito, e prometera depois a Abraão que acrescentaria e beezeria o liagen dos homens, este foi Isaac, **seu** filho **d'Abrão**. (DSG, *apud* MATTOS E SILVA (1989, p. 177)).

(20) Conseguiu trabalhar sobre cada personagem aprofundando a **sua** (**deles** personagens) relação com o mundo (Artur da Távola, O Globo, 28/10/74, p. 43).

No decorrer do tempo, a partir do século XVIII, por motivos ainda ignorados, a tendência da utilização de *seu* para seres humanos modificou-se. A forma *dele* passou a receber a primazia na atribuição a humanos, enquanto a forma *seu* passou a ser atribuída a objetos (SILVA, 1991). De acordo com essa autora, é mais comum o uso da forma *dele* com possuidor humano ou humanizado. E foi a forma *dele* que passou a ser utilizada como desambigüizadora na terceira pessoa. Este uso introduziu a possibilidade de um novo tipo de PPOS, com a forma *de + pronome lexical*. Surge o *paradigma tradicional modificado*.

4.1.2. O Paradigma Tradicional Modificado.

Embora a forma *dele* usada como desambigüizadora remonte ao português arcaico, passou a ser atribuída a seres humanos somente a partir do século XVIII, como vimos anteriormente. De acordo com MENON (1996b) a forma *dele* no seu surgimento não estabelecia a noção semântica de posse. Ela foi usada inicialmente como *retomada anafórica*, exatamente para esclarecer uma mensagem de interpretação dúbia, conforme consta no exemplo (19), em que *seu*

filho pode ter interpretação ambígua; tanto que o autor ressaltou uma vez mais que o filho era de Abrão. Numa fase, posterior a forma *dele* passou a acompanhar *seu* para desfazer ambigüidade, momento a partir do qual passou a receber interpretação possessiva. Depois de certo tempo esta construção *seu ... dele*, então sentida como *redundante*, passou a receber restrições de uso. O uso da forma pleonástica, talvez estigmatizada, decaiu. *Dele*, também mais tarde usado para referência a humanos, passou a estabelecer não mais uma retomada anafórica, mas a idéia de posse, juntamente com *seu*, na terceira pessoa.

A existência autônoma dessa forma *de* + *pronome lexical* que menciona DIAS (1953) também se nota em MASSA (1888, p. 47):

Estes pronomes possessivos convertem-se nos seus psoaes ou primitivos tomando d'elles o complemento restritivo. Assim, pois - meu equivale a dizer-se de mim. Teu equivale a dizer-se de ti. Seu equivale a dizer-se de si, d'elle, d'ella, d'elles, d'ellas. Nosso equivale a dizer-se de nós. Vosso equivale a dizer-se de vós.

Isto permitiu , através do uso, a introdução de um novo PPOS com a forma *de* + *pronome lexical* (*de* + *ele*) no paradigma dos pronomes possessivos, donde surge o Quadro VI:

QUADRO VI

O Paradigma Tradicional Modificado

PESSOA	PSUJ	PPOS SINGULAR	PPOS PLURAL
1ª. sing.	Eu	Meu, minha	Meus, minhas
2ª. sing.	Tu	Teu, tua	Teus, tuas
3ª. sing.	Ele, ela	Seu, sua, dele, dela	Seus, suas, deles, delas
1ª. plur.	Nós	Nosso, nossa	Nossos, nossas
2ª. plur.	Vós	Vosso, vossa	Vossos, vossas
3ª. plur.	Eles, elas	Seu, sua, dele, dela	Seus, suas, deles, delas

Agora, com a utilização do PPOS *dele* a ambigüidade de frases como (17) podem ser desfeitas (em parte):

(17)d Vitorino disse ao Zeca que levaria as filhas dele ao fandango.

(17)e Vitorino disse ao Zeca que levaria as filhas deles ao fandango.

Observe-se que (17d) ainda é ambígua. Tal ambigüidade pode ser solucionada pelo mesmo paradigma *de* + *pronome lexical*, desde que se suponha a seguinte frase:

(17)f Vitorino disse ao Zeca que levaria as filhas de Zeca ao fandango.

Importante também observar que a ordem da forma possessiva no sintagma nominal inverteu-se. Se antes a posição do PPOS era pré-nominal (suas filhas), agora com a forma *de* + *N* coloca-se após (filhas deles). A concordância nominal também modificou-se. Se antes o PPOS concordava em gênero e número com o possuído e em pessoa com o possuidor, a partir da inclusão da forma *de* + *pronome lexical* no paradigma dos PPOS a concordância se faz com o possuidor.

Por outro lado, o Quadro VI também evoluiu. A revolução social que teve lugar em Portugal entre os séculos XII a XVII, modificou a maneira de se tratar o interlocutor, afetando, por sua vez, as formas de tratamento, desequilibrando o quadro do sistema pronominal, possibilitando surgimento do *paradigma novo*, como veremos a seguir.

4.1.3. O Paradigma Novo.

Historicamente, em torno do século XII, há um incremento nas atividades comerciais entre Portugal e demais países do mundo. Como decorrência dessas atividades muitas pessoas enriqueceram e uma nova classe social emerge: a burguesia. Expandindo suas riquezas, a burguesia passa a

competir, mais tarde, com a nobreza, em termos de poderio econômico. O surgimento da burguesia coincide com a expansão colonial de Portugal que levou à expansão administrativa do governo. Este, que devia muitos favores à burguesia em sua luta pelo poder, distribuiu muitos cargos públicos a essa nova aristocracia, criando, nas palavras de FARACO (1996) a *nobreza buracrática*. Além dessa, usufruindo dos privilégios do governo, havia ainda os vassalos do rei e outras pessoas ligadas à corte. Este seletivo grupo desenvolveu novos padrões de comportamento.

De acordo com LINDLEY CINTRA (1977) e FARACO (1982), a partir do século XIV, devido a vários fatores históricos e sociais como os mencionados, a sociedade portuguesa passou por modificações profundas que afetaram as expressões de tratamento.

O sistema pronominal latino herdado pela língua portuguesa para referência ao interlocutor preconizava o uso, na segunda pessoa, do PSUJ *tu* (singular, menos formal) e do PSUJ *vós* (plural, formal, para dirigir-se a mais de um interlocutor; singular, mais formal em relação ao *tu*, para dirigir-se a um interlocutor). O pronome *tu*, a forma *mais marcada* (MENON, 1995b), era usado por um superior ao dirigir-se ao social ou hierarquicamente inferior ou entre pessoas de mesmo nível social. Sendo *menos marcado* o pronome *vós* pôde ser empregado com valor singular. Neste último caso, transformou-se numa forma polida de se dirigir a outrem, seja para tratamento respeitoso ao interlocutor de mais idade, como a alguém de posição hierárquica ou social mais elevada.

A instabilidade do pronome *vós* teve início com a reorganização social originada pelo aparecimento da burguesia, que proporcionou uma alteração nas relações sociais. Essa nova aristocracia sentiu necessidade de caracterizar seu papel, exigindo tratamento diferenciado e novas formas de referência. A forma *vós*, de tratamento formal, utilizada a princípio em referência ao rei, passou a ser compartilhada por essa nova classe, espalhando-se pela população e

banalizando-se. Como consequência, novas formas de tratamento ao rei foram exigidas. E a partir do século XV, de acordo com FARACO (1996), novas expressões que referenciavam, não a pessoa, mas um atributo do rei foram criadas, baseadas na cultura latina (*Vossa Alteza*, *Vossa Majestade*, *Vossa Excelência*) e oriundas da própria época medieval (*Vossa Mercê*, *Vossa Senhoria*). As forma com a estrutura *Vossa + N* usadas de início para os reis e mais tarde para o tratamento em geral (FARACO, 1996), disseminaram-se, com o passar do tempo, na língua. Havendo ainda confusão de uso desses tratamentos honoríficos, ficou instituído através de decreto que *Vossa Majestade* seria utilizado para os reis, *Vossa Alteza* para outros membros da família real, *Vossa Excelência* e *Vossa Senhoria* para os nobres; e *Vossa Mercê* para o restante da população, quando um inferior se dirigia ao superior.

Em Portugal, a forma mais antiga, *Vossa Mercê*, sintaticamente um Sintagma Nominal (SN) e que, portanto, estabelecia concordância com a terceira pessoa verbal, evoluiu, criando um novo pronome de segunda pessoa do discurso, em competição com a forma pronominal tradicional de segunda pessoa verbal, com marca morfológica própria. Do ponto de vista sintático, citando MENON (1995a, p. 334):

Vossa Mercê era uma locução nominal constituída por um pronome possessivo e um substantivo equivalendo, pois, a um nome ou substantivo. Todavia, essa forma, no curso de sua evolução semântica e do seu uso, passou por um processo de gramaticalização (REIGHARD, 1978; HOPPER & TRAUGOTT, 1993), que a transformou em pronome de 2ª. pessoa, criando uma situação conflitante com as regras normativas da concordância verbal, porque o verbo continuou a ser empregado na “mesma pessoa” que anteriormente, quando ainda era locução nominal. Isso veio a provocar a perda da marca morfológica de 2ª. pessoa, a qual passou a dispor, além das formas correspondentes à 2ª. pessoa canônica tu, de uma forma não-marcada, de flexão idêntica à de 3ª. pessoa, criando identidade de formas entre as 2ª. e 3ª. pessoas do verbo.

Com o passar do tempo a forma *vós* perde terreno para a outra (*Vossas Mercês, Vosmecês, Vossuncês, Vassuncês, Vancês, Vacês, Vocês*), entrando, enfim, em desuso. Torna-se arcaica a partir do século XVIII (FARACO, 1996). Destaque-se ainda que a forma *você(s)* originada dessa forma honorífica *Vossa Mercê*, segundo MENON (1995b, p. 95):

... seguiu uma trajetória de modificação de valor ao lado da modificação fonética. No entanto, sempre foi uma forma de se dirigir ao interlocutor (a clássica segunda pessoa): primeiro numa relação de inferior para superior; em seguida numa relação de igual para igual e de superior para inferior, ou, em outras palavras, de um tratamento não-íntimo para um tratamento íntimo.

Em resumo, a arcaização do pronome *vós* provocou um desequilíbrio no sistema dos PSUJ. Como consequência, entre outras coisas, inicialmente possibilitou o aparecimento da forma *vocês*¹⁴ com valor plural no lugar de *vós*. Depois possibilitou o aparecimento da forma *você*, concorrendo com a forma *tu*. Este desarranjo no sistema dos PSUJ desequilibrou também o sistema dos PPOS. O pronome *seu* que já era empregado com a locução *vossa mercê*, passou a ser empregado também com o pronome *você(s)*, gerando mais ambigüidade ao sistema. De acordo com SILVA (1982) *o uso de seu para a segunda e quinta pessoa data aproximadamente do século XIX, pois até então era a segunda pessoa gramatical que era empregada: teu e vosso.*

Sobre o emprego de *seu* para a 2ª. e 3ª. pessoas gramaticais comenta MANSUR GUÉRIOS (1964, p. 62):

¹⁴ Sobre o uso de *vocês* em lugar de *vós* em Portugal, já nos fala DIAS (1953, p.73):

*Nos sul do país não costumamos empregar na conversação o plural do pronome de segunda pessoa; substituímos a forma *vós* do complemento direto por *os, as*; a forma *vós* do complemento indireto por *lhes*; a forma *vós* por *vocês*.*

O possessivo seu, sua, seus, suas possibilita ambigüidade, porque tanto se refere à pessoa com quem se fala, como à pessoa de quem se fala. Para evitá-la, acrescenta-se na, linguagem literária, a expressão dele, dela, deles, delas. Em vez de: Leve seu chapéu, que tanto significa Leve o chapéu dele/ Leve o chapéu de você, do senhor, etc, emprega-se: Leve o seu chapéu dele/ Leve o seu chapéu dela. E na linguagem oral é muito freqüente dele, dela, deles, delas como pronomes possessivos, desacompanhados de seu, sua, seus, suas; Leve o chapéu dele e traga o chapéu dela.

Tal rearranjo pode ser demonstrado no Quadro VII:

QUADRO VII

Paradigma Novo

PESSOA	PSUJ	PPOS SINGULAR	PPOS PLURAL
1ª. sing.	Eu	Meu, minha	Meus, minhas
2ª. sing.	Tu/Você	Teu, tua, seu, sua	Teus, tuas, seus, suas
3ª. sing.	Ele, ela	Seu, sua, dele, dela	Seus, suas, deles, delas
1ª. plur.	Nós	Nosso, nossa	Nossos, nossas
2ª. plur.	Vocês	Seu, sua	Seus, suas
3ª. plur.	Eles, elas	Seu, sua, dele, dela	Seus, suas, deles, delas

Se já havia ambigüidade de *seu* na terceira pessoa devido à multiplicidade de referentes distintos (vide exemplos (17) e (18)), nova ambigüidade foi introduzida na segunda pessoa, pela possibilidade de referência de *seu* a um interlocutor. Imaginemos esta situação no seguinte exemplo de uso de *seu*:

(21) Ah, o exame de sangue, quando eu fiz lá o, opereí, o médico mesmo falô pra mim lá. O *seu* exame deu ... tudo ... tudo bem (G8, 67).

Os falantes, para desfazer essa nova ambigüidade entre segunda e terceira pessoas, baseando-se no uso da forma *de + pronome lexical* como forma possessiva, lançam mão da forma *nova de + você(s)* (KATO, 1985; MENON, 1995b), que entra em concorrência com *seu*. MENON, em vários *corpora* analisados, e em seu trabalho de 1996, estudando a variação *seu/de vocês* em revistas Disney com datas a partir de 1952, indica que a variação *seu/de vocês* é francamente favorável à última. Conclui a autora que se pode supor que o emprego desta forma *nova* data de período anterior ao estudado, *com vitalidade suficiente no oral e sem o estigma social ou normativo, o que permitiu seu aparecimento na escrita* (MENON, 1997, p. 90).

Partindo do exposto, o Quadro VIII melhor representa o sistema pronominal possessivo em uso no português do Brasil:

QUADRO VIII

Paradigma Novo Modificado

PESSOA	PSUJ	PPS SINGULAR	PPOS PLURAL
1ª. sing.	Eu	Meu, minha	Meus, minhas
2ª. sing.	Tu/Você	Teu, tua, seu, sua, de você	Teus, tuas, seus, suas, de você
3ª. sing.	Ele, ela	Seu, sua, dele, dela	Seus, suas, deles, delas
1ª. plur.	Nós	Nosso, nossa	Nossos, nossas
2ª. plur.	Vocês	Seu, sua, de vocês	Seus, suas, de vocês
3ª. plur.	Eles, elas	Seu, sua, dele, dela	Seus, suas, deles, delas

Como salientei linhas acima nesta forma *nova* (diversamente da forma tradicional) a expressão possessiva aparece posposta ao substantivo, regida pela preposição *de*. As alterações mencionadas afetaram o sistema pronominal como um todo, fazendo surgir novas estruturas com a forma *de + pronome lexical*

(além de *dele*), modificando também a ordem de colocação dos possessivos dentro do SN.

Este fenômeno provocou também uma reestruturação da língua em termos de concordância nominal. Na forma *tradicional* dizemos que o PPOS concorda em gênero e número com o possuído e em pessoa com o possuidor; na forma *nova*, o PPOS *dele* concorda com o possuidor em gênero, número e pessoa, o que não ocorre com *de mim*, *de nós* e *de você(s)* que, por não possuírem marca de gênero, concordam com o possuidor apenas em número e pessoa. Vejamos:

QUADRO IX

Concordância na *paradigma tradicional*

POSSUIDOR	PSUJ	PPOS	POSSUÍDO
1 ^a . pessoa	Eu	Meu, minha	Livro, casa
2 ^a . pessoa	Tu/você	Teu, tua; seu, sua	Livro, casa
3 ^a . pessoa	Ele, ela	Seu	Livro, casa

QUADRO X

Concordância na *forma nova*

POSSUIDOR	PSUJ	POSSUÍDO	PPOS
1 ^a . pessoa	Eu	Livro, casa	De mim (?)
2 ^a . pessoa	Tu/você	Livro, casa	De ti/ de você
3 ^a . pessoa	Ele, ela	Livro, casa	Dele, dela

Esta última relação se observa nos exemplos seguintes da *forma nova*:

(22) Não quero vê a cara *dele* (G1, Vitorino)

- (23) Agora, tem um sobrenome *dela* que eu me esqueço (G2, 64).
 (24) Aquela farmácia é teu, né, *de você* ! (B28).
 (25) Então eu não posso (...) um outro nome aí pra ... pra tirá o mérito *de* vocês (G9, 20).

Este paradigma novo em tempos recentes também se modificou, dando origem ao *paradigma novo atual*.

4.1.4. O Paradigma Novo Atual.

Complementando a distribuição do Quadro VIII, mencionamos o fato de que DIAS (1953) admite a existência de *a gente* como PSUJ de primeira pessoa em lugar de *nós*, o que indica o uso desse pronome antes dessa data. Hoje em dia, certos autores (CUESTA, 1971; MONTEIRO, 1994; MOTA, 1995; OMENA, 1996) também colocam *a gente* como PSUJ de primeira pessoa, concorrendo principalmente com o pronome *nós*. Pelo paradigma *de + pronome lexical* podemos considerar a existência do PPOS *de + a gente* concorrendo com o PPOS canônico de primeira pessoa *nosso*, como ocorre no exemplo (26) encontrado em Valadares:

- (26) Os filhos *da gente* só curava com chá (G1, 62).

MANSUR GUÉRIOS (1964) apresenta como PSUJ para a segunda pessoa (que ele chama de indireta), além das mostradas no Quadro VIII, as formas *o(a) senhor(a)* indicativos de respeito; pelo mesmo motivo descrito acima podemos considerar também a existência do PPOS de segunda pessoa *de + o(a) senhor(a)*. Isto vai exposto no Quadro IX, ainda mais abrangente:

QUADRO XI
O Paradigma Novo Atual

PESSOA	PSUJ	PPOS SINGULAR	PPOS PLURAL
1ª. sing.	Eu, a gente	Meu, minha, da gente	Meus, minhas, da gente
2ª. sing.	Tu/você, o(a) senhor(a)	Teu, tua, de você, do(a) senhor(a)	Teus, tuas, de você, do(a) senhor(a)
3ª. sing.	Ele, ela	Seu, sua, dele, dela	Seus, suas, deles, delas
1ª. plur.	Nós, a gente	Nosso, nossa, da gente	Nossos, nossas, da gente
2ª. plur.	Vocês, o(a)s senhores(as)	Seu, sua, de vocês, do(a)s senhores(as)	Seus, suas, de vocês, do(a)s senhores(as)
3ª. plur.	Eles, elas	Seu, sua, dele, dela	Seus, suas, deles, delas

4.2. Posição do pronome possessivo no SN.

4.2.1. Forma *tradicional*:

O Quadro V, mesmo não exprimindo a realidade do sistema pronominal do português do Brasil, é a forma *tradicional* veiculada pela escola. Nesta forma, quanto à ordem ocupada entre os componentes do período, o PPOS aparece, geralmente, anteposto ao substantivo:

PRONOME POSSESSIVO + SUBSTANTIVO

- (27) E já rocei caminho pra vim aqui. Depois veio *meu* filho. Aquela casinha, a primeira que ele fez ...(G1, 63).
- (28) Quem era *teu* pai ? (9, 20).

- (29) Mas hoje você vai conversar com Deus. Você vai (aleluia) ter intimidade com Deus. Você vai dizer: Pai, eu estou aqui na *sua* casa ... (G10, 69).
- (30) Nossa equipe jogô muito bem, comandada por o de que era da despedida que era do Miguel (G3, 60).

O PPOS *tradicional* também pode aparecer seguindo o nome no SN. Segundo BORGES NETO (1986) a posposição do PPOS no SN nada mais indica que pressuposição de existência de uma descrição definida ou não, indicando se esse sintagma deve ser entendido referencialmente ou atributivamente. PPOS de caráter não-referencial, posposto ao nome, nesses casos, é raro, como o exemplo (31) ou o próprio exemplo de BORGES NETO (32):

- (31) Pão *nosso* de cada dia.
- (32) Filho *meu* não vai estudar Letras.

4.2.2. Forma *nova*.

A forma *nova*, segundo KATO (1985) e MENON (1995b) é constituída da preposição *de*+*pronome lexical*. Nesta forma *nova* a ordem canônica dá lugar a uma nova construção, onde o PPOS aparece posposto ao substantivo:

<p>SUBSTANTIVO + [DE + PRONOME LEXICAL]</p> <p>= pronome possessivo</p>

- (33) ... e aqui de frente ali morava um senhor que a esposa *dele* morreu. A esposa *dele* é morta (G2, 64).
- (34) ... e o que o senhor achô dessa despedida *do senhor*, compadre, com seus amigo, aí ? (G3, 39).
- (35) ... é que o time *de* vocês tava forte pra daná, né, malandro (G3, 72).

Algumas observações se fazem necessárias sobre a forma *nova*. PERINI (1985), estudando a organização dos sintagmas possessivos no português do Brasil atual, descreve os tipos de PPOS *no português padrão e coloquial no Rio, Minas, Espírito Santo, Bahia, Goiás, São Paulo e algumas outras áreas* (p. 4). Segundo esse autor, nessas condições, as formas possessivas do português aliadas ao PSUJ são as seguintes no Quadro XII:

QUADRO XII

Formas Possessivas do Português do Brasil de acordo com PERINI

PESSOA	PSUJ	PADRÃO	COLOQUIAL
1 ^a . sing.	Eu	Meu	Meu
2 ^a . sing.	Você	Seu	Seu
3 ^a . sing.	Ele, ela	Seu	Dele
1 ^a . plur.	Nós	Nosso	Nosso
2 ^a . plur.	Vocês	Seu	De vocês
3 ^a . plur.	Eles, elas	Seu	Deles

Quanto ao uso, as únicas formas com a estrutura *de + N* aceitáveis no português coloquial, segundo o autor, são *de vocês*, *dele* e *deles*; as demais formas (*de mim*, *de você*¹⁵, *de nós*) são agramaticais. A justificativa de PERINI é que a estrutura *de + N* entra em jogo para evitar ambigüidades. Isso é o que estipula PERINI em seu Princípio Um: *dentro do sistema de possessivos, formas ambíguas devem ser evitadas*. Justifica PERINI (1985, p. 8), com grifo do autor, que este princípio:

¹⁵ Pelo que expõe, PERINI (1985) opõe-se a FARACO (1982) que coloca como PPOS a forma *de + você* para a segunda pessoa do singular ao lado de *seu* e *teu*.

... não resulta em uma substituição completa de todos os pronomes possessivos por construções do tipo de + N. Parece que o uso de tais construções é mantido no mínimo de modo que as formas não-ambíguas meu e nosso não são, e não podem ser substituídas por construções de + N - pai de mim, pai de nós são agramaticais.

Em réplica a PERINI, KATO (1985) argumenta que as formas consideradas agramaticais por PERINI possuem restrições de uso, sendo apenas formas não-ocorrentes ou de baixa produtividade. Sobre o assunto, MENON (1993) considera a expressão [*de + vocês*] como forma corrente e não descarta a existência de [*de + pronome lexical*] para a primeira pessoa, que ainda sofre restrição de uso, como menciona KATO. Numa outra perspectiva MOURA NEVES (1993) generaliza como elementos veiculadores de possível relação possessiva *de + nome*, *de + pronome pessoal de terceira pessoa*, *de + pronome de tratamento*, *pronome possessivo adjetivo*¹⁶ (p. 153).

O Quadro XIII abaixo expressa de maneira clara a *forma genitiva* (KATO, 1985) de PPOS, aqui denominada forma *nova*, que é uma extensão do modelo *de + pronome lexical*:

¹⁶ De acordo com estudos efetuados por NEVES não houve nenhuma ocorrência de pronome pessoal de primeira e segunda pessoa em relação possessiva. A segunda pessoa aparece na forma de pronome de tratamento e a primeira pessoa aparece como a forma *da gente* no grupo nominal possessivo.

QUADRO XIII

Forma Nova, segundo KATO (1985)

PESSOA	PPOS
1 ^a . sing.	De mim (?), da gente (?)
2 ^a . sing.	De você, do senhor, de ti/tu (?)
3 ^a . sing.	Dele
1 ^a . plur.	Da gente, de nós (?)
2 ^a . plur.	De vocês, dos senhores
3 ^a . plur.	Deles

Pode-se dizer ainda que esse quadro seja um complemento mais preciso do paradigma novo atual. É nesse contexto que podemos colocar o PPOS *inovador*, presente no sistema pronominal em uso pela população de Valadares, e que será discutido a seguir.

5. SISTEMA PRONOMINAL EM USO NA ILHA DOS VALADARES.

De acordo com o que foi determinado no capítulo anterior, para analisar o sistema pronominal em uso na Ilha dos Valadares, utilizarei a idéia de *sistema* empregada por SAUSSURE.

Como o sistema pronominal possessivo está intimamente ligado ao sistema dos PSUJ, analisarei inicialmente o uso destes em Valadares, passando em seguida à análise dos PPOS. Conforme anunciei na introdução deste estudo, a comunidade lingüística da Ilha dos Valadares convive com três formas de pronome possessivo, a *tradicional*, a *nova* e a *inovadora*. E é este sistema pronominal possessivo que passarei a estudar com mais detalhes, à luz dos dados obtidos numa pesquisa informal a partir de 1994. Nessa pesquisa, as situações encontradas foram as mais diversas, em ocasiões e com indivíduos de características socioeconômicas diferentes dentro de uma mesma comunidade¹⁷ É importante salientar que o pesquisador desfruta de bom trânsito junto à comunidade por possuir no local, há nove anos, uma farmácia. Essa atividade propiciou a criação de um time de futebol, com o intuito de fazer propaganda da farmácia. Aproveitei-me também deste recurso, posteriormente, para ter maior acesso ao vernáculo dos informantes. Por esse motivo, o assunto das ocorrências, entrevistas e gravações, de onde extrairéi exemplos, giram, na maioria das vezes, em torno do comércio e do futebol.

As ocorrências do PPOS inovador colhidas durante o convívio foram computadas e encontram-se nos Anexos 2 e 3, ao final do trabalho. Pelo estudo dos dados apresentados proporei o sistema pronominal possessivo em uso na Ilha dos Valadares.

¹⁷ Sobre o perfil socioeconômico da amostra, consultar Anexo 1.

5.1. Sistema Pronominal Sujeito (PSUJ).

O PPOS está em íntima relação com o PSUJ. Por este motivo, é relevante um estudo mais detalhado do sistema dos PSUJ de que faz uso a comunidade de Valadares. O que designo PSUJ alguns gramáticos tradicionais (MASSA, 1888; MANSUR GUÉRIOS, 1964; CUNHA & CINTRA, 1985; CEGALLA, 1993) chamam de *pronome pessoal*. Pelo enfoque tradicional, os pronomes pessoais são palavras que substituem os nomes e representam as pessoas do discurso (ou pessoas gramaticais). As pessoas do discurso são:

- 1ª. pessoa — aquela que fala.
- 2ª. pessoa — aquela com quem se fala.
- 3ª. pessoa — aquela de quem se fala.

As gramáticas tradicionais, relacionando as pessoas do discurso com os pronomes pessoais, trazem o seguinte quadro:

QUADRO XIV
Os PSUJ na Gramática Tradicional

PESSOA DO DISCURSO	PSUJ
1ª. sing.	Eu
2ª. sing.	Tu
3ª. sing.	Ele, ela
1ª. plur.	Nós
2ª. plur.	Vós
3ª. plur.	Eles, elas

Em referência a esse quadro MANSUR GUÉRIOS (1964, p. 51) divide a pessoa com quem se fala (segunda) em *direta* e *indireta*. Segundo esse autor, pertencem à segunda pessoa direta os PSUJ canônicos *tu* e *vós*; pertencem à segunda pessoa indireta *você(s)*¹⁸, *o(s) senhor(es)*, *a(s) senhora(s)*. A maioria dos gramáticos inclui essas mesmas formas entre os pronomes de tratamento. Como fazem CUNHA & CINTRA (1985, p. 269) quando tratam do assunto: *a pessoa com quem se fala pode ser expressa também pelos chamados pronomes de tratamento, que se constroem com o verbo na 3^a. pessoa.*

Quanto à função que exercem na estrutura sintática os pronomes pessoais podem adquirir a forma reta (funcionam como sujeito da oração) ou oblíqua (funcionam como complemento da oração).

Após essa breve introdução, vejamos o quadro dos PSUJ em Valadares, baseados nas informações das gravações e anotações efetuadas.

5.1.1. PSUJ de primeira pessoa:

Como PSUJ *canônico* de primeira pessoa encontrei *eu* para o singular e *nós* para o plural; e de acordo com o paradigma novo atual, a forma *a gente*, ora designando a primeira pessoa do singular, ora designando a primeira pessoa do plural.

5.1.1.1. As formas canônicas *eu/nós*:

Alguns exemplos de PSUJ *canônico* de primeira pessoa encontrados nas anotações das ocorrências (Anexo 2) e gravações (Anexo 3):

¹⁸ Trabalho discordante sobre a condição de *você* como PSUJ de segunda pessoa encontrei em BENEMANN & CADORE (1976, p. 199), quando os autores colocam um exercício que diz o seguinte: "o autor trata a cidade na segunda pessoa do singular — *tu*. Reescreva o período mudando o tratamento para a terceira pessoa — *você*".

- (36) *Eu* tenho que dormir em casa meu (A2.2).
- (37) Agora, caçá *eu* caçava muito (...) *Eu* tinha espingarda, *eu* tinha cachorro bom (G1, 63).
- (38) *Eu* nasci no Superagüi (...) *Eu* nasci pra lá e quando *eu* vim de lá *eu* era criança (G2, 64).
- (39) Ah, *eu* só quero sabê aqui (G5, 5).
- (40) *Eu* não me dava muito coa pesca (G7, 71).
- (41) *Eu* tava com diabete no sangue (G8, 67).
- (42) *Eu* creio que tava faltando a Terceira Pessoa [referência à Trindade] (G10, 69).
- (43) ... *nós* dependemos deles (C58.1).
- (44) ... *nós* partimo pra briga (C55).
- (45) Tudo bem pois *nós* somo velho, não somo novo (G1, 62).
- (46) *Nós* éramos em doze (G2, 64).
- (47) *Nós* temos saudades dele (G3, 73).
- (48) *Nóis* tinha uma casa que *nóis* tem a fotografia da casa que *nóis* tinha (G4, 65).
- (49) *Nóis* andava sempre junto (G9, 20).
- (50) (...) na hora da ira *nós* perdemos a cabeça porque somos carne (G10, 69).
- (51) *Nóis* não dizia rio. *Nóis* dizia riberão (G11, 68).

Alguns gramáticos tradicionais aconselham evitar o uso excessivo das formas pronominais de primeira pessoa do singular, particularmente *eu*, dizendo que o emprego em excesso dessas formas dá a impressão de falta de modéstia. Sobre o preenchimento do pronome sujeito, ver observação mais adiante.

5.1.1.2. O pronome *a gente*:

Essa expressão originada do substantivo latino *gens*, *gentis*, inicialmente usada para nomear um grupo de pessoas (“Lá mora muita *gente*” (G1, 62)), gramaticalizou-se (cf. MENON, 1996e), vindo a se constituir em pronome (*a gente* é, atualmente, invariável, não sofrendo flexão de número) . Em Portugal a forma *a gente* é largamente difundida e apresenta diversas possibilidades de concordância nominal e verbal, de gênero e número. NASCIMENTO (citado por SCHERRE, 1995, p. 53), expressa essas variadas possibilidades de concordância através de alguns exemplos:

A gente ficamos, ao fim de anos, estragados.

A gente já sai de casa de, das, dos senhores fartos de trabalhar.

A gente temos tanta prática que a gente sabe.

No Brasil a concorrência de *a gente* com *nós* tem sido estudada por muitos pesquisadores. As hipóteses sobre a variação diatópica entre *nós/a gente* são divergentes se se leva em conta a norma culta ou a fala popular.

Na forma culta, MONTEIRO (1994) salienta que a maior ocorrência de *a gente* se dá, pela ordem, no Rio de Janeiro, Recife, São Paulo, Salvador e Porto Alegre. MOTA (1996) em discordância com MONTEIRO afirma, remetendo a ALBÁN *et alii* (1991) e FREITAS (1991), que, no território brasileiro, Porto Alegre parece ser a cidade mais inovadora quanto ao emprego de *nós/a gente*, enquanto Salvador parece adotar a variante conservadora *nós*. Nessa questão MONTEIRO (1994) credita a divergência de resultados à variação no tamanho da amostra e à metodologia adotada.

Na fala popular, FERNANDES & GORSKY (1986, *apud* MONTEIRO (1994)) referenciando pesquisa feita no Rio de Janeiro, com 64 informantes de nível socioeconômico baixo e de pouca escolaridade, mencionam que *a gente* está substituindo *nós* em todas as faixas etárias, recorrendo a fatores lingüísticos como o grau de saliência fônica, o tempo verbal e a saliência posicional para

explicar tal ocorrência. Quanto à variável sexo, MONTEIRO (1994), numa amostra do NURC, aponta para uma maior aceitação de *a gente* entre mulheres.

Como MONTEIRO, acredito que, antes de qualquer análise sobre a variação *nós/a gente*, deve-se levar em conta a metodologia empregada, o tamanho da amostra, além do tipo de registro. Os resultados revelados por uma pesquisa que tem por objeto de estudo uma EF (elocução formal), um dos tipos de entrevista referido por MONTEIRO, poderá ser bem diferente daqueles obtidos num nível de formalidade diverso, numa linguagem informal, espontânea, distensa, por exemplo.

Na amostragem feita em Valadares, numa pesquisa efetuada nesse segundo tipo de registro, observei que *a gente* parece mais afeito às pessoas de baixo poder aquisitivo, menos escolaridade e mais idade. Nesses contextos encontrei *a gente* designando a primeira pessoa do discurso, singular ou plural, sendo mais freqüente o uso de *a gente* por *nós*. As formas *nós/a gente* são intercambiáveis quando satisfazem as condições estipuladas por TARALLO (1990), ou seja, se diz *a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade*.

- *A gente* indicando pluralidade:

(52) *A gente* ia buscar na batera¹⁹ (G1, 63).

Nesta primeira entrevista, procurando saber como era a vida na ilha antigamente, perguntei ao informante 63: “Como é que o senhor fazia pra fazê compra naquela época?”. Recebi como resposta a informação em (52). Logo em

¹⁹ *Bateira* é um tipo de embarcação movida a remo ou vela utilizada na Ilha dos Valadares como meio de transporte ou na pescaria; é feita de madeira. Com a mesma finalidade existe também a *canoas*, construída de tronco de árvore.

seguida perguntei se na ilha da sua época não havia comércio, de modo que pudessem fazer compras no local. Resposta: “Tinha. Tinha um negociante ali. Quando *nós* viemos já tinha um negociante como eu contei já hoje pro senhor”. Perceba-se o intercâmbio entre *a gente* e *nós*.

Nessa mesma entrevista, em outro trecho, a informante 62 apareceu com uma conta de energia elétrica, pedindo explicações. Como sou representante da COPEL no lugar, dei as devidas orientações. Notei que a conta não estava no nome dos informantes. Questionei isso. O informante 63 respondeu:

(53) No começo da casa *a gente* não tava aqui (G1, 63).

Nesse momento sua esposa (informante 62) estava ao lado, o que supõe pluralidade. Tanto isso é verdade que sua esposa prossegue, participando da conversa: “O que *nós* ganhamo é só pra pagá a luz” (G1, 62).

Em outra ocasião, eu estava numa festa de confraternização. Dessa festa participava o informante 39, que tomou-me o gravador e saiu a entrevistar os presentes. Chegou-se ao informante 26 e pediu-lhe que falasse sobre a festa. Resposta:

(54) Então *a gente* vai ter recordação de ... dessa brincadeira que *nóis* fizemo aqui pro compadre Miguel (G3, 26).

Na entrevista de número 9 perguntei ao mesmo informante 26 com que ele trabalhava. “*Nóis* ? trabalhava com nada, só (de sítio). Em casa assim”. Arrematou:

(55) Olha, o que *a gente* sofria. Por aqui tudo *a gente* plantava (G9, 26).

Possivelmente, *a gente* indicava pluralidade, pois o informante mencionava a dificuldade de sua família no trabalho da lavoura.

Em outro momento da mesma entrevista perguntei ao informante 20 como era a sua vida na roça:

(56) Então *a gente* plantava até cem ... cem arqueire de arroz, ou 50 saco de arroz, vendia uma mixaria (G9, 20).

Possivelmente indique pluralidade, pois tanto ele como toda a sua família plantavam. O que confirma essa possibilidade é a afirmação seguinte dada pelo mesmo informante: “Porque o que *nóis* plantava, o que *nóis* adquiria não tinha valor”.

Num encontro com o informante 23 combinei um almoço que não deu certo. Encontrei-o posteriormente e ele lembrou-me:

(57) Viu, Adilson, se *a gente* fizesse aquele esquema na casa teu, hein ? (B 23.4).

- *A gente* indicando singularidade:

Na entrevista 2 perguntei à informante 64 qual a melhor época para se viver, no presente ou no passado. Resposta:

(58) É hoje, porque *a gente* tem tudo aqui, né (G2, 64).

A gente pode indicar singularidade, visto que a mesma informante, anteriormente, usa a primeira pessoa do singular quando se refere ao trabalho e diz que antigamente a vida era melhor em relação ao serviço: “Pra *mim* era melhor porque *eu* trabalhava”.

Resposta similar encontrei na entrevista 4, com a informante 65, quando fiz o mesmo tipo de pergunta. Obtive como resposta:

(59) De primero era melhor porque a *gente* tinha saúde, né. A *gente* tinha saúde pra andá, pra corrê, pra ... (G4, 65).

A informante 65 refere-se a sua própria saúde (depreende-se pelo contexto da conversa), podendo indicar singularidade.

Na entrevista 7 o informante 71 afirma:

(60) A *gente* nunca esquece a dificuldade (G7, 71).

Esta é uma reflexão do informante, relembrando as dificuldades por que passou no sítio. Também pelo contexto da conversa depreende-se que esteja se referindo a si mesmo.

A entrevista 11 ocorreu na casa da informante 68 que fica próxima à passarela de acesso a Paranaguá. Perguntei-lhe o que ela achava da passarela, ou se ela preferia ainda a travessia de bateira. Disse-me que preferia a bateira por ser mais rápido o transporte e que pela passarela a travessia era mais demorada. Concluiu:

(61) E a *gente* cansa (G11, 68).

A informante 68 utiliza *a gente* com sentido de singularidade, querendo dizer que a travessia da passarela que une a ilha à cidade lhe era penosa.

5.1.2. PSUJ de segunda pessoa:

Durante toda a coleta de dados não encontrei na Ilha dos Valadares a forma *tu*²⁰ (e muito menos a forma *vós*), somente *você(s)*. Ao lado dessas apareceu também *o senhor*.

5.1.2.1. O PSUJ *você(s)*:

Na Ilha dos Valadares observa-se completa absorção da forma *você* como comprovam os exemplos:

- (62) *Você vai pra loja teu ?* (B29).
- (63) *É que o time de vocês*²¹ *tava forte pra daná, né, malandro. Mas eu sô daquele que sei me colocá e me defendê. E é por isso que vocês levaram azar* (G3, 72).
- (64) *Renato, você que participô do segundo ... segundo ... segundo tempo* (G3, 33).
- (65) *Você operô-se por causa do coração* (G8, 66).
- (66) *Você tinha que embarcá na canoa* (G9, 20).
- (67) *Eu falei, né. Porque foi o primero nome que vocês puseram. Então eu não posso (...) outro nome aí pra ... pra tirá o mérito de vocês*²² (G9, 20).

5.1.2.2. O PSUJ *o senhor*:

O PSUJ *o senhor* aparece diversas vezes:

²⁰ Em minhas andanças pela região de Guaraqueçaba (Tibicanga) e à guisa de informação, relato que encontrei (e gravei) o PSUJ *tu* acompanhado da forma verbal sem marca de segunda pessoa. Exemplo:

"O que , Aline, que *tu* qué ?"

"Viu ? *Tu* não quis trocá, eu troquei tudo em sorvete".

Por outro lado, ancorado na possibilidade de ocorrência da forma possessiva *de* + *pronomes* *lexical*, encontrou-se também , na mesma localidade:

"Fulano foi na casa *de tu*".

²¹ Note-se a presença do PPOS *de* + *vocês* correspondente ao PSUJ *vocês*.

²² Idem nota anterior.

a) Como forma respeitosa entre iguais: é o que ocorre no exemplo (68), onde o entrevistador de 48 anos dirige-se ao interlocutor de aproximadamente a mesma idade.

(68) O que o *senhor* achô dessa despedida do senhor²³, compadre, com seus²⁴ amigos aí (G3, 39).

b) Como forma respeitosa de alguém mais novo dirigir-se a outro de mais idade: em (69) o entrevistador tem 48, o interlocutor tem 71.

(69) Seu Eugênio, o que o *senhor* achô do futebol hoje da despedida do Miguel ? O que o *senhor* achô do futebol ? (G3, 39).

c) Como forma respeitosa de um suposto inferior ao dirigir-se a pessoa hierárquica ou socialmente superior: neste exemplo, o informante tem 78 anos, ao dirigir-se ao pesquisador de 38.

(70) O *senhor* levava sua²⁵ mulher no fandango não tava se incomodando (G1, 63).

5.1.3. PSUJ de terceira pessoa:

Como pronomes de terceira pessoa foram encontradas as formas canônicas *ele/ela*:

²³ Note-se a presença do PPOS *de + o senhor* correspondente ao PSUJ *o senhor*.

²⁴ Note-se a presença do PPOS *seus* correspondente ao PSUJ *o senhor*, indicativo de respeito.

²⁵ Note-se a presença do PPOS *sua* correspondente ao PSUJ *o senhor*, indicativo de respeito.

(71) Quando minha mãe andava grávida meu, *ela* registrou *ele*²⁶ (A17).

(72) Se *eles* ganhá nosso, *eles* ficam bem (G5, 5).

5.1.4. Observações adicionais sobre o uso dos PSUJ.

5.1.4.1. *A gente* e *você* como pronome sujeito indeterminado:

Cabe reafirmar que *a gente* pode ser utilizado tanto para a primeira pessoa do singular como do plural, sendo mais comum o emprego de *a gente* por *nós*. Por outro lado, *a gente* também pode indicar indeterminação do sujeito. É o que mostra o exemplo abaixo:

(73) Bem, eu ... Eu a parte duma casa é ... é aquilo que *a gente* adquire (G9, 20).

A mesma coisa diga-se de *você*, que também pode aparecer como recurso de indeterminação do sujeito:

(74) De primero *você* tinha que passá pra lá pra comprá as coisa. Agora *você* compra tudo aqui (G1, 63).

5.1.4.2. Preenchimento do pronome sujeito:

Tradicionalmente desaconselha-se o uso exagerado dos PSUJ, porque a omissão do pronome *eleva o estilo* (MIGUEL, 1989). O pronome pessoal só deve ser usado quando for necessária a ênfase ou quando a omissão provocar equívoco

²⁶ Confirmando a assertiva de TARALLO (1990) de que *o objeto direto claramente demonstra uma tendência à rejeição dos clíticos acusativos*, em várias ocasiões foi flagrado o PSUJ de terceira pessoa nessa função. Exemplo:

"Tivemo que carregá *ela* no peito" (G1,62).

"Deus que chame *ele*"(G4,65).

(ALMEIDA, 1979). Justificam os gramáticos tradicionais que a terminação verbal supre a falta do pronome. No entanto, parece que isso não ocorre atualmente. Note-se que a modificação no paradigma dos PSUJ modificou também o paradigma verbal.

Demonstrando a variação no paradigma verbal (fato que se sente também em Valadares) conjugamos três verbos (estar, ter, plantar), no presente e no imperfeito do indicativo, como estipulam as gramáticas tradicionais:

a) Presente do Indicativo:

PESSOA	PSUJ	ESTAR	TER	PLANTAR
1 ^a . sing.	Eu	Estou	Tenho	Planto
2 ^a . sing.	Tu	Estás	Tens	Plantas
3 ^a . sing.	Ele, ela	Está	Tem	Planta
1 ^a . plur.	Nós	Estamos	Temos	Plantamos
2 ^a . plur.	Vós	Estais	Tendes	Plantais
3 ^a . plur.	Eles, elas	Estão	Têm	Plantam

b) Pretérito Imperfeito do Indicativo:

PESSOA	PSUJ	ESTAR	TER	PLANTAR
1 ^a . sing.	Eu	Estava	Tinha	Plantava
2 ^a . sing.	Tu	Estavas	Tinhas	Plantavas
3 ^a . sing.	Ele, ela	Estava	Tinha	Plantava
1 ^a . plur.	Nós	Estávamos	Tínhamos	Plantávamos
2 ^a . plur.	Vós	Estáveis	Tínheis	Plantáveis
3 ^a . plur.	Eles, elas	Estavam	Tinham	Plantavam

Verifica-se que, pela fórmula tradicional, as desinências têm o papel de indicar a pessoa do discurso, visto que para cada pessoa existe uma desinência específica (ou ausência dela). Mesmo o imperfeito do indicativo nesse paradigma verbal somente poderia levar a alguma ambigüidade na 1ª. e 3ª. pessoa do singular. Aceita-se, raciocinando-se dessa maneira, que a língua portuguesa prescindia do PSUJ. Mas será que a conjugação verbal de acordo com o uso coloquial permite este mesmo raciocínio nos dias de hoje ? Vejamos alguns exemplos desses mesmos verbos tirados de Valadares:

a) No Presente do Indicativo:

- Verbo *estar*:

(75) Tô com 78 já (G1, 63).

(76) ... só que eu tô guspindo aqui no aparelho do nosso amigo Adilson (...) (G3, 26).

(77) Tô com quantos mesmo ? (G1, 62).

(78) O senhor levava sua mulher no fandango não tava se incomodando (G1, 63).

(79) Tá que é um ferro, rapaz (G8, 66).

(80) Ele tá muito emocionado (G3, 39).

(81) (...) Aqui, agora, já tamo comprando o novo que veio (G1, 63).

(82) O que eles tão pensando (G5, 5).

(83) Agora tão pra lá ... (G1, 63).

- Verbo *ter*:

(84) Tenho televisão, tenho ... umas coisa lá (G4, 65).

(85) Pra lá onde você tem a farmácia (G11, 68).

(86) O Cléber já tem uma casinha ali (G6, 71).

(87) A gente tem tudo aqui (G2, 64).

(88) Nós temo saudades dele (G3, 73).

(89) Não é todos, mas na parte do sítio eles têm planta ... a plantação deles sempre tem (G9, 20).

Comprova-se que, no uso coloquial, as desinências verbais estão longe de desfazer ambigüidades, necessitando, como consequência um maior preenchimento do PSUJ.

A conjugação verbal no presente do indicativo, apresentada no quadro abaixo, melhor representaria a conjugação verbal no uso coloquial dos verbos analisados, acompanhados do verbo plantar:

PESSOA	PSUJ	ESTAR	TER	PLANTAR
1ª. sing.	Eu	Estô, tô	Tenho	Planto
2ª. sing.	Você	Está, tá	Tem	Planta
3ª. sing.	Ele, ela	Está, tá	Tem	Planta
1ª. plur.	Nós, a gente	Estamos, está, tá	Temos, tem	Plantamos, planta
2ª. plur.	Vocês	Estão, tão	Têm	Plantam
3ª. plur.	Eles, elas	Estão, tão	Têm	Plantam

Comprova-se que, no uso coloquial, a conjugação verbal no presente do indicativo traz, sim, certa ambigüidade pela uniformização das formas verbais (segunda, terceira do singular, primeira do plural; segunda e terceira do plural), necessitando-se, como consequência, maior preenchimento do PSUJ.

b) Pretérito Imperfeito do Indicativo:

- Verbo *estar*:

- (90) ... eu como centroavante aí, eu que tava entrevistando os atleta era eu (G3, 39).
- (91) E o goleiro do contra que tava mau (G3, 77).
- (92) No começo da casa a gente não tava aqui (G1, 63).

- Verbo *ter*:

- (93) A espingarda eu tinha de três calibre (G1, 63).
- (94) Você tinha que embarcá na canoa (G9, 20).
- (95) A ilha aqui não tinha quase morador (G2, 64).
- (96) Nós não tinha um atleta à altura (G3, 74).
- (97) A gente tinha que corrê pra lá se percisava de alguma coisa (G2, 64).
- (98) Eles só tinham filha única que eu casei com ela (G9, 20).

- Verbo *plantar*:

- (99) O que eu podia plantá, eu plantava (G2, 64).
- (100) E o meu marido plantava (G2, 640).
- (101) Porque o que nós plantava, o que nós adquiria, não tinha valor (G9, 20).
- (102) Por aqui tudo a gente plantava (G9, 26).

O quadro abaixo melhor representa a conjugação verbal coloquial dos verbos mencionados no imperfeito do indicativo:

PESSOA	PSUJ	ESTAR	TER	PLANTAR
1ª. sing.	Eu	Estava, tava	Tinha	Plantava
2ª. sing.	Você	Estava, tava	Tinha	Plantava
3ª. sing.	Ele, ela	Estava, tava	Tinha	Plantava
1ª. plur.	Nós, a gente	Estava, tava	Tinha	Plantava
2ª. plur.	Vocês	Estavam, tavam	Tinham	Plantavam
3ª. plur.	Eles, elas	Estavam, tavam	Tinham	Plantavam

Observa-se no imperfeito do indicativo uma uniformização mais acentuada das formas verbais. Basicamente, de 6 formas verbais, passa-se para duas - uma para a segunda e terceira do plural (tavam, tinham, plantavam) e outra para as demais (tava, tinha, plantava).

Os casos observados em Valadares comprovam as afirmações de DUARTE (1993, p. 109) sobre a flexão verbal no português do Brasil: *há uma crescente simplificação nos paradigmas flexionais*.

Retornamos agora à questão colocada pelo uso tradicional do verbo: a terminação verbal supre realmente a falta do pronome sujeito, tornando este prescindível na estrutura sintática? Suponho, pelos exemplos arrolados, que em Valadares a resposta é não, exatamente pela uniformização das formas verbais.

5.2. O Sistema Pronominal Possessivo.

No decorrer deste trabalho assevero que encontrei as três formas do PPOS anteriormente arroladas, a saber, a forma *canônica*, a forma *nova* e a forma *inovadora*. Em muitos aspectos o sistema pronominal possessivo da Ilha dos Valadares segue os padrões da gramática tradicional pelo uso do PPOS *canônico*, que tem como concorrentes as formas *nova* (de acordo com Quadro XI, reescrito a seguir) e *inovadora*. A forma *inovadora* é objeto de estudo da pesquisa, vislumbra-se no decorrer do trabalho e será discutida mais adiante.

QUADRO XI

O Paradigma novo atual do PPOS

PESSOA	PPOS SINGULAR	PPOS PLURAL
1ª. sing.	Meu, minha, da gente	Meus, minhas, da gente
2ª. sing.	Teu, tua, seu, sua, de você, do(a) senhor(a)	Teus, tuas, seus, suas, de você, do(a) senhor(a)
3ª. sing.	Seu, sua, dele, dela	Seus, suas, deles, delas
1ª. plur.	Nosso, nossa, da gente	Nossos, nossas, da gente
2ª. plur.	Seu, sua, de vocês, do(as) senhores(as)	Seus, suas, de vocês, do(as) senhores(as)
3ª. plur.	Seu, sua, dele, dela	Seus, suas, deles, delas

5.2.1. Forma *tradicional*.

Na forma *tradicional*, sempre antepostos e com a devida concordância em gênero e número com o substantivo foram encontrados os pronomes:

5.2.1.1. Primeira Pessoa:

Na primeira pessoa, foram encontrados, entre outros, os PPOS grifados nos seguintes exemplos:

- (103) Aí eu disse pra *minha* mulher ... (A8).
- (104) Aí a professora abriu *meu* livro ... (A20).
- (105) *Minha* camisa está onde ? (B23.1).
- (106) É que eu queria pra pôr na *minha* coleção (C32).
- (107) Onde criei *meus* filho era só na lavoura (G1, 63).
- (108) Os claro da família toda era eu e *minha* irmã mais velha, que morreu (G2,64).
- (109) *Minha* condução era uma canoinha como daqui ali (G7, 71).
- (110) ... *nosso* time se descontrolou (C44.3).
- (111) Filho de *noossa* comadre Andressa (G1, 62).
- (112) O *nosso* centroavante tava muito ruim (G3, 75).
- (113) Aquela casa de Dicesar lá, que tinha *nosso* terreno (G11, 78).

5.2.1.2. Segunda Pessoa:

Na segunda pessoa o PPOS *teu* é utilizado numa relação de intimidade:

- (114) *Teu* time só foi resolver ganhar nosso (C50).
- (115) Quem era *teu* pai ? (G9, 20).

O PPOS *seu* é utilizado como forma de tratamento respeitoso. Perceba-se o perfeito intercâmbio de *seus* com *do senhor* no exemplo (117):

- (116) O senhor levando *sua* esposa nesses bailes aí já vem um ... (G1, 63).

(117) E o que o senhor achô da despedida *do senhor*, compadre, com *seus* amigo, aí ? (G3, 39).

(118) Ah, *sua* afilhada é a mais velha ela ? (G8, 66).

(119) Pai, eu estou aqui na *Sua* casa ... ²⁷(G10, 69).

5.2.1.3. Terceira pessoa:

Na terceira pessoa comprovou-se o uso generalizado da forma *nova*. Ocorreu um único caso de *seu* na terceira pessoa com o informante 69, comentando uma passagem bíblica:

(120) Deus passou na terra pela primeira vez, mandou *Seu* filho e enviou agora o Espírito Santo de Deus para cuidar de nós ... (G10, 69).

5.2.2- Forma *nova*:

A respeito do uso da forma *nova* concordo com KATO e MENON, pois como demonstram alguns exemplos dos Anexos 2 e 3, encontrei o emprego das formas possessivas *da gente* para a primeira pessoa aliado ao PSUJ *a gente*; a ocorrência na segunda pessoa de *de você(s)* que aponta uma assimilação completa do PSUJ *você(s)* e *do senhor* aliado ao PSUJ *o senhor* como forma respeitosa de tratar o interlocutor; e na terceira pessoa a forma possessiva *dele*.

5.2.2.1. Primeira pessoa:

²⁷ A gravação de número dez foi feita por um amigo na Ilha dos Valadares, meses antes do começo da pesquisa. Casualmente tive acesso à fita, gravada por brincadeira, da pregação de um pastor protestante. Como é de praxe nessas ocasiões, citações bíblicas foram feitas pelo informante 69 no decorrer do encontro, que não foram utilizadas como dados. Tanto é assim que a leitura de trechos bíblicos foi suprimida da transcrição, desde que não afetasse o entendimento do texto empregado na pesquisa.

Nesta forma *nova*, na primeira pessoa, não observei *de mim* ou *de nós* com sentido possessivo, o que não exclui a possibilidade de ocorrência dessas formas por recorrência ao paradigma *de* + *pronome lexical*. A forma *da gente* apareceu como o exemplo (26), reescrito (121):

(121) Os filhos *da gente* só curava com chá (G1, 62).

5.2.2.2. Segunda pessoa:

Sobre a forma possessiva *de* + *você* e seu intercâmbio com o PPOS *teu* temos o exemplo (122) a seguir:

(122) Aquela farmácia é *teu*, né, *de você* ! (B28).

Sobre a forma possessiva *de* + *vocês* temos os exemplos:

(123) É que o time *de vocês* tava forte pra daná, né, malandro (G3,72)

(124) Então eu não posso (...) outro nome aí pra tirá o mérito *de vocês* (G9, 20).

5.2.2.3. Terceira pessoa:

Como mencionei linhas acima, na terceira pessoa, comprovou-se em Valadares o uso generalizado de *dele*:

(125) ... e eu dei um tapa nas costas *dele* (C31.2).

(126) Mas eu vô sabê a idade *dele* e te digo (G1, 62).

(127) Agora, tem um sobrenome *dela* que eu me esqueço (G2, 64).

(128) Demo uma colher de chá pro time *deles* pra ganhá de três a zero (G3, 74).

(129) E bola batê na trave, batê nas costas de Branco, o goleiro *deles* (G5, 76).

(130) Inclusive morei sete ano em casa *deles* ali (G9, 20).

5.3. A forma *Inovadora*.

Esta forma variante de PPOS detectada em Valadares caracteriza-se inicialmente por ser representada pela forma *canônica*, mas empregada numa ordem diferente dentro do SN. Enquanto a forma *canônica* ocorre anteposta ao substantivo no SN, a forma *inovadora* ocorrerá sempre posposta ao substantivo, assumindo um valor referencial. É esta posposição em relação ao substantivo no SN, por outro lado, que aproxima a forma *inovadora* da forma *nova*.

Observou-se que muitos contextos que favorecem a ocorrência da forma *nova* também o são para o PPOS *inovador*. Um bom exemplo disso é a ocorrência de ambas as formas em seguida a verbo de ligação, constituindo um predicativo do sujeito. Este é um dos motivos que me leva à hipótese de que, antes de mais nada, o PPOS *inovador* é uma forma concorrente dessa forma *nova*.

Também foi observada a anulação do gênero da forma *inovadora* do PPOS e a sua extensão de uso a contextos não-possessivos.

5.3.1. Características do PPOS *inovador*.

Como mencionei anteriormente, o contexto de ocorrência da forma *inovadora* se dá após o substantivo, o que também acontece com a forma *nova*. Constituindo SN possessivo, toda vez que o PPOS *inovador* ocorre ele é, inicialmente, concorrente da forma *nova*.

Vejamos alguns comportamentos da forma *nova* para compará-los à forma *inovadora*. Pelo fato de ser uma locução prepositiva (*de* + *pronome lexical*), existem contextos que favorecem a ocorrência da forma *nova*. São eles, de acordo com MENON (1996b) o *efeito do paralelismo*, o *processamento na produção do enunciado* e sua *frequência*, e questões de *ordem e regência*.

Fatores estruturais como *ordem e regência* podem gerar contextos ambíguos, que propiciem o aparecimento da forma *nova*. Por este aspecto, conforme MENON (1996b), a *flexibilidade na distribuição de alguns elementos frasais pode provocar ambigüidades que levem à interpretação de locuções preposicionadas como expressando relação de posse*. Analisemos o exemplo seguinte, de MENON (1996b):

(131) [49]²⁸ Bem, para começar, quero comprar a montanha *de* vocês !
(TP85, ago/72, p. 93) (Tio Patinhas para os índios).

Qual a ambigüidade da frase ? A ambigüidade reside no fato de que a locução *de vocês* pode ser interpretada de duas maneiras:

a) Se supusermos a relação do termo *de vocês*, não com o verbo, mas com o termo *montanha*, pela posição que ocupa ao lado deste na frase, este *de vocês* passaria a ter a função de adjunto adnominal, exprimindo relação possessiva.

b) Outra possibilidade é considerarmos a locução prepositiva como objeto indireto, uma vez que o verbo *comprar* é transitivo direto e indireto, exigindo, portanto, um objeto direto e um objeto indireto. Quem *compra*, *compra alguma coisa de alguém*. Essa *alguma coisa* é a *montanha*; esse *de alguém* é de

²⁸ O número indicado entre colchetes refere-se à numeração dada no trabalho da autora.

vocês. Neste caso, *montanha* funcionaria como objeto direto e *de vocês* poderia ser interpretado como objeto indireto do verbo comprar, não exprimindo relação possessiva.

Não poderia ser assim interpretado o pronome da frase abaixo, coletada em Valadares ?

(132) Ele que não venha cobrá o dinheiro *nosso* agora (C54).

Outro exemplo de MENON (1996b) pode ter interpretação semelhante:

(133) [20] Não posso aceitar a opinião *de você* por muitas razões. Primeiro porque você está apaixonado e seu juízo já não é normativo mais. (*apud* PINTO (1981, p. 45)).

O exemplo acima também veicula ambigüidade pelos mesmos motivos expostos anteriormente. Por ser contígua ao termo *opinião*, a forma *de você* pode ser interpretada como possessiva, exercendo a função de adjunto adnominal, surgindo aí a forma *nova* do PPOS. Mas se analisarmos a estrutura pelo aspecto da regência verbal, poderemos considerar a forma preposicionada como complemento do verbo *aceitar* (*quem aceita, aceita alguma coisa de alguém*) exercendo função de objeto indireto.

O exemplo (134) mostrado em seguida na forma *inovadora* demonstra comportamento semelhante, embora não apresente explicitamente a preposição:

(134) Adilson, amanhã eu vou comprar duas faixa *teu*, fiado (B32).

Neste exemplo (134) temos duas possibilidades de interpretação para *teu*. Na primeira delas, como complemento verbal devido à regência a que obedece em relação ao verbo *comprar* (*quem compra, compra alguma coisa —*

duas faixa —, *de alguém* — teu — *de você*). A outra possibilidade seria considerar-se o termo grifado na estrutura sintática em (134) como adjunto adnominal, por aparecer posposto ao substantivo *faixa*, exprimindo relação de posse.

Já o exemplo (135) mostra o outro contexto possível de ocorrência da forma *nova*, substituída pela *inovadora* em Valadares:

(135) Você está matando a pedra *nosso* (C41).

O verbo *matar* pede OD, cujo núcleo pode vir acompanhado de um adjunto adnominal, como em *mataram o leão do zoológico*. No exemplo (135) o verbo *matar* pede OD. Assim, no exemplo dado, *quem mata, mata alguma coisa* — *a pedra* — *de alguém* — *nosso* — (= *de nós*).

Um ponto de interrogação coloco agora sobre a regra de regência que diz: *verbo transitivo direto e indireto exige dois objetos, um direto (sem preposição), o outro indireto (com preposição)* (MIGUEL, 1989, p. 335). Como classificar a forma *inovadora* nestes contextos, de acordo com a função que ela exerce na frase (objeto indireto), uma vez que, embora intercambiável com a forma *nova* (que ocorre sempre acompanhada de preposição) essa forma *inovadora* não possui preposição ?

Uma explicação plausível para o não aparecimento da preposição seria sua possível comutação com a forma *de* + *pronome lexical*. Neste caso o termo *nosso* deveria ser lido *de nós* e o termo *teu* deveria ser lido *de você* (visto que a população local não usa *tu* como PSUJ de segunda pessoa). Assim, o exemplo (134) deveria ser entendido (134a) e exemplo (135) deveria ser lido (135a):

(134)a Adilson, amanhã eu vou comprar duas faixa *de você* fiado.

(135)a Você está matando a pedra *de nós*.

Quanto aos outros aspectos arrolados por MENON que favorecem a ocorrência da forma *nova*, a saber, o efeito do paralelismo, o processamento na produção do enunciado e sua frequência, não levei em consideração no presente estudo. Mesmo assim, partindo desses exemplos discutidos anteriormente é possível traçar-se um paralelo entre o uso da forma *nova* e da forma *inovadora*.

Considera-se que a primeira pessoa da forma *nova*, embora estigmatizada como afirmam KATO (1985) e MENON (1995), seja apenas forma não-ocorrente ou de baixa produtividade.

De mim parece ser a forma mais estigmatizada das expressões com *de* + *pronome lexical* para a primeira pessoa, talvez pelo fato de, ao invés do PSUJ (dito reto), aparecer um pronome oblíquo empregado com preposição. É o que comenta MENON (1996b, p. 103):

Essa locução tem estrutura diferente das demais: enquanto nas outras pessoas o pronome lexical empregado na locução prepositiva é o pronome sujeito, na primeira pessoa do singular aparece a forma tônica do pronome rotulado tradicionalmente de oblíquo e empregado sempre com preposição. Essa é uma restrição do sistema e isso pode estar colaborando para que essa seja a forma mais estigmatizada das locuções possessivas.

No entanto, MENON (1996b, p. 103) relaciona um emprego de *de mim* em Mário de Andrade, onde o poeta explora a fundo a ambigüidade dos possessivos:

(136) [27] Estava forçando a nota, mas si o dissesse, seria covardia, seria messianismo, seria proclamar o meu sacrifício pessoal, o que era deselegante, ignóbil mesmo. Ora, consciente como estava e sempre estou das minhas fracas forças de artista criador, tendo dado a mim mesmo um destino de transitoriedade que era bem o meu mesmo, pois que eu me sentia feliz, inteiramente feliz dentro

dele, e não possuidor de um destino errado: esse sacrifício de mim, na realidade não existia. Eu não sacrificava nada, pois que era esse próprio pseudo sacrifício que me dava tudo, todo o prazer de mim que eu sentia, toda minha saúde moral e intelectual, e essa imensa alegria por assim dizer física de viver ! O meu sacrifício enfim era sempre uma espécie de egoísmo, embora egoísmo nobre (1935, carta a Souza da Silveira, *apud* PINTO (1981, p. 163-164)).

Além disso, MENON (1996d) citou o exemplo de título de novela da Globo, *Anjo de mim*:

... única construção possível em português para significar que o anjo era o próprio protagonista da história, visto que anjo meu ou meu anjo parece ser empregado para referir-se a outras pessoas, com relação de posse ao protagonista. Meu anjo poderia ser interpretado como a namorada do protagonista, não o próprio.

Uma vez utilizada pela mídia, durante um tempo razoável, como é a duração de uma novela, *de mim* pode ter grande chance de perder o estigma que a caracteriza.

Com a primeira pessoa na forma *inovadora* ocorreu, entre outras, a estrutura em (7), reescrita (137):

(137) Ele vai na casa *meu* (A1).

Utilizarei agora o mesmo argumento empregado acima da possível comutação em mesmos contextos, entre forma *nova* e *inovadora*. Por este processo de comutação, a permuta da forma *inovadora* do exemplo (134) e (135), que admitimos possível acima, resultaria numa estrutura (137a) que não pode ter sua existência descartada:

(137)a Ele vai na casa *de mim*.

Na primeira pessoa do plural a forma *de nós* parece menos estigmatizada que a sua equivalente singular. MENON (1996b) traz como exemplo deste caso:

(138) [25] As cartas que mando pra você são suas. Si eu morrer amanhã não quero que você as publique. Nem depois da morte *de nós dois*, quero um volume como o epistolário Wagner-Liszt (MA, 1925, carta a Manuel Bandeira, *apud* PINTO (1981, p. 138)).

Neste exemplo, como considera MENON em seu trabalho, muito embora o possessivo *de nós* apareça junto a quantificador — *dois* — (poderia ser também um pronome indefinido como *todos*, bastante freqüente) tornando inevitável o uso da forma *nova* de PPOS, não está descartada a hipótese de ocorrência da forma *de* + *pronome lexical* de primeira pessoa em outros contextos, em que esse termo apareça independente de um quantificador na estrutura sintática.

Estruturas semelhantes ao possessivo *de nós* podem ser encontradas na forma *inovadora*, se supusermos a atuação do processo de comutação, que origine o exemplo (139a):

(139) Aí antes era o ... a janela *nosso* (G9, 26).

(139)a Aí antes era o ... a janela *de nós*.

Por outro lado, retomando as comparações entre forma *inovadora* e forma *nova* do PPOS, podemos afirmar que existe muita semelhança de uso das duas formas em função sintática de predicativo do sujeito. Se, como diz MENON (1996c, p. 100) *há um ambiente em que a forma de vocês tem emprego bastante disseminado — na função de predicativo do sujeito*, o mesmo ocorre na forma

inovadora em Valadares. Vejamos o exemplo da autora em questão na forma *nova*:

(140) [19] Bem, o problema é *de* vocês ! Boa viagem e boa sorte ! (TP87, out/72, p. 11). Aeromoça para Tio Patinhas e Huguinho, Luizinho e Zezinho.

Com função de predicativo do sujeito apresento os seguintes exemplos na forma *inovadora*:

(141) Aquela farmácia é *teu*, né, *de* você ! (B28).

O informante 28 poderia ter dito “Aquela farmácia é *de* você” ou “Aquela farmácia é *teu*”, simplesmente, mas não o faz. Por que motivo ? Porque a concorrência entre as duas formas, parece, é comum em Valadares e os falantes já estão efetuando o perfeito intercâmbio das formas.

Um outro exemplo da forma *inovadora* em função de predicativo do sujeito:

(142) A casa é *nosso*, do pai e dele (G4, 65).

Na entrevista 4, perguntei à informante 65: *de quem é a casa ?* Acredito que houve certa dificuldade de interpretação da questão por parte da informante. Num primeiro momento a informante se inclui no discurso como dona da casa (pelos padrões tradicionais que ainda se observam na ilha, a mulher é responsável pelo cuidado da casa), utilizando o termo *nosso*. Num segundo momento a informante atribui o ato de comprar a casa ao filho (ele) e ao marido (o pai), como ela comenta no decorrer da entrevista. Observe-se que para a terceira pessoa a mulher utiliza a forma *nova* (*de* + *pronome lexical* — *de* + *ele*) e uma

outra expressão indicativa de posse (*de + o pai*)²⁹, visto que a forma *inovadora* correspondente à terceira pessoa — *seu* —, seguindo o modelo da primeira e da segunda — *meu, teu* —, ou não existe ou não foi detectada.

Note-se, então, que seria possível, como ocorreu, a informante ter dito “A casa é *de nós*”, “A casa é *do pai*”, “A casa é *dele*”. Perceba-se, porém, que a preferência recaiu sobre a forma *inovadora*, produzida em primeiro lugar. Isto mostra que a forma *inovadora* está em concorrência com a forma *nova*, e é, antes de tudo, uma oposição a ela no sentido de que o falante tem a opção de escolha entre as duas. É possível que devido à estigmatização da forma *nova* (principalmente *de mim* e *de nós*) o falante lance mão da forma sem estigma, que é o pronome *canônico*, em lugar dessa forma *nova*, produzindo uma forma *inovadora*. São intercambiáveis, portanto, os PPOS nos exemplos dados a seguir:

(143) A casa é *meu*, mas tem outra pessoa morando (s/r).

(144) A casa é *de mim*, mas tem outra pessoa morando.

(145) Aquela farmácia é *teu*.

(146) Aquela farmácia é *de você*.

Caminhemos mais em direção às comparações. Como ficou demonstrado anteriormente, tanto a forma *nova* como a forma *inovadora* podem aparecer na função de predicativo do sujeito. Mas as coincidências não param aí. A forma *inovadora* pode aparecer integrando um complemento verbal, complemento nominal ou adjunto adverbial, como ocorre nas locuções preposicionadas com a forma *de + pronome lexical*.. Na forma *inovadora*

²⁹ Convém ressaltar a diferença entre forma *nova*, constituída de *de + pronome lexical* nos SNs: *substantivo + [de + pronome lexical]*, de outras estruturas preposicionadas — *[substantivo + de] + nome*.

observei também uma anulação de gênero e extensão de usos dos PPOS a contextos não-possessivos, como veremos em seguida.

5.3.2. Posição do PPOS *inovador* no SN.

Enquanto a posição do PPOS *tradicional* no SN é geralmente anteposta ao substantivo (ver 4.1), o contexto de ocorrência da forma *inovadora* se dá após o substantivo, como acontece também com a forma *nova* (ver 4.2).

SUBSTANTIVO + PRONOME POSSESSIVO

A posposição do PPOS *inovador* fica demonstrada pelos seguintes exemplos, retirados de Valadares:

- (147) Aquela máquina de lavar *meu* vai rápido (A2.1).
- (148) Aí a professora abriu meu livro e viu uma carta dela, abriu o livro dela e viu uma carta *meu* (A20).
- (149) Minha camisa onde está ? Está na casa *teu* ? (B23.1).
- (150) Foi três gol tudo por falha *nosso* (C44.1).
- (151) O time *teu* ganhou de goleada (B22).
- (152) J. puxa o saco *nosso* (C43).
- (153) Terreno *meu* (G11, 68).
- (154) O lugar *nosso* onde nós moramos é por lá (G6, 58).
- (155) Nega, a casa não é *meu*, a casa é *teu* (A8).
- (156) A — E essa casa aqui de quem é ?
M — É *meu*, né. Enquanto sô viva é *meu* ... (G11,68)
- (157) [...] mas na hora (aleluia) em que o Espírito Santo bate no coração *nosso* e diz não [...] (G10, 69).

Essa posposição do PPOS *inovador* é uma das características que o relaciona à forma *nova*. Sobre a ordem ocupada no SN pelo PPOS *tradicional* — anteposta ao substantivo — e sua concorrente *inovadora* — posposta ao substantivo —, considero de fundamental importância tecer neste momento algum comentário.

BORGES NETO (1986) defende que *a posição do possessivo em relação ao nome está vinculada a uma utilização referencial ou atributiva do SN*. Assim, de acordo com esse autor, existe uma alteração de significado quando um falante diz *minha casa* ou *casa minha*, *meu carro* ou *carro meu*. O falante só dirá *meu carro* ou *minha casa* se realmente houver uma casa ou um carro. Nesses casos, como BORGES NETO mesmo denomina, há uma *pressuposição de existência*. Essa *pressuposição de existência* não há quando o PPOS encontra-se posposto. Em resumo, quando o PPOS fica anteposto ao nome no SN há uma descrição definida usada referencialmente; quando o PPOS fica posposto ao nome no SN não há uma descrição definida em que se possa dizer haja uso referencial. O PPOS pós-nominal, nessas situações, segundo BORGES NETO, indica caráter atributivo. Raciocinando assim, na sentença *ninguém usará carro meu*, o termo possessivo possui papel atributivo, ou seja, o carro não existe, mas *se um dia vier a existir um carro que seja meu, ninguém o usará*.

Não é o que ocorre com a forma *inovadora* do PPOS. Esta forma, de emprego comum na língua falada em Valadares, embora de ocorrência posposta ao nome no SN, indica pressuposição de existência, sendo assim, *referencial*. Para esclarecimento da questão, analisemos o exemplo abaixo:

(158) A — Onde é que Dicesar mora, hein ?

M — Dicesar mora aí. (Apontou a casa vizinha).

A — Aqui nessa casa ?

M — É.

A — Essa casa aqui do lado ?

M — Terreno *meu* também (G11,68).

Quando a informante 68 afirma que o terreno é dela, existe pressuposição de existência. O terreno existe de fato e é de sua propriedade. Analisemos também o exemplo (10) reescrito (159):

(159) Você está matando a pedra *nosso* (C41).

Neste exemplo verifica-se a neutralização do gênero, característica marcante do PPOS *inovador*³⁰. Essa ocorrência foi registrada durante uma partida de dominó. O informante 41 pensava, manuseava as peças do jogo (perdia, por este motivo brigava com o companheiro). O uso do termo possessivo não seria referencial ? Acredito que sim.

Para finalizar o assunto, concordo com BORGES NETO quando ele diz que *a posição do possessivo em relação ao nome está vinculada a uma utilização referencial ou atributiva do SN*, com a seguinte ressalva: PPOS pós-nominal indica caráter atributivo, exceção dos casos em que se trate do PPOS em sua forma *inovadora*.

5.3.3. Anulação do gênero.

O PPOS *tradicional* concorda em gênero e número com a coisa possuída e em pessoa com o possuidor. Normalmente encontraremos, portanto, *minha casa, minhas casas, meu carro, meus carros*. A forma *nova* do PPOS concorda com o possuidor na terceira pessoa em gênero. Teremos então na forma

³⁰ Ver explicação desse fenômeno em 5.3.3.

nova: casa *dele(a)*, casas *dele(a)s*. Na forma *inovadora*, além da concordância com o possuidor, observou-se a anulação do gênero. Assim, seguindo este último paradigma, o falante da ilha (sendo do sexo masculino ou feminino) diz *casa meu*, *carro meu*. Mas antes de discutirmos esse assunto, vejamos como se dá a concordância na gramática tradicional.

5.3.3.1. A concordância na gramática tradicional.

De acordo com a gramática tradicional (por exemplo CUNHA & CINTRA (1985); CEGALLA (1993)) as relações existentes entre as palavras numa oração é campo de estudo da Sintaxe. Numa estrutura sintática as palavras podem relacionar-se pela posição que ocupam, pela determinação (ordem hierárquica) ou pela identidade. Ao primeiro tipo de relação denomina-se sintaxe de colocação, ao segundo sintaxe de regência e ao terceiro sintaxe de concordância.

A sintaxe de concordância ocupa-se da relação das palavras, levando em conta que existem palavras regentes e regidas (analisadas na sintaxe de regência). A concordância pode ser nominal e verbal. Na concordância as palavras regidas obedecem à flexão das palavras regentes. A gramática tradicional preconiza que na concordância nominal os adjetivos, pronomes, artigos e numerais concordam em gênero e número com os substantivos a que se referem. Os substantivos regem as outras classes gramaticais citadas. Pertencem ao gênero feminino todos os termos a que se pode antepor o artigo *a*; pertencem ao masculino todos aqueles a que se pode antepor o artigo *o*.

MARTIN (1975), no lugar de *gênero* para os adjetivos utiliza o conceito de adjetivos *marcados* ou *não-marcados*. Nesta abordagem para a questão do gênero, existem certos substantivos chamados *marcantes* que atraem uma *forma marcada* de adjetivo, que são os termos femininos da gramática tradicional. Assim, a *forma marcada* aparecerá sempre que um adjetivo se

relacionar a um substantivo *marcante*. As palavras ditas masculinas na gramática tradicional são as formas *não-marcadas*. Sendo *não-marcado*, o gênero masculino é a forma mais suscetível de ser utilizada quando não há necessidade de expressar o gênero ou o sexo das coisas, ou quando fazemos generalizações. É por este motivo que, quando nos referimos a características comuns a homens e mulheres dizemos *homens e mulheres altos*, colocando o adjetivo no masculino plural.

Em síntese, a marca de gênero da língua portuguesa é -a. A título de exemplificação, se a *menino* acrescentarmos a marca de gênero teremos:

a) menino + a = menina Forma marcada;

b) menino + zero = menino Forma não-marcada (ausência de marca).

Segundo o paradigma tradicional, quando um substantivo é o núcleo de um SN ou locução nominal, estende a marca de gênero e número aos outros integrantes desse sintagma ou locução. Assim, se a um nome se faz acompanhar um pronome ou adjetivo, por exemplo, estes concordarão com aquele em *gênero* e *número*. Certamente, portanto, encontraremos: *menina bonita, meninas bonitas, flor amarela, flores amarelas, tua menina, tuas meninas, nossa flor, menino pequeno, meu menino*.

5.3.3.2. A concordância nominal e a anulação do gênero em Valadares.

Recorrendo à noção de *forma marcada* e *não-marcada* de MARTIN, verifica-se em Valadares a ocorrência da perda de *marca* dos adjetivos quando estes se colocam no SN pospostos a um substantivo *marcante*. Sugerindo um ponto que deve ser melhor estudado, encontraram-se as seguintes produções que comprovam este fenômeno de anulação de gênero nos adjetivos em Valadares:

- (160) A flor *roxo* (G1, 63).
- (161) Quase *morto* (referindo-se à filha) (G1, 63).
- (162) É três, quatro lâmpada *aceso* (G1, 62).
- (163) Aquela casa onde nós morava lá foi *reformado* (G4, 65).
- (164) Olha, lá tem uma casa assim, assim, assim, que tá *fechado* (G4, 65).
- (165) A mulher também é o *culpado* (G7, 71).
- (166) Abriram essa coisa *inteirinho* (G8, 66).
- (167) A menina ficô meio, tá meio ela *tristezinho* (G8, 66).
- (168) Inclusive a nossa autoridade *ele* qué por valorizá uma parte que o povo não se desgaste ... (G9, 20).
- (169) Glorinha que era *casado* com ele (G4, 65).

Ressalte-se nesses exemplos a anulação do gênero dos adjetivos pospostos ao substantivo: flor *roxo*, quase *morto* (em referência ao sexo feminino), lâmpada *aceso*, casa ... *reformado*, casa ... *fechado*, mulher ... *culpado*, essa coisa *inteirinho*, menina ... *tristezinho*, Glorinha ... *casado*.

5.3.3.3. O PPOS *inovador* e a anulação do gênero.

O mesmo fenômeno de perda de *marca* dos adjetivos ligados a uma forma *marcante* no SN verificou-se na forma *inovadora* de PPOS detectada em Valadares. Isto significa que sempre que o PPOS *inovador* ocorre ele se encontrará sem *marca* de gênero, quer se relacione a um nome no SN ou mesmo integrando um predicativo do sujeito. Vejamos:

- (170) Aqui antes tinha uma casa *meu* (A12).
- (171) Que tamanho tem aquela casa *teu* ? (B23.2).
- (172) A — Era sua a casa ?
V — Era *nosso*. Eles compraram, né (G4, 65).

Na entrevista de número 9, o informante 20 começou a descrever o ambiente antigo na ilha. Ele chegou na ilha adolescente e durante todo esse tempo não saiu do lugar. Conta que quando chegou, havia poucas casas:

(173) Aqui existia uma base de dezesseis casa só. A casa do meu sogro ... Aquela ali era otra. Eu que ... que fiz aquela pra ele ali tá com quase quarenta ano. Mais de quarenta ano aquela casinha ali. Aí eu ... Foi a primera casa. Primero fiz o *meu* aqui, depois fiz aquela ali. Então meu sogro morava ali, fiz ali e era filha única e nunca que dexô eu saí daqui. Morava junto, tinha eles como meu pai e minha mãe. Inclusive morei sete ano em casa deles ali, depois que fiz o *meu* ... (G9, 20).

Nesta entrevista 9, o informante 20 discorreu sobre várias coisas, sua vida particular, o ambiente físico da ilha, a ilha antiga e a atual, etc. No trecho em (172) ele descreve o local onde morou. Diz de seu relacionamento com o sogro, o que favorece o aparecimento dos pronomes de referência à primeira e terceira pessoas. Note-se que o informante 20 utiliza a forma de PPOS *tradicional* (*meu* sogro, *meu* pai, *minha* mãe), a forma *nova* (casa *deles*) e a forma *inovadora* (casa ... *meu*).

Note-se também que quando o informante usa outros termos antepostos ao termo *casa* no discurso não faz a anulação do gênero, como faz com o PPOS *inovador*:

a) com o demonstrativo *aquela*: “*aquela* ali era otra”, “*aquela* (casa) pra ele ali”, “depois fiz *aquela* ali”.

b) com o numeral primeira: “foi a *primera* casa”.

Quando emprega a forma *inovadora* chama a atenção, além da anulação do gênero, o fato de o falante a utilizar com sentido anafórico. Em: Inclusive morei sete ano em *casa* deles ali, depois que fiz o *meu*, por exemplo, o PPOS

remete a *casa* que ocorre na oração anterior. Outra coisa que convém notar: será que se o falante utilizasse *na casa* ao invés de *em casa* tenderia a fazer a mesma anulação de gênero do PPOS ?

O mesmo informante 20, em outro ponto da entrevista produziu uma passagem interessante:

(174) Porque todo povo daí do *nosso* ... na Ilha dos Valadares, por exemplo, já tá se vendo (G9, 20).

Achei interessante esse exemplo, pois foi o único possível caso de anteposição da forma *inovadora* que ocorreu. O que eu depreendi foi que o informante 20 decidiu-se a usar o PPOS *nosso* com sentido *inovador* anteposto ao substantivo *ilha*. Como isto não é possível (*nosso ilha* seria um caso aberrante), o informante procura outra forma de expressão, mas não usa a forma *tradicional*, podendo ser isso um indício de que ele usa normalmente o PPOS *nosso* em contexto *inovador*. Este exemplo é, contudo, muito problemático, porque pode-se argumentar que houve uma pausa, e que esse *nosso* estaria sendo utilizado num contexto *tradicional*. O falante poderia querer dizer “do *nosso* ... lugar”, por exemplo.

No exemplo (175), o informante 26, falando de sua residência conta:

(175) Vai até lá. Essa aí era velho de papai. Essa aqui era a *velha* *nosso*. Essa aqui ... aonde que ... A primera *casa* *nosso* *velho* era aqui, ó. Era uma casa de sete por ... sete por cinco, parece. [...] Aí era o ... a *janela* *nosso*. Aí papai foi trabalhando, foi trabalhando e comprô janela, né. *Janela* *nova*. Ó, aquela ali era da *casa* *velha* *nosso* ainda. É. Depois que ele ... que ele coisa aí que ele comprô daquela janela ali. Tudo de imbuia. Tudo imbuia. Tem essa janela ... tem essa aí, tem mais lá, mais lá ... Tá vendo aquele lá que ele já comprô depois ... é da *casa* *velha* daqui (G9, 26).

Vamos analisar no exemplo a concordância nominal em relação ao termo *casa* e *janela*:

a) Observa-se anulação do gênero em todas as ocorrências do PPOS: *velha nosso, casa nosso velho, janela nosso, casa velha nosso*.

b) Observa-se ou não a anulação do gênero do adjetivo: *janela nova, casa velha, [casa] velho*.

c) Não se observa anulação do gênero do numeral primeiro: *primeira casa*.

d) Não se observa anulação do gênero dos artigos: *a casa, uma casa*.

e) Na maioria dos casos não se observa anulação do gênero dos pronomes demonstrativos: *essa (casa) aí, essa (casa) aqui, aquela (casa) ali, daquela janela ali, essa janela, essa (janela) aí*. Na oração: “Tá vendo *aquele* lá que ele já comprô depois” ocorre a anulação do gênero do demonstrativo porque *aquele* está posposto a *janela*.

Escolhi este trecho para expor que o informante 26 produz numa mesma mensagem formas que demonstram claramente a anulação de gênero do PPOS *inovador*:

a) Num SN formado de substantivo + adjetivo: pode anular-se o gênero do adjetivo ou não:

“Essa aí era [a casa] *velho* de papai”.

“... é da *casa velha* daqui”.

“*Janela nova*”.

b) Num SN formado de substantivo + PPOS: anulou-se o gênero do PPOS:

“Aí era o ... a *janela nosso*”.

c) Num SN formado de (substantivo) + adjetivo + PPOS: anulou-se o gênero do PPOS:

“Essa aqui era [casa] *velha nosso*”.

Isto é corroborado pela informação seguinte:

“Ó, aquela ali era da *casa velha nosso* ainda”.

d) Num SN formado por substantivo + PPOS + adjetivo: anulou-se o gênero do PPOS.

“A primeira *casa nosso velho* mesmo era aqui ó, bem aqui”.

Podemos supor que a anulação do gênero do adjetivo neste caso se tenha dado por interferência da posição ocupada pelo PPOS na estrutura sintática. Acredito ser mais difícil a ocorrência de *casa nosso velha* devido à posição ocupada pelo adjetivo na estrutura.

Para melhor destacar o que foi dito, vamos fazer um resumo através do quadro:

CASA	VELHO	
CASA	VELHA	
CASA	VELHA	NOSSO
CASA	NOSSO	VELHO

Por outro lado, quando digo no capítulo 4 que o PPOS concorda em gênero e número com o possuído e em pessoa com o possuidor nada mais faço que referendar o *paradigma tradicional*. Na forma *nova* com *dele*, *dela*, *do senhor*, *da senhora* concordam com o possuidor em gênero, número e pessoa. Os demais PPOS na forma *nova* seguem o *paradigma novo* e concordam com o possuidor em número e pessoa (*de mim*, *de você/s*, *de nós*, *de ti/tu*). Ressaltando mais esse ponto em comum entre forma *nova* e *inovadora*, coloco em paralelo as duas formas no quadro a seguir:

PESSOA	POSSUÍDO	FORMA NOVA	FORMA INOVADORA
1 ^a . sing.	Livro, casa	Livro, casa de mim	Livro, casa meu
2 ^a . sing.	Livro, casa	Livro, casa de você / de ti	Livro, casa teu
1 ^a . plur.	Livro, casa	Livro, casa de nós	Livro, casa nosso

A pergunta que se coloca é a seguinte: a anulação do gênero no PPOS *inovador* deve-se, por extensão de uso, à anulação do gênero do adjetivo que também se observa em Valadares, quando este se pospõe ao substantivo (neste caso o PPOS funcionaria como um pronome adjetivo); ou é o PPOS quem está conduzindo o processo de anulação de gênero, como demonstra a construção *casa velha nosso* / *casa nosso velho* ?

5.3.4. Extensão de uso da forma *inovadora* a contextos não-possessivos.

Muitos estudos sobre o uso da língua no Brasil indicam que o PPOS está sujeito à variação (entre eles os de SILVA (1982, 1996); KATO (1985); MENON (1995, 1996)). Esta variação para a designação de posse pode ocorrer, quer pelo uso de uma forma *tradicional*, uma forma *nova* constituída da

expressão *de + pronome lexical*, quer pelo uso de uma forma *inovadora*, como é o caso de Valadares.

Sendo expressa pela forma prestigiada pela escola (*meu, teu, seu, etc*), nos contextos em que a forma *inovadora* acontece ela é, antes de mais nada, uma oposição à forma *nova*. Da mesma maneira que a forma *nova*, e diversamente da forma *tradicional*, a forma *inovadora* ocorre posposta ao substantivo no SN.

Verifica-se também um outro tipo de coincidência entre a forma *nova* / forma *inovadora* que também acontece no PPOS *tradicional*. É a ocorrência do pronome na função de predicativo do sujeito. Poderemos encontrar frases como *a casa é tua, a casa é de você, a casa é teu*. Em relação a outras funções sintáticas pode-se dizer que a forma *nova* do possessivo não ocorre em complementos verbais — em frases como *gosto de você*, o termo preposicionado não é PPOS, não se trata da forma *nova*. Tanto a forma *tradicional* do PPOS como a *inovadora* podem aparecer pospostas ao verbo, como parte de complemento verbal. Em *gosto de minha casa*, por exemplo, o PPOS *tradicional* faz parte de um SN posposto ao verbo. Em:

(176) Se eles ganhá *nosso* eles ficam bem (G5, 5),

o PPOS *inovador* também constitui um complemento verbal posposto ao verbo. Na função de complemento nominal também pode ocorrer a forma *nova* como a *inovadora*. Isto demonstra a extensão de uso destas formas a contextos não-possessivos, o que veremos em seguida.

5.3.4.1. Extensão de uso — complemento nominal.

Sobre o complemento nominal FARACO & MOURA (1988, p.196), escrevem que:

1- Completa sentido de um nome de significação transitiva. Esse nome pode ser um substantivo, um adjetivo, um advérbio;

2- Vem sempre precedido de preposição.

Às vezes o complemento nominal pode ser representado por um pronome.

MENON (1996b, p. 100), comentando o contexto de ocorrência do PPOS *de* + *você* diz:

... o processamento do enunciado pode favorecer ou até exigir a locução possessiva. O enunciado (20), de uma carta de Mário de Andrade a Manuel Bandeira, datada de 1929, é um bom indício que o uso de de você não é nem tão recente, nem restrito ao registro oral da língua no Brasil:

[20] Não posso aceitar a opinião de você por muitas razões. Primeiro porque você está apaixonado e seu juízo já não é normativo mais. (apud PINTO, (1981, p. 145).

Parece-nos que a ocorrência dessa forma preposicionada é altamente favorecida pelos casos em que os substantivos exijam complemento nominal, como necessidade de ou no caso de locuções prepositivas como a respeito de.

No exemplo (177), retirado de MENON (1996b, p. 101) de acordo com o *processamento do enunciado* poderemos ter duas possibilidades de construção como (177a), e (177b) , dadas a seguir, onde o PPOS funciona como adjunto adnominal:

(177) [21] Não entendo essa *necessidade de* você mostrar serviço.

(177)a [21a] Não entendo essa *tua/sua* necessidade de mostrar serviço

(177)b [21b] Não entendo essa *necessidade de* você de mostrar serviço.

Em (177a), pela anteposição do pronome, o que segue o termo *necessidade de* é um complemento nominal. Se, por outro lado, ao enunciar (177) o falante emitir primeiramente o núcleo da locução,— *essa necessidade* — , *de* *você* pode estabelecer noção de posse com *necessidade* (*de* *você* = *tua/sua*),

constituindo sintaticamente um adjunto adnominal ou *você* vai ser considerado sujeito de *mostrar*.

A autora faz referência ao fato de que a construção (177b), que evidenciasse separadamente as relações, raramente será proferida por um falante nativo.

No exemplo (178), embora não haja duas possibilidades de processamento, como ocorreu em (177), o PPOS na forma *inovadora* pode ser considerado com função de complemento nominal; mais ainda se supusermos que a estrutura (178a) também seja com ela comutável na forma *nova*:

(178) Ele tava com inveja *nosso* (C48.7).

(178)a Ele tava com inveja *de nós*.

5.3.4.2. Extensão de uso — complemento verbal.

Outra semelhança encontrada entre a forma *nova* e a forma *inovadora* de uso do PPOS em contextos não-possessivos é a sua ocorrência integrando um complemento verbal. No exemplo (179) retirado de MENON (1996b, p. 108) a expressão grifada é um complemento verbal :

(179) [46] Não posso esconder *de você*, querida amiga, o fato de que as perspectivas são más (AC, MSIT, p. 139).

Em (179) *de você* é um objeto indireto. Isto porque se fosse obedecida à ordem normal dos termos da oração (primeiro OD, depois OI) haveria dificuldade no entendimento da frase. Neste caso específico a locução preposicionada não expressa relação de posse. Esta construção mostra que, em alguns casos, a ordem canônica OD - OI não pode ser utilizada, porque haveria dificuldade de

entendimento da frase. Essa dificuldade deve-se ao peso do OI na estrutura sintática.

Embora não veiculando relação de posse, a locução prepositiva em (179) pode servir de paradigma para a ocorrência da forma *inovadora*, grifada em (180) com função de complemento verbal (objeto indireto):

(180) O professor Paulo gostava *nosso* pra caramba (C53).

Um detalhe interessante a ser salientado é que, nesses casos, a forma *inovadora* é regida por um verbo que pede preposição *de* que está presente na locução prepositiva correspondente:

(180)a O professor Paulo gostava *de nós* pra caramba.

Além do verbo *gostar* com 1 ocorrência, outros verbos regidos de preposição apareceram em contextos não-possessivos da forma *inovadora*, constituindo complemento verbal: *alugar de*, *roubar de*, *descontar de*, *aplicar em* (no contexto de aplicar uma injeção em), *comprar de*, *tirar sarro de*, *pensar mal de*, *chutar de* (com o sentido de tomar de), *contar de* (falar algo de alguém), *cobrar de*, *ir (estar) à procura de* — todos com 1 ocorrência; *ficar a falar de*, *depende de* — com 2 ocorrências; *ganhar de* — com 18 ocorrências. A maior incidência do verbo *ganhar* é explicável, pois o assunto comum era futebol. Vejamos um exemplo com esse verbo.

No exemplo (181), conversando sobre futebol estavam o informante 5 e o informante 76. Entrei na conversa e disse que certo time dependia de nossos resultados. O informante 5 falou:

- (181) Tem que ganhá *nosso* de qualquer jeito. Se perdê pra nós ou dé empate aí é saco. [...] Se eles ganhá *nosso* eles ficam bem (...) Agora, eles vão ter que ganhá *nosso*, mas tem que jogá pra ganhá, eu falei pra eles. Vão tê que jogá. O que eles estão pensando. Vai tê que jogá. Não tem nada a vê (G5,5).

O verbo *ganhar* nesse contexto é VTI, logo, o PPOS que vem em seguida a ele é um complemento desse verbo.

5.3.4.3. Extensão de uso — adjunto adverbial.

Com a forma *inovadora* do PPOS apareceram estruturas sintáticas em contextos não-possessivos com função de adjunto adverbial. Algumas delas:

- (182) Eu vou *atrás teu* (B3).
 (183) Eles jogam *depois nosso* (C48.1).
 (184) Eles só saíram *por causa nosso* (C58).

Tais estruturas podem ser analisadas se supusermos que existe correspondência entre os pronomes e os SNs formados com locuções prepositivas. De acordo com (CUNHA & CINTRA, 1985) locuções prepositivas são aquelas constituídas de dois ou mais vocábulos, sendo o último deles, geralmente, a preposição *de*. Algumas locuções prepositivas: *abaixo de*, *acima de*, *a despeito de*, *antes de*, *ao lado de*, *ao redor de*, *a respeito de*, *atrás de*, *debaixo de*, *de cima de*, *depois de*, *embaixo de*, *em cima de*, *em frente de*, *perto de*, *por causa de*, etc.

As locuções prepositivas podem fazer originar estruturas sintáticas com adjunto adverbial. A forma *inovadora* com função de adjunto adverbial pode ter sua existência explicada por recorrência ao paradigma de uso das locuções prepositivas. Assim os exemplos (182), (183), (184) podem ter como seus correspondentes:

(182)a Eu vou *atrás de* você .

(183)a Eles jogam *depois de* nós.

(184)a Eles só saíram *por causa de* nós.

Para efeito de informação, o quadro abaixo relaciona o tipo de preposição produzida pelos informantes durante a pesquisa e a idade dos indivíduos que as produziram:

QUADRO XV

Preposições integrantes da locução adverbial na forma inovadora em Valadares

IDADE	em cima de	perto de	atrás de	em frente de	depois de	antes de	embaixo de	TOTAL
Até 20	01	01	03	01	-	-	-	06
21 a 35	03	01	06	04	04	02	01	21
36 a 50	-	01	-	-	-	-	-	01
+ de 50	02	-	-	01	-	-	-	03
T. ocorr.	06	03	09	06	04	02	01	31

Através do quadro constata-se que do total de 31 ocorrências da forma *inovadora* em contexto de adjunto adverbial, 21 (ou 67,74%) aconteceram entre os indivíduos de 21 a 35 anos, provavelmente porque a maioria dos informantes está nessa faixa etária.

5.4. Sistema Pronominal Possessivo em uso na Ilha dos Valadares.

Como afirmei anteriormente e fazendo uma síntese do sistema pronominal possessivo em uso na Ilha dos Valadares, podemos concluir que este grupo lingüístico convive com 3 formas do PPOS: a *tradicional*, a *nova*, e a *inovadora*.

O uso dessas três formas pode ser notado no exemplo (148), reescrito (185) em seguida.

(185) Aí a professora abriu *meu* livro e viu uma carta *dela*, abriu o livro *dela* e viu uma carta *meu* (A20).

Observe-se que o informante 20 faz uso das três formas relatadas:

a) Forma *canônica*: *meu* livro.

b) Forma *nova*: carta *dela*, livro *dela*.

c) Forma *inovadora*: carta *meu*.

No exemplo (149) reescrito (186), o informante 23 faz uso da forma *tradicional* (*minha* camisa) e *inovadora* (casa *teu*):

(186) *Minha* camisa está onde ? Está na casa *teu* ? (B23.1).

A forma possessiva *seu* em contexto *inovador* ocorreu apenas uma vez. Eu estava fechando a farmácia, a porta semi-cerrada, quando chega o informante 61 apressado com uma conta de energia elétrica para pagar. Disse-lhe que não daria para cobrar naquele momento, pois estava fazendo balanço. Ele insistiu com a frase (187). Abri e atendi seu pedido:

(187) Não, Adilson, eu só quero uma informação *seu* (61).

Com os exemplos (185) e (186), mais o exemplo (187) deixando entrever que, embora tenha ocorrido uma única vez, não está descartada a hipótese da ocorrência da forma *inovadora seu*, o quadro abaixo resume as formas possessivas encontradas em Valadares:

QUADRO XVI

Formas Possessivas em Uso em Valadares

FORMA CANÔNICA	FORMA NOVA	FORMA INOVADORA
Meu livro	Livro de mim	Livro meu
Minha casa	Casa de mim	Casa meu
Teu livro	Livro de você	Livro teu
Tua casa	Casa de você	Casa teu
Nosso livro	Livro de nós	Livro nosso
Nossa casa	Casa de nós	Casa nosso

5.4.1. Inovação em Valadares:

Da análise das ocorrências detectadas em Valadares depreende-se que, quanto à posição que ocupa no SN, o PPOS na forma *canônica* é, geralmente, pré-nominal; as formas *nova* e *inovadora* são pós-nominais. Verifica-se também que, na forma *inovadora*, está havendo casos de anulação da *marca* de gênero para o pronome.

Pelo estudo do sistema pronominal possessivo em uso em Valadares confirma-se também que está havendo uma extensão de uso da forma *inovadora* a contextos não-possessivos, ou seja, utilização do PPOS *canônico* em contextos

não-possessivos, por equivalência e analogia com a forma genitiva (*de* + *pronome lexical*). Estes contextos são:

a) Como complemento verbal — objeto indireto:

(188) Eles precisa ganhá *nosso* pra se classificá (C70).

QUADRO XVII

Formas possessivas do PPOS *inovador* utilizadas em contexto não-possessivo como complemento verbal

FORMA PREPOSICIONADA	FORMA INOVADORA
Ganhou de mim	Ganhou meu
Ganhou de você	Ganhou teu
Ganhou de nós	Ganhou nosso

As formas preposicionadas exercem a função de objeto indireto dentro da estrutura. Se supusermos a correspondência entre as formas preposicionadas e a forma *inovadora* do PPOS, podemos dizer que estes exercem a mesma função nesses mesmos contextos, embora com ausência de preposição.

b) Como complemento nominal:

(189) Ele tava com inveja *nosso* (C48.7).

QUADRO XVIII

Formas possessivas do PPOS *inovador* utilizadas em contexto não-possessivo como complemento nominal

FORMA PREPOSICIONADA	FORMA INOVADORA
Tava com inveja de mim	Tava com inveja meu
Tava com inveja de você	Tava com inveja teu
Tava com inveja de nós	Tava com inveja nosso

As formas preposicionadas *de mim*, *de você*, *de nós* exercem dentro da estrutura a função de complemento nominal. Se supusermos a correspondência entre a forma preposicionada e a *inovadora*, podemos dizer que estas também podem exercer a função de complemento nominal.

c) Como adjunto adverbial:

(190) Eles jogam *depois nosso* (C48.1).

(191) Eles só saíram *por causa nosso* (C48).

QUADRO XIX

Formas possessivas do PPOS *inovador* utilizadas em contexto não-possessivo como adjunto adverbial

FORMA PREPOSICIONADA	FORMA INOVADORA
Depois de mim	Depois meu
Depois de você	Depois teu
Depois de nós	Depois nosso

Neste caso, o advérbio é constituído de preposição + locução prepositiva. Também pela correspondência que há entre a estrutura na forma preposicionada e na forma *inovadora*, podemos dizer que o PPOS *inovador* exerça também a função de adjunto adverbial.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.

O sistema pronominal possessivo em uso no Brasil está em processo de variação. De modo geral, ao lado de uma forma *tradicional* (Quadro VI, p. 37), os falantes de língua portuguesa do Brasil lançam mão de uma segunda forma, a forma *nova* (Quadro VII, p.41), para expressar as relações de posse. Em Valadares constatei, porém, que além dessas duas, a comunidade lingüística utiliza-se de uma terceira forma, a *inovadora*, para estabelecer relações de pertencimento.

Acredito que o valor desta pesquisa esteja na detecção e descrição inicial desse uso inovador do PPOS. Essa forma *inovadora* é idêntica ao PPOS *canônico*. Porém, diferentemente do uso *canônico*, este PPOS *inovador* aparece posposto ao substantivo no sintagma nominal. A interpretação desse pronome posposto não coincide com a interpretação que acontece na forma *tradicional*. A posição ocupada pelo PPOs *inovador* (posposta ao substantivo no SN) é a mesma posição ocupada pelo PPOS na sua forma *nova*. Nessa posição, o PPOS *inovador* sofre anulação de gênero. Sempre que o PPOS *inovador* ocorre, ele se encontrará no masculino:

(192) Eu ía lá na casa *teu* pra falá com você, mas não deu (B23.6).

(193) Não tire foto *nosso* torrado (C31.1).

Observa-se também uma extensão de uso do PPOS a contextos não-possessivos, a característica mais marcante do PPOS *inovador*. Em contextos não-possessivos o PPOS *inovador* aparece integrando um complemento verbal, um complemento nominal ou uma adjunto adverbial. Os exemplos a seguir comprovam que o falante da Ilha dos Valadares emprega, muitas vezes na mesma sentença, o PPOS *inovador* em contexto possessivo e não-possessivo:

(194) Você pegou a receita *meu*. Eu não dei, você pegou *meu* (A5.1),
equivalente a:

(194a) Você pegou a receita *de mim*. Eu não dei, você pegou *de mim*.

(195) Aí eles jogaram trigo *em cima meu*. Sujaram toda a roupa *meu*
(A34),

equivalente a:

(195a) Aí eles jogaram trigo *em cima de mim*. Sujaram toda a roupa *de mim*.

Em outras oportunidades o PPOS *inovador* ocorreu duplicado:

a) Correspondente a locução preposicionada com função de adjunto
adverbial:

(196) *Antes nosso* Barrancos X Maiti, *depois nosso* Kilauana X Primos
(C48.4),

equivalente a:

(196a) *Antes de nós* Barrancos X Maiti, *depois de nós* Kilauana X
Primos.

b) Correspondente a [de + pronome lexical] na função de OI:

(197) Ninguém nunca mais ganha *nosso*. É difícil alguém ganhar *nosso*
aqui dentro dessa ilha (C60.2),

equivalente a:

(197a) Ninguém nunca mais ganha *de nós*. É difícil alguém ganhar *de nós*
aqui dentro dessa ilha.

c) Como possessivo, na função de adjunto adnominal:

(198) Ninguém mexe na rede *meu*. Ninguém mexe na linha *meu* (s/r),
correspondente a:

(198a) Ninguém mexe na rede *de mim*. Ninguém mexe na linha *de mim*.

Algumas vezes o falante reitera o uso do PPOS *inovador*, como nas retificações, o que comprova a vitalidade da forma na ilha:

(199) O Fronteira é *perto meu* lá, é *perto nosso* (A18).

(200) Nega a casa não é *meu*, a casa é *teu* (A8).

O que deve ficar bem demarcado a partir deste trabalho é a existência em Valadares de um PPOS *inovador* cujo uso está em concorrência com a forma *tradicional* e a forma *nova*.

Não se pretende, com o presente trabalho, esgotar o assunto. Muitas interrogações são mantidas como a determinação dos contextos favoráveis ou desfavoráveis para a aplicação da regra que modifica o gênero ou que provoca extensão de uso do PPOS em contextos não-possessivos, o que não foi possível neste momento.

Mais adiante, para confrontação com o que foi encontrado em Valadares, o estudo do PPOS *inovador* em Superagüi e região contribuiria para um posterior mapeamento do sistema pronominal em uso no litoral paranaense, berço da civilização do estado. Esta pretensão tem razão de ser, pois segundo o comentário de uma professora parnanguara ao folhear estas páginas, parece que a forma *inovadora* ocorre em várias regiões do litoral, tanto paranaense quanto paulista. Esta professora contou-me que lembra que, quando seu pai lhe pedia

para que lhe passasse a roupa, dizia o seguinte: “Filha passe aquela calça de brim *meu*”.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

- ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Gramática Metódica da Língua Portuguesa*. 28. ed., rev. São Paulo: Saraiva, 1979.
- ANDRÉ, Hildebrando Afonso de. *Gramática Ilustrada*. 2ª. ed. rev. e aum. com mais de 600 exercícios propostos. São paulo: Ed. Moderna, 1978.
- BENEMAN, J. Milton; CADORE, Luis A. *Comunicação em Língua Nacional*. São Paulo: Ática, 1976.
- BORGES NETO, José. *Os Possessivos como indicadores de referência e atribuição*. D.E.L.T.A. 2 (1), 1986, pp. 145-149.
- BOUTIN, Leônidas. *Breve História de Paranaguá - seu desenvolvimento socio-econômico e cultural*. Editoração da Prefeitura Municipal de Paranaguá: Paranaguá, 1984.
- BOUTIN, Leônidas. *Superagüi*. Separata do boletim número 40 do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná. Curitiba: IHGP, 1983.
- CÂMARA JÚNIOR, Joaquim Matoso. *História e Estrutura da Língua Portuguesa*. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1979.
- CEGALLA, Domingos paschoal. *Novíssima Gramática da língua Portuguesa: com numerosos exercícios*. 36ª. ed. rev. e ampl. São paulo: Editora Nacional, 1993.
- CINTRA, Luis F. L. *Sobre 'Formas de Tratamento' na Língua Portuguesa*. Lisboa: Livros Horizonte, 1972.
- COSERIU, Eugenio. *Teoría del Lenguaje y Lingüística General - cinco estudios*. 2ª. ed. Madrid: Biblioteca Románica Hispánica/Editorial Gredos, S. A., 1967.
- COUTINHO, Ismael de Lima. *Pontos de Gramática Histórica*. 6ª. ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1968.
- CUESTA, Pilar V.; LUZ, Maria Albertina M. da. *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Edições 70, 1971.

- CUNHA, Celso F.; CINTRA Luis F. L. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- DIAS, Augusto Epiphânio da Silva. *Syntaxe Histórica Portuguesa*. 3ª. ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1953.
- DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. *Do Pronome Nulo ao Pronome Pleno: a Trajetória do Sujeito no Português do Brasil*. In: ROBERTS, Ian; KATO, Mary A. *Português Brasileiro — uma Viagem Diacrônica. Homenagem a Fernando Tarallo*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1993.
- ELIA, Silvio. *Sociolinguística: uma Introdução*. Rio de Janeiro: Padrão, Niterói, Universidade Federal Fluminense, 1985.
- FARACO, Carlos Alberto. *The Imperative Sentence in Portuguese: a Semantic and Historical Discussion*. Tese de doutoramento: University of Salford, UK, 1982.
- FARACO, Carlos Alberto. *O Tratamento 'você' em português: uma abordagem histórica*. Fragmenta, 13, curso de pós-graduação em Letras. Curitiba: Editora da UFPR, 1996.
- FARACO, Carlos E.; MOURA, Francisco M. de *Língua e Literatura*. São Paulo: Ática, 1988.
- FIGUEIREDO, Cândido de. *Gramática Sintética da Língua Portuguesa para o Ensino Secundário*. 5ª. ed. actualizada e aprovada. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1948.
- FONSECA, Maria Stella V.; NEVES, Moema F. (orgs.) *Sociolinguística*. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974.
- GARCIA, Hélio; GARAVELLO, Tito M. *Geografia do Brasil - Dinâmica e Contrastes*. São Paulo: Editora Scipione, 1992.
- IBGE- Anuário Estatístico do Brasil. Classe de Rendimento Familiar. Rio de Janeiro: 1995.

- KATO, Mary A. *A Complementaridade dos Possessivos e as Construções genitivas no português coloquial: réplica a Perini*. D.E.L.T.A., São Paulo, n. 1-2, p. 107- 120, 1985.
- LABOV, W. *Sociolinguistic Patterns* Great Britain: Basil Blackwell Oxford, 1972.
- LABOV, W. *Hypercorrection by the Lower Middle Class as a Factor in Linguistic Change*. In: *Sociolinguistics- Proceedings of the UCLA Sociolinguistics Conference*, 1964 Los Angeles: Mouton & Co, 1975.
- LUPORINI, Teresa Jussara. *Cidália Rebelo Gomes: uma Educadora na Ilha dos Valadares*. Curitiba: Lítero-Técnica, 1992.
- MANSUR GUÉRIOS, R. FARÂNI. *Português Ginásial. Gramática e exercícios*. 11ª. ed. São Paulo: Edição Saraiva, 1964.
- MARTIN, John W. *Gênero ?* Revista Brasileira de Linguística, Rio de Janeiro, n. 2/1975, pp. 3-8, 1975.
- MARTINS, Romário. *História do Paraná*. 3ª. ed. Curitiba: 1939.
- MARTINS, Romário. 1874-1918. *História do Paraná*. Curitiba: Travessa dos Editores, 1995.
- MASSA, José de Noronha N. *Grammatica Analytica da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: H. Lombaerts, 1888.
- MELO, J. Nelino. *Estudos Práticos da Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. 2ª.ed. Rio de Janeiro: Bruno Buccini/editor, 1968.
- MELHEM, Adas. *Geografia. O Brasil e suas regiões econômicas*. Vol. 2. 3ª. ed. rev. e atualizada. São Paulo: Moderna, 1984-1994.
- MENON, Odete Pereira da Silva. *O Sistema Pronominal do Português do Brasil*. Texto apresentado no curso de extensão em língua portuguesa promovido pelo dep. de Linguística, letras Clássicas e Vernáculas, Curitiba, UFPR, 31.08 a 04.09.93. Uma versão revista foi apresentada na mesa redonda “Estratégias para a Interface com a Escola”, GT de Sociolinguística, IX

Encontro Nacional da ANPOLL, Caxambú, 12 a 16.06.94. *Letras*, Curitiba: Editora da UFPR, 1995b.

MENON, Odete Pereira da Silva. *Reestruturação do Sistema Possessivo em português*. In: VIII Seminário do Centro de Estudos Lingüísticos e Literários do Paraná (1994:Curitiba). *Anais ...* Umuarama: UNIPAR/FAFIU, Departamento de Letras, 1995a, p. 334-338.

MENON, Odete Pereira da Silva. *Clíticos Possessivos em Curitiba: implicações para o ensino*. In: II. Simpósio Nacional do GT de Sociolingüística - Pesquisa e Ensino de Língua: contribuições da Sociolingüística (1995: Rio de Janeiro). *Anais ...* Rio de Janeiro: UFRJ/CNPq/CAPES, 1996a, p. 101-116.

MENON, Odete Pereira da Silva. *Variação e Mudança: o papel dos condicionamentos lingüísticos*. Fragmenta, 13, curso de pós-graduação em Letras. Curitiba, Editora da UFPR, 1996b.

MENON, Odete Pereira da Silva. *Uso dos Pronomes Sujeito de Primeira Pessoa: uma Análise Sociolingüística*. Tese apresentada ao concurso para professor titular de Lingüística no Departamento de Lingüística, Letras Clássicas e Vernáculas, Setor de Ciências Humanas e Artes da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1996c.

MENON, Odete Pereira da Silva. *[De + pronome lexical sujeito]: variação no sistema pronominal possessivo do Brasil*. Comunicação apresentada no I Encontro de Variação Lingüística do Cone Sul. Porto Alegre, UFRS, 02 a 04.09.96d.

MENON, Odete Pereira da Silva. *"A gente": um processo de gramaticalização*. Estudos Lingüísticos, XXV, 622-628, 1996e.

MENON, Odete Pereira da Silva. *Seu/de vocês: Variação e Mudança no Sistema dos Possessivos*. In: HORA, Dermeval da (org.) *Diversidade Lingüística no Brasil*. João Pessoa: Idéia, 1997.

MEQUELUSSE, Jair. *A População da Vila de Paranaguá no Final do Século XVIII*. Tese de mestrado. Curitiba: UFPR, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes - curso de pós graduação em História, 1975.

MERCER, José Luis da Veiga. *Le Lexique Technique des Pêuchers de Guaraqueçaba (Brésil)*. Toulouse: Un. De Toulouse II, tese de doutorado.

- MIGUEL, Jorge. *Estudos de Língua Portuguesa*. São Paulo: HARBRA Ltda, 1989.
- MOLLICA, Maria Cecília (org.) *Introdução à Sociolingüística Variacionista*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1992.
- MONTEIRO, José Lemos. *Pronomes Pessoais: Subsídios para uma Gramática do Português do Brasil*. Fortaleza: Edições EUFC, 1994.
- MOTA, Jacyra. *Os pronomes pessoais sujeito no português do Brasil e o ensino da língua materna*. In: II. Simpósio Nacional do GT de Sociolingüística - Pesquisa e ensino de língua: contribuições da Sociolingüística (1995: Rio de Janeiro). *Anais ...* Rio de Janeiro: UFRJ/CNPq/CAPES, 1996, pp. 85-100.
- NEVES, Maria Helena de Moura. *Possessivos*. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira de (org.). *Gramática do português falado*. v. 3. *As abordagens*. Campinas: Editora da UNICAMP/FAPEST, 1993.
- NASCIMENTO JR., Vicente. *História, Crônicas e Lendas*. Paranaguá: Publicação da Prefeitura Municipal de Paranaguá, 1980.
- OMENA, Nelize Pires de. *A referência à primeira pessoa do discurso no plural*. In: SILVA, Giselle M. de O. e; SCHERRE, Maria Marta P. *Padrões Sociolingüísticos. Análise de fenômenos variáveis do português falado no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, Departamento de Lingüística e Filologia, UFRJ, 1996.
- PERINI, Mário. *O surgimento do sistema possessivo do português coloquial: uma interpretação funcional*. D.E.L.T.A., São Paulo, n. 1-2, pp.1-16, 1985.
- RIBEIRO, Ernesto C. *Estudos Gramaticais e Filológicos*. Bahia: Livraria Progresso, 1957.
- RIBEIRO FILHO, Anibal. *Paranaguá na História de Portugal - suas relações com a monarquia portuguesa*. Paranaguá: Prefeitura Municipal de Paranaguá, 1967.
- SACCONI, Luis Antonio. *Gramática Essencial da Língua Portuguesa*. 3ª. ed. rev. São Paulo: Atual, 1988.

- SAID ALI, M. *Grammatica Secundária da Língua Portuguesa*. São Paulo: Companhia Melhoramentos de São paulo, s/d.
- SAID ALI, M. *Gramática Secundária e Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. 3ª. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1964.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Lingüística Geral*. Org. por Charles Bally e Albert Sechehaye. São paulo: Cultrix, 1987.
- SCHERRE, Maria Marta Pereira. *Pesquisa e ensino: modelos de análise em debate - o modelo variacionista*. In: Pesquisa e Ensino da Língua: contribuições da Sociolingüística. Anais do II. Simpósio nacional do GT de Sociolingüística da ANPOLL. 23-25 de outubro de 1995- UFRJ. curso de pós-graduação em letras vernáculas - CNPq. Rio de Janeiro, 1996.
- SILVA, Giselle M. de Oliveira e. *Estudo da regularidade na variação dos possessivos no português Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, UFRJ, Faculdade de Letras, 1982. Tese de doutorado.
- SILVA, Giselle M. de Oliveira e. *Variação no sistema possessivo de terceira pessoa*. Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, n. 78/79, pp. 54-72, 1984.
- SILVA, Giselle M. de Oliveira e. *Um Caso de Definitude*. In: - A Variação no Português do Brasil. Organon 18, Revista do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, volume 5, número 19, 1991.
- STADEN, H. *Meu Cativo entre os Selvagens do Brasil*. Curitiba: FCC, Farol do Saber, 1995.
- TARALLO, Fernando. *A Pesquisa Sociolingüística*. 3ª. ed. São Paulo: Ática, 1990.
- TARALLO, Fernando. *Tempos Lingüísticos. Itinerário Histórico da Língua Portuguesa*. São Paulo: Ática, 1990.
- TARALLO, Fernado. *Reflexões sobre o conceito de mudança lingüística*. In: A Variação no português do Brasil. Organon 18, Revista do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, volume 5, número 19, 1991.
- TÔRRES, Artur de Almeida. *Moderna Gramática Expositiva da Língua Portuguesa*. 23ª. ed. Rio de Janeiro: Ed. Fundo de Cultura, 1971.

VASCONCELOS, J. Leite. *Lições de Filologia Portuguesa*. 4ª. ed. Rio de Janeiro: Moderna, 1990.

VIEIRA DOS SANTOS, Antonio. *Memória Histórica da Cidade de Paranaguá e seu Município*. Vol. I e II. Curitiba: Museu Paranaense, 1850.

WACHOWICZ, Ruy C. *História do Paraná*. Curitiba: Editora dos Professores, 1967.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. *Empirical Foundations for a Theory of Language Change*. In: LEHMANN, W. & MALKIEL, Y. (orgs.) *Directions for Historical Linguistics*. Austin: University of Texas Press, 1968.

WILLIAMS, Edwin B. *Do Latim ao Português: Fonologia e Morfologia Históricas da Língua Portuguesa*. Traduzido por Antonio Houais. 3ª. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

A N E X O S

ANEXO 1. FICHA SOCIOECONÔMICA DOS COMPONENTES DA AMOSTRA.

A ficha socioeconômica dos componentes da amostra contém informações individuais sobre cada informante. Os dados pessoais referem-se à época em que percebi a produção da forma *inovadora* do PPOS. Os dados socioeconômicos dos componentes da amostra são os seguintes:

Informante 1:

Sexo: M

Idade: 13

Escolaridade: ginásial

Origem: Paranaguá

Há quanto tempo mora na ilha: 13

Profissão: inativo

RMFp: 3,48 SM

Estado civil: solteiro

Origem dos pais: Guaraqueçaba.

Informante 2:

Sexo: F

Idade: 7

Escolaridade: primário

Origem: Paranaguá

Há quanto tempo mora na ilha: 7

Profissão: inativa

RMFp: 5,76 SM

Estado civil: solteira

Origem dos pais: Ele- Valadares, Paranaguá; ela- Vila Fátima, Guaraqueçaba

Informante 3:

Sexo: M

Idade: 18

Escolaridade: ginásial

Origem: Paranaguá

Há quanto tempo mora na ilha: 18

Profissão: portuário (auxiliar de exportação) RMM: 3 SM

Estado civil: solteiro

Origem dos pais: Ele, Valadares, Paranaguá; ela, Tagaçaba, Guaraqueçaba.

Informante 4:

Sexo: M	Idade: 28
Escolaridade: primário	
Origem: Guaraqueçaba	
Há quanto tempo mora na ilha: 21	
Profissão: pescador	RMF: 1 SM
Estado civil: casado	Filhos: 1
Origem dos pais: Guaraqueçaba	

Informante 5:

Sexo: M	Idade: 28
Escolaridade: ginásial	
Origem: Tibicanga, Guaraqueçaba	
Há quanto tempo mora na ilha: 21	
Profissão: portuário (granéis)	RMF: 3 SM
Estado civil: casado	Filhos: 3
Origem dos pais: Tibicanga, Guaraqueçaba	

Informante 6:

Sexo: M	Idade: 21
Escolaridade: ginásial	
Origem: Valadares, Paranaguá	
Há quanto tempo mora na ilha: 21	
Profissão: portuário (bloco)	RMM: 1 SM
Estado civil: solteiro	
Origem dos pais: Ele, Valadares, Paranaguá; ela, Tagaçaba, Guaraqueçaba.	

Informante 7:

Sexo: F	Idade: 22
Escolaridade: segundo grau	
Origem: Vila Fátima, Guaraqueçaba.	
Há quanto tempo mora na ilha: 12	
Profissão: estudante	RMF: 5,76 SM
Estado civil: viúva	Filhos: 1
Origem dos pais: Vila Fátima, Guaraqueçaba.	

Informante 8:

Sexo: M	Idade: 44
Escolaridade: primário	
Origem: Valadares, Paranaguá	

Há quanto tempo mora na ilha: 44
 Profissão: portuário (arrumadores)
 Estado civil: casado
 Origem dos pais: Guaraqueçaba.

RMF: 7 SM
 Filhos: 5

Informante 9:

Sexo: M
 Escolaridade: ginásial
 Origem: Paranaguá, centro
 Há quanto tempo mora na ilha: 18
 Profissão: funcionário público
 Estado civil: solteiro
 Origem dos pais: Paranaguá

Idade: 22

RMM: 2 SM

Informante 10:

Sexo: F
 Escolaridade: sem instrução
 Origem: Taquanduva, Guaraqueçaba
 Há quanto tempo mora na ilha: 8
 Profissão: do lar
 Estado civil: viúva
 Origem dos pais: Guaraqueçaba

Idade: 46

RMF: 1 SM
 Filhos: 11

Informante 11:

Sexo: M
 Escolaridade: sem instrução
 Origem: Tibicanga, Guaraqueçaba
 Há quanto tempo mora na ilha: 6 meses
 Profissão: pescador
 Estado civil: casado
 Origem dos pais: Tibicanga, Guaraqueçaba

Idade: 48

RMF: 1 SM
 Filhos: 2

Informante 12:

Sexo: M
 Escolaridade: segundo grau
 Origem: Paranaguá
 Há quanto tempo mora na ilha: 4
 Profissão: portuário (APPA)
 Estado civil: solteiro
 Origem dos pais: Paranaguá

Idade: 38

RMM: 5 SM

Informante 13:

Sexo: M Idade: 7
 Escolaridade: sem instrução
 Origem: Valadares, Paranaguá
 Há quanto tempo mora na ilha: 7
 Profissão: inativo RMFp: 2 SM
 Estado civil: solteiro
 Origem dos pais: Vila Fátima, Guaraqueçaba

Informante 14:

Sexo: M Idade: 31
 Escolaridade: segundo grau
 Origem: Taquanduva, Guaraqueçaba
 Há quanto tempo mora na ilha: 8
 Profissão: escriturário RMF: 6 SM
 Estado civil: casado Filhos: 2
 Origem dos pais: Taquanduva, Guaraqueçaba

Informante 15:

Sexo: M Idade: 24
 Escolaridade: primário
 Origem: Tibicanga, Guaraqueçaba
 Há quanto tempo mora na ilha: 2
 Profissão: pescador RMF: 1 SM
 Estado civil: casado Filhos: 1
 Origem dos pais: Tibicanga, Guaraqueçaba

Informante 16:

Sexo: M Idade: 25
 Escolaridade: primário
 Origem: Cotinga
 Há quanto tempo mora na ilha: 20
 Profissão: avulso RMM: 1 SM
 Estado civil: solteiro
 Origem dos pais: Cotinga

Informante 17:

Sexo: M Idade: 39
 Escolaridade: primário
 Origem: Canudal, Guaraqueçaba
 Há quanto tempo mora na ilha: 25

Profissão: comerciante de pescados RMF: 2 SM
 Estado civil: casado Filhos: 2
 Origem dos pais: Vila Fátima, Guaraqueçaba

Informante 18:

Sexo: M Idade: 51
 Escolaridade: primário
 Origem: Serra Negra, Guaraqueçaba
 Há quanto mora na ilha: 23
 Profissão: portuário (arrumador) RMF: 6,7 SM
 Estado civil: casado Filhos: 3
 Origem dos pais: Guaraqueçaba

Informante 19:

Sexo: F Idade: 71
 Escolaridade: sem instrução
 Origem: Guaratuba
 Há quanto tempo mora na ilha: 7
 Profissão: do lar RMF: 1 SM
 Estado civil: casada Filhos: 2
 Origem dos pais: Guaratuba

Informante 20:

Sexo: M Idade: 71
 Escolaridade: primário
 Origem: Guaraqueçaba
 Há quanto tempo mora na ilha: 55
 Profissão: inativo RMF: 4,15 SM
 Estado civil: casado Filhos: 3
 Origem dos pais: Guaraqueçaba

Informante 21:

Sexo: M Idade: 29
 Escolaridade: ginásial
 Origem: Valadares, Paranaguá
 Há quanto tempo mora na ilha: 29
 Profissão: portuário (estivador) RMF: 4 SM
 Estado civil: casado Filhos: 3
 Origem dos pais: Valadares, Paranaguá

Informante 22:

Sexo: M Idade: 13
 Escolaridade: ginásial
 Origem: Valadares, Paranaguá
 Há quanto tempo mora na ilha: 13
 Profissão: inativo RMFp: 1 SM
 Estado civil: solteiro
 Origem dos pais: Rio dos Patos, Guaraqueçaba

Informante 23:

Sexo: M Idade: 28
 Escolaridade: ginásial
 Origem: Guaraqueçaba
 Há quanto tempo mora na ilha: 27
 Profissão: avulso (pedreiro) RMF: 2 SM
 Estado civil: casado Filhos: 4
 Origem dos pais: Guaraqueçaba

Informante 24:

Sexo: M Idade: 25
 Escolaridade: ginásial
 Origem: Valadares, Paranaguá
 Há quanto tempo mora na ilha: 25
 Profissão: portuário (bloco) RMM: 2,5 SM
 Estado civil: solteiro
 Origem dos pais: Valadares, Paranaguá

Informante 25:

Sexo: M Idade: 52
 Escolaridade: sem instrução
 Origem: Vila de São Miguel
 Há quanto tempo mora na ilha: 28
 Profissão: vigia RMF: 3,58 SM
 Estado civil: casado Filhos: 5
 Origem dos pais: Guaraqueçaba

Informante 26:

Sexo: M Idade: 45
 Escolaridade: primário
 Origem: Valadares, Paranaguá
 Há quanto tempo mora na ilha: 45

Profissão: comerciante (bar)	RMF: 6,3 SM
Estado civil: casado	Filhos: 4
Origem dos pais: Guaraqueçaba	

Informante 27:

Sexo: M	Idade: 62
Escolaridade: sem instrução	
Origem: Guaraqueçaba	
Há quanto tempo mora na ilha: 58	
Profissão: inativo	RMF: 2,56 SM
Estado civil: casado	Filhos: 8
Origem dos pais: Guaraqueçaba	

Informante 28:

Sexo: M	Idade: 55
Escolaridade: primário	
Origem: Guaratuba	
Há quanto tempo mora na ilha: 50	
Profissão: aposentado	RMF: 1 SM
Estado civil: casado	Filhos: 2
Origem dos pais: Guaratuba	

Informante 29:

Sexo: M	Idade: 55
Escolaridade: sem instrução	
Origem: Tibicanga, Guaraqueçaba	
Há quanto tempo mora na ilha: 21	
Profissão: pescador	RMF: 1,5 SM
Estado civil: casado	Filhos: 3
Origem dos pais: Tibicanga, Guaraqueçaba	

Informante 30:

Sexo: M	Idade: 13
Escolaridade: primário	
Origem: Valadares, Paranaguá	
Há quanto tempo mora na ilha: 13	
Profissão: inativo	RMFp: 2 SM
Estado civil: solteiro	
Origem dos pais: Valadares, Paranaguá	

Informante 31:

Sexo: M	Idade: 20
Escolaridade: primário	
Origem: Valadares, Paranaguá	
Há quanto tempo mora na ilha: 20	
Profissão: avulso (pedreiro)	RMM: 1 SM
Estado civil: solteiro	
Origem dos pais: Guaraqueçaba	

Informante 32:

Sexo: M	Idade: 19
Escolaridade: primário	
Origem: Valadares, Paranaguá	
Há quanto tempo mora na ilha: 19	
Profissão: gari	RMF: 1 SM
Estado civil: casado	Filhos: 1
Origem dos pais: Ele- Vila Fátima; ela- Cotinga	

Informante 33:

Sexo: M	Idade: 38
Escolaridade: ginásial	
Origem: Valadares, Paranaguá	
Há quanto tempo mora na ilha: 38	
Profissão: portuário (arrumador)	RMF: 7,9 SM
Estado civil: casado	Filhos: 2
Origem dos pais: Guaraqueçaba	

Informante 34:

Sexo: M	Idade: 38
Escolaridade: primário	
Origem: Canudal, Guaraqueçaba	
Há quanto tempo mora na ilha: 14	
Profissão: comerciante de pescados	RMF: 4,5 SM
Estado civil: casado	Filhos: 4
Origem dos pais: Canudal, Guaraqueçaba	

Informante 35:

Sexo: M	Idade: 30
Escolaridade: ginásial	
Origem: Guaraqueçaba	
Há quanto tempo mora na ilha: 29	

Profissão: militar RMF: 4 SM
 Estado civil: casado Filhos: 3
 Origem dos pais: ele- Pucutuva; ela- Itaqui; Guaraqueçaba

Informante 36:

Sexo: M Idade: 27
 Escolaridade: ginásial
 Origem: Paranaguá, Itiberê
 Há quanto tempo mora na ilha: 4
 Profissão: dosador RMF: 3 SM
 Estado civil: casado Filhos: 1
 Origem dos pais: Paranaguá

Informante 37:

Sexo: M Idade: 22
 Escolaridade: segundo grau
 Origem: Valadares, Paranaguá
 Há quanto tempo mora na ilha: 22
 Profissão: inativo RMFp: 2 SM
 Estado civil: solteiro
 Origem dos pais: Valadares, Paranaguá

Informante 38:

Sexo: M Idade: 31
 Escolaridade: segundo grau
 Origem: Valadares, Paranaguá
 Há quanto tempo mora na ilha: 31
 Profissão: militar RMF: 4 SM
 Estado civil: casado Filhos: 2
 Origem dos pais: Valadares, Paranaguá

Informante 39:

Sexo: M Idade: 48
 Escolaridade: primário
 Origem: Valadares, Paranaguá
 Há quanto tempo mora na ilha: 48
 Profissão: funcionário público (PMP) RMF: 2 SM
 Estado civil: casado Filhos: 4
 Origem dos pais: Guaraqueçaba

Informante 40:

Sexo: F	Idade: 55
Escolaridade: sem instrução	
Origem: Cotinga	
Há quanto tempo mora na ilha: 45	
Profissão: do lar	RMF: 3 SM
Estado civil: viúva	Filhos: 4
Origem dos pais: Cotinga	

Informante 41:

Sexo: M	Idade: 29
Escolaridade: segundo grau	
Origem: Valadares, Paranaguá	
Há quanto tempo mora na ilha: 29	
Profissão: escriturário	RMF: 6 SM
Estado civil: casado	Filhos: 3
Origem dos pais: Paranaguá	

Informante 42:

Sexo: M	Idade: 28
Escolaridade: primário	
Origem: Cotinga	
Há quanto tempo mora no Valadares: 20	
Profissão: caldereiro	RMF: 3 SM
Estado civil: casado	Filhos: 1
Origem dos pais: Cotinga	

Informante 43:

Sexo: M	Idade: 32
Escolaridade: primário	
Origem: Ararapira, Guaraqueçaba	
Há quanto tempo mora na ilha: 15	
Profissão: portuário (arrumador)	RMF: 3,4 SM
Estado civil: casado	Filhos: 2
Origem dos pais: Ararapira, Guaraqueçaba	

Informante 44:

Sexo: M	Idade: 34
Escolaridade: primário	
Origem: Valadares, Paranaguá	
Há quanto tempo mora na ilha: 12	

Profissão: funcionário público (PMP) RMF: 2 SM
 Estado civil: casado Filhos: 2
 Origem dos pais: Valadares, Paranaguá

Informante 45:

Sexo: M Idade: 17
 Escolaridade: ginásial
 Origem: Valadares, Paranaguá
 Há quanto tempo mora na ilha: 17
 Profissão: inativo RMFp: 3 SM
 Estado civil: solteiro
 Origem dos pais: Valadares, Paranaguá

Informante 46:

Sexo: M Idade: 17
 Escolaridade: ginásial
 Origem: Valadares, Paranaguá
 Há quanto tempo mora na ilha: 17
 Profissão: inativo RMFp: 1,5 SM
 Estado civil: solteiro
 Origem dos pais: Valadares, Paranaguá

Informante 47:

Sexo: M Idade: 16
 Escolaridade: ginásial
 Origem: Valadares, Paranaguá
 Há quanto tempo mora na ilha: 16
 Profissão: inativo RMFp: 2 SM
 Estado civil: solteiro
 Origem dos pais: Valadares, Paranaguá

Informante 48:

Sexo: M Idade: 23
 Escolaridade: ginásial
 Origem: Espírito Santo
 Há quanto tempo mora na ilha: 21
 Profissão: portuário (bloco) RMM: 2,4 SM
 Estado civil: solteiro
 Origem dos pais: Tagaçaba, Guaraqueçaba

Informante 49:

Sexo: M	Idade: 22
Escolaridade: segundo grau	
Origem: Valadares, Paranaguá	
Há quanto tempo mora na ilha: 22	
Profissão: comerciante de pescados	RMF: 4 SM
Estado civil: casado	Filhos: 0
Origem dos pais: Valadares, Paranaguá	

Informante 50:

Sexo: M	Idade: 24
Escolaridade: segundo grau	
Origem: Valadares, Paranaguá	
Há quanto tempo mora na ilha: 24	
Profissão: portuário	RMF: 4 SM
Estado civil: casado	Filhos: 1
Origem dos pais: Guaraqueçaba	

Informante 51:

Sexo: M	Idade: 28
Escolaridade: segundo grau	
Origem: Valadares, Paranaguá	
Há quanto tempo mora na ilha: 28	
Profissão: contador	RMF: 5,5 SM
Estado civil: casado	Filhos: 3
Origem dos pais: Valadares, Paranaguá	

Informante 52:

Sexo: F	Idade: 33
Escolaridade: ginásial	
Origem: Rio dos Patos, Guaraqueçaba	
Há quanto tempo mora na ilha: 30	
Profissão: zeladora	RMF: 2,5 SM
Estado civil: separada	Filhos: 2
Origem dos pais: Rio dos Patos, Guaraqueçaba	

Informante 53:

Sexo: M	Idade: 23
Escolaridade: ginásial	
Origem: Valadares, Paranaguá	
Há quanto tempo mora na ilha: 23	

Profissão: desempregado RMM: 0 SM
 Estado civil: solteiro
 Origem dos pais: Valadares, Paranaguá

Informante 54:

Sexo: M Idade: 35
 Escolaridade: ginásial
 Origem: Antonina
 Há quanto tempo mora na ilha: 32
 Profissão: portuário (arrumador) RMF: 6,7 SM
 Estado civil: casado Filhos: 2
 Origem dos pais: ele- Bocaiúva do Sul; ela - Antonina

Informante 55:

Sexo: M Idade: 22
 Escolaridade: ginásial
 Origem: Valadares, Paranaguá
 Há quanto tempo mora na ilha: 22
 Profissão: técnico em computação RMF: 3 SM
 Estado civil: casado Filhos: 1
 Origem dos pais: Valadares, Paranaguá

Informante 56:

Sexo: M Idade: 28
 Escolaridade: ginásial
 Origem: Tibicanga, Guaraqueçaba
 Há quanto tempo mora na ilha: 23
 Profissão: balconista de empresa de ônibus RMF: 3 SM
 Estado civil: casado Filhos: 1
 Origem dos pais: Tibicanga, Guaraqueçaba

Informante 57:

Sexo: M Idade: 34
 Escolaridade: ginásial
 Origem: Valadares, Paranaguá
 Há quanto tempo mora na ilha: 34
 Profissão: portuário (arrumador) RMF: 6,5 SM
 Estado civil: casado Filhos: 2
 Origem dos pais: Valadares, Paranaguá

Informante 58:

Sexo: M	Idade: 28
Escolaridade: primário	
Origem: Ilha Rasa, Guaraqueçaba	
Há quanto tempo mora na ilha: 9	
Profissão: portuário (bloco)	RMF: 3,1 SM
Estado civil: casado	Filhos: 1
Origem dos pais: Ilha Rasa, Guaraqueçaba	

Informante 59:

Sexo: M	Idade: 34
Escolaridade: primário	
Origem: Ilha Rasa, Guaraqueçaba	
Há quanto tempo mora na ilha: 31	
Profissão: pescador	RMF: 1 SM
Estado civil: casado	Filhos: 3
Origem dos pais: Ilha Rasa, Guaraqueçaba	

Informante 60:

Sexo: M	Idade: 43
Escolaridade: ginásial	
Origem: Valadares, Paranaguá	
Há quanto tempo mora na ilha: 43	
Profissão: portuário (arrumador)	RMF: 11,77
Estado civil: casado	Filhos: 3
Origem dos pais: Valadares, Paranaguá	

Informante 61:

Sexo: M	Idade: 62
Escolaridade: sem instrução	
Origem: Eufrasina	
Há quanto tempo mora na ilha: 42	
Profissão: aposentado	RMF: 1,24 SM
Estado civil: casado	Filhos: 5
Origem dos pais: Eufrasina	

Informante 62:

Sexo: F	Idade: 72
Escolaridade: sem instrução	
Origem: Ariri, São paulo	
Há quanto tempo mora na ilha: 29	

Profissão: do lar
 Estado civil: casada
 Origem dos pais: Ariri, São Paulo

RMF: 1 SM
 Filhos: 3

Informante 63:

Sexo: M
 Escolaridade: sem instrução
 Origem: Ariri, São Paulo
 Há quanto tempo mora na ilha: 29
 Profissão: aposentado
 Estado civil: casado
 Origem dos pais: Ariri, São Paulo

Idade: 79

RMF: 1 SM
 Filhos: 3

Informante 64:

Sexo: F
 Escolaridade: sem instrução
 Origem: Superagüi, Guaraqueçaba
 Há quanto tempo mora na ilha: 36
 Profissão: do lar
 Estado civil: viúva
 Origem dos pais: Superagüi, Guaraqueçaba

Idade: 79

RMF: 2,5 SM
 Filhos: 2

Informante 65:

Sexo: F
 Escolaridade: sem instrução
 Origem: Guaraqueçaba
 Há quanto tempo mora na ilha: 25
 Profissão: do lar
 Estado civil: casada
 Origem dos pais: Guaraqueçaba

Idade: 84

RMF: 1 SM
 Filhos: 6

Informante 66:

Sexo: M
 Escolaridade: sem instrução
 Origem: Ararapira, Guaraqueçaba
 Há quanto tempo mora na ilha: 54
 Profissão: pescador
 Estado civil: casado
 Origem dos pais: Guaraqueçaba

Idade: 66

RMF: 1 SM
 Filhos: 5

Informante 67:

Sexo: M	Idade: 49
Escolaridade: sem instrução	
Origem: Guaraqueçaba	
Há quanto tempo mora na ilha: 45	
Profissão: aposentado	RMF: 3 SM
Estado civil: casado	Filhos: 1
Origem dos pais: Guaraqueçaba	

Informante 68:

Sexo: F	Idade: 73
Escolaridade: primário	
Origem: Guaraqueçaba	
Há quanto tempo mora na ilha: 71	
Profissão: do lar	RMF: 2,8 SM
Estado civil: viúva	Filhos: 7
Origem dos pais: Guaraqueçaba.	

Informante 69:

Sexo: M	Idade: 47
Escolaridade: ginásial	
Origem: Valadares	
Há quanto tempo mora na ilha: morou até os 37	
Profissão: encarregado de serviços externos (Telepar)	RMF: 5,4
Estado civil: casado	Filhos: 4
Origem dos pais: Guaraqueçaba	

Informante 70:

Sexo: M	Idade: 22
Escolaridade: ginásial	
Origem: Valadares	
Há quanto tempo mora na ilha: 22	
Profissão: auxiliar de distribuição de bebidas	RMF: 2,3 SM
Estado civil: casado	Filhos: 1
Origem dos pais: ele, Guaratuba; ela, Guaraqueçaba	

Informante 71:

Sexo: M	Idade: 73
Escolaridade: primário	
Origem: Ilha do Mel	
Há quanto tempo mora na ilha: 49	

Profissão: aposentado
 Estado civil: casado
 Origem dos pais: Ilha do Mel

RMF: 2 SM
 Filhos: 4

Informante 72:

Sexo: M
 Escolaridade: primário
 Origem: Guaraqueçaba
 Há quanto tempo mora na ilha: 46
 Profissão: aposentado
 Estado civil: casado
 Origem dos pais: Guaraqueçaba

Idade: 55

RMF: 3,48 SM
 Filhos: 6

Informante 73:

Sexo: M
 Escolaridade: primário
 Origem: Valadares
 Há quanto tempo mora na ilha: 47
 Profissão: aposentado
 Estado civil: casado
 Origem dos pais: Paranaguá

Idade: 57

RMF: 411,46
 Filhos: 3

Informante 74:

Sexo: M
 Origem: Valadares
 Escolaridade: ginásial
 Há quanto tempo mora na ilha: 38
 Profissão: militar
 Estado civil: casado
 Origem dos pais: Guaraqueçaba

Idade: 38

RMF: 4 SM
 Filhos: 1

Informante 75:

Sexo: M
 Origem: Paranaguá
 Escolaridade: ginásial
 Há quanto tempo mora na ilha: 16
 Profissão: arrumador
 Estado civil: casado
 Origem dos pais: Paranaguá

Idade: 37

RMF: 4 SM
 Filhos: 3

Informante 76:

Sexo: M

Idade: 24

Origem: Valadares

Escolaridade: ginasial

Há quanto tempo mora na ilha: 24

Profissão: montador de móveis

Estado civil: solteiro

RMM: 2 SM

Origem dos pais: Valadares

Informante 77:

Sexo: M

Idade: 44

Origem: Valadares

Escolaridade: primário

Há quanto tempo mora na ilha: 44

Profissão: estivador

RMF: 4,3 SM

Estado civil: casado

Filhos: 3

Origem dos pais: Guaraqueçaba

Informante 78:

Sexo: M

Idade: 24

Origem: Valadares

Escolaridade: secundário

Há quanto tempo mora na ilha: 24

Profissão: estudante

RMFp: 2,8 SM

Estado civil: solteiro

Origem dos pais: Guaraqueçaba

ANEXO 2. OCORRÊNCIAS DA FORMA *INOVADORA*.

Abordando com mais detalhes a produção da forma *inovadora*, razão de ser deste estudo, afirmo que elas foram detectadas em situações totalmente informais de comunicação em diferentes lugares (num campo de futebol, num bar, num encontro trivial na rua). Nesses encontros, após o contato com a forma *inovadora*, deslocava-me rapidamente para fazer a anotação (quem eram os falantes, quem produziu a forma variante, referências pessoais quando possível), de modo a não se perder o contexto em que houve a ocorrência. Estes dados foram agrupados para serem estudados numa pesquisa qualitativa, e serão arroladas a seguir. Sempre que possível serão adicionadas informações que facilitem o entendimento do contexto em que se deu a ocorrência. As frases serão transcritas como foram produzidas, sem omissão inclusive de termos mais ofensivos que eventualmente aparecem nas comunicações informais. Para melhor organização do texto, as produções da forma *inovadora* foram classificadas inicialmente pelo tipo de pronome, levando em conta o contexto de ocorrência (se possessivo ou não) e a faixa etária. A forma *inovadora* meu está representada por A; a forma *inovadora* teu está representada por B e a forma *inovadora* nosso está representada por C. O número que segue a letra indica a ordem do indivíduo na ficha socioeconômica. S/r indica que não foi possível obter a referência, por algum motivo, de quem produziu a forma *inovadora*.

A — Sobre a forma *inovadora* meu:

— Em contextos possessivos até 20 anos:

(001)- Ao sair de casa, a caminho da escola, o informante 1, 13 anos, nível ginásial, encontrou o colega. Perguntei-lhe aonde íam. “Ele vai na casa *meu*”, respondeu. (A1)

(002)- Num domingo a informante 2, 7 anos, foi almoçar em minha casa. Durante o almoço, olhou para a máquina de lavar da minha esposa e disse: “Aquele máquina de lavar *meu* vai rápido”. (A2.1)

(003)- Outra da informante 2: ela estava na casa da avó e queria voltar para os pais. Disse: “Eu tenho que dormir em casa *meu*”. (A2.2)

(004)- O informante 3, 18 anos, nível ginásial, auxiliar de exportação, apareceu na farmácia e estava brabo. Tinha brigado com a namorada. Ela o agrediu, ele saiu. “Ela queria uma reação *meu*”, conformou-se. (A3)

— Em contextos possessivos de 21 - 35 anos:

(005)- O informante 4 é um barqueiro de 23 anos, nível primário. Conversávamos sobre a vida de casado, sobre as divergências entre marido e mulher que de vez em quando ocorre. Falei-lhe da minha esposa. Ele comparou-a com a dele: “Tá parecendo aquela mulher *meu*”. (A4)

(006)- O informante 5, 28 anos, portuário, natural de Tibicanga, nível ginásial, entra na farmácia e me mostra uma receita. Dei-lhe o remédio, passa o tempo, conversamos. Ele pede a receita: “Você pegou a receita *meu*”. Disse-lhe que ele me dera a receita. Ele retrucou: “Eu não dei, você pegou *meu*”. (A5.1)

(007)- Pescavam duas pessoas de Tibicanga, sem instrução. Cheguei no momento em que acabou a isca de um deles. Apontando para o companheiro, este disse : “Ele pegou a isca *meu*”. (s/r)

(008)- Conversavam o informante 6, 21anos, nível ginásial e EC 26 anos. Passou uma moça e EC disse que era a namorada do informante 6. “*Meu, não*”, respondeu o informante 6. (A6)

(009)- A informante 7 (22 anos, nível secundário, do lar, natural de Vila Fátima) chegou aborrecida na farmácia. Discutiu com a cunhada e com a sogra. Tinha receio que a filha de 7 anos ficasse contra ela. “Ela ouviu a discussão *meu* com S(cunhada) e não com A(sogra)”. (A7)

(010)- O informante 58 é de Ilha Rasa, tem 28 anos, nível primário. Encontramo-nos em minha casa certo dia. Nessa oportunidade, o informante 58 começou a brincar com meu filho menor, de 8 anos. Disse: “Quando você for mais grande, tamanho *meu* assim, você pode fazer certas coisas”. (A58)

— Em contextos possessivos de 36 a 50 anos:

(011)- Conversávamos eu, o informante 23 e o informante 34 sobre a festa de Vila Fátima, que é no dia 13 de maio. Contou-nos o informante 34 uma estória sobre festa anterior, quando eles dormiram na câmara municipal de Guaraqueçaba. Beberam bastante na festa e, ao voltarem para o alojamento, encontraram sacas de trigo e açúcar. Embriagados, começaram a jogar trigo e açúcar uns nos outros. Disse o informante 34, 38 anos, de Canudal, Guaraqueçaba: “Aí eles jogaram trigo em cima *meu*. Sujaram toda a roupa *meu*”. (A34)

(012)- A informante 10, do lar, 46 anos, sem instrução, de Taquanduva, chegou na farmácia pedindo ajuda: “Eu quero um remédio pra aquela *guria meu*, que está com dor de dente”. (A10)

(013)- O informante 11 é um pescador de 48 anos, natural de Tibicanga, sem instrução. Disse-me que já tivera casa melhor que a atual. Mostrou o piso onde tinha sido construída a primeira casa. “Aqui antes tinha uma casa *meu*. Aí deu ‘formiga’ e eu tirei ela daí”, concluiu referindo-se ao cupim que tomou conta da casa. (A11)

(014)- O informante 12, 38 anos, nível secundário, portuário, teve um problema sério de coluna. Estava em tratamento e o médico aconselhou-o a evitar levantar peso. Contou-me que, no serviço, pediram-lhe para carregar um botijão de gás. Ele disse: “Não é obrigação *meu* fazer isso”. (A12)

— Em contextos possessivos de 35 - 50 anos:

(015)- O informante 8, 44 anos, portuário do sindicato dos arrumadores, nível primário, chega na farmácia segunda-feira cedo. Pede remédio para o fígado. Diz que bebeu bastante e sua mulher brigou. Ele achava que a mulher queria separar-se dele. Ela começou a pensar o que entraria na partilha. De propriedade tinham uma boa casa, que a mulher exigiu para si. “Aí eu disse pra minha mulher: *nega* a casa não é *meu*, a casa é *teu*”. (A8)

- Em contextos possessivos acima de 50 anos:

(016)- Dois senhores idosos, aproximadamente 70 anos, sem instrução, divagavam sobre a posse (bens) das pessoas. Diziam que muitas pessoas somente ostentavam, mas nada possuíam de seu. Um deles olhou em volta e disse: “Aqui tudo é meu. Não tenho que dar satisfação pra ninguém. Ninguém mexe na rede *meu*. Ninguém mexe na linha *meu*”. (s/r)

(017)- Apareceu na farmácia a informante 19, natural de Guaratuba, há sete anos na ilha. Conversamos, perguntei-lhe se era casada, disse-me que sim. Perguntei-lhe a idade, disse-me 71. Retornou: “Todo mundo que pergunta da idade *meu* não acredita”. (A19)

(018)- Fui fazer uma entrevista com o informante 20, 71 anos, nível primário, natural de Guaraqueçaba, morador há 55 anos na ilha. Conversamos em torno de 45 minutos. Ao final da entrevista, quando me preparava para ir embora, o informante 20 começou a divagar sobre o namoro; como era e como é hoje o comportamento dos casais. Disse-nos que antigamente o namoro era por carta. E que certo dia contaram para sua professora que havia um casal de namorados na sala de aula. A professora, ao final da aula, depois de saber do nome dos dois, chamou-os. Contou o mesmo informante: “Aí a professora abriu meu livro e viu uma carta dela, abriu o livro dela e viu uma carta *meu*”. (A20)

(019)- Um senhor, aparentemente 55 anos, chegou na farmácia para pagar a taxa de energia elétrica. Brinquei: se ele não pagasse, iriam cortar-lhe o fornecimento. Ele disse: “Não sei aqui, mas lá na cidade não cortam. A casa é *meu*, ams tem outra pessoa morando”. (s/r)

— Em contextos não-possessivos até 20 anos:

(020)- Havia uma festa de batizado de Paulinha, filha do informante 23. Tomávamos cerveja, eu e o informante 23. O informante 13, filho do 23, 7 anos, estava ao redor. Respingou cerveja em sua roupa. O informante 13 saiu-se com esta: “Vê se não joga cerveja em cima *meu*, Adilson”. (A13)

— Em contextos não-possessivos de 21 a 35 anos:

(021)- O informante 14, 31 anos, escriturário, de Taquanduva, segundo grau, está construindo para alugar. Ofereceu-me um ponto. “Você aluga *meu* !”. (A14)

(022)- Havia um jogo de truco. O informante 15, 24 anos, pescador, de Tibicanga, começou a trapacear. Seu adversário reclamou. O informante 15 replicou: “Você rouba *meu*, eu roubo *teu* aqui”. (A15)

(023)- Certo dia jogávamos baralho eu, o informante 5 e EC. EC começou a brincar dizendo que eu não sabia jogar. O informante 5 (referido anteriormente) retrucou em minha defesa: “Ontem ele ganhou uma negra *meu*”. (A5.2)

(024)- Aconteceu uma briga no bar do japonês, explicava-me o informante 16, avulso, 27 anos, nível primário. Ele tinha sido o pivô da encrenca, e os guardas foram atrás dele. “Eles foram à procura *meu* gentilmente”, comentou. (A16)

(025)- O informante 21 tem 29 anos, é portuário da estiva, nível secundário, mora perto da farmácia. É meu vizinho. Ele tira remédio fiado e paga no espaço de uma quinzena, mais ou menos. Só que o serviço andava difícil e o dinheiro pouco. Certo dia ele foi pagar-me e refletiu: “Era bom que o sindicato descontasse *meu*”. Ele queria que eu fizesse um convênio com o sindicato dele. (A21)

— Em contextos não-possessivos de 36 a 50 anos:

(026)- Estávamos conversando sobre a idade das pessoas. O informante 17, 39 anos, comerciante de pescados, nível primário, natural de Canudal disse-me que lá onde ele nasceu, devido ao isolamento, as pessoas eram registradas depois de

certo tempo. Deu o exemplo do irmão: “Quando minha mãe andava grávida *meu*, ela registrou ele”. (A17)

— Em contextos não-possessivos acima de 50 anos:

(027)- O informante 18, 51 anos, arrumador, natural de Guaraqueçaba, nível primário, apareceu na farmácia com a esposa. Conversamos sobre música e dança. Explicou que gostava de dançar no Clube Fronteira, que fica perto de sua casa. “O Fronteira é perto *meu* lá, é perto *nosso*”. (A18)

B— Sobre a forma *inovadora teu*.

— Em contextos possessivos até 20 anos:

(028)- O informante 22 é um menino de 13 anos, nível ginásial. Certo dia soube que meu time tinha ganho uma partida e classificou-se no campeonato do campo do Canarinho. Disse: “O time *teu* ganhou de goleada do Canarinho”³¹. (B22)

— Em contextos possessivos de 21 a 35 anos:

(029)- Um dia fomos tomar uma cerveja e comer um caranguejo, eu e meu compadre informante 23 (28 anos, natural de Vila Fátima, sem instrução). Lá pelas tantas alguém jogou cerveja em cima de mim e de 23. O informante 5, então, apareceu com duas camisas secas. Levou as molhadas para lavar. Dias

³¹ Como foi mencionado na nota 1, a Ilha dos Valadares é dividida em vilas. Em algumas vilas há campo de futebol, o melhor divertimento da localidade. O campo do Canarinho fica no bairro Canarinho, o campo do Mingão e do Mangue Seco ficam na Vila Bela. O campo do Sete, do Rocio e do Itiberê ficam nas vilas de mesmo nome.

depois nos encontramos os três de novo. O informante 23 olhou para o 5 e disse: “Minha camisa está onde? Está na casa *teu*?” (B23.1)

(030)- Tomava uma cerveja com o informante 23 no mercado. Disse-lhe que precisava fazer um canil no quintal da minha casa. Como sabia que 23 trabalhava de pedreiro, perguntei-lhe se poderia fazer o serviço para mim. Respondeu afirmativamente. Só queria saber o tamanho da casa para fazer o preço. Raciocinou: “Vou fazer barato pra você que é meu compadre. Vou cobrar R\$ 5,0 o metro quadrado. Que tamanho tem aquela casa *teu* ?” (B23.2)

(031)- Outra do informante 23: A filha dele ficou doente. Liguei para sua irmã e disse que queria que mandasse um recado ao informante 23, pra que ele me ligasse. Dois dias depois ele me liga perguntando o que eu queria. Disse-lhe que queria saber de sua filha, que estava doente e queixei-me porque ele não me ligara mais. Ele respondeu, justificando-se: “Eu ia lá na casa *teu* pra falá com você, mas não deu. A filha veio segunda do hospital.” (B23.3)

(032)- Combinamos fazer o serviço do canil dias depois. Busquei o informante 23 na Ilha e levei-o até minha casa. Ao chegarmos, 23 escutou um aparelho de som ligado muito alto pela vizinhança. Perguntou: “Este som é na casa *teu* ?”. (B23.4)

(033)- O informante 23 fez o que tinha a fazer e foi embora. Antes, porém, combinamos de fazer uma ostrada em minha casa, que não deu certo. Houve algum problema. Quando encontramos-nos em outro dia, 23 observou: “Viu, Adilson, e se a gente fizesse ‘aquele’ esquema na casa *teu*, hein ?”, querendo insinuar que o problema seria maior. (B23.5)

(034)- Passaram-se os dias. Encontrei novamente com o informante 23. Ele estava meio desanimado com a falta de serviço. Perguntou-me: “Não fez mais nada naquela casa *teu*” (B23.6)

(035)- Íamos jogar contra o time do Boca Júnior. Precisávamos da vitória. Então fiz uma aposta com o informante 9, 22 anos, nível ginásial, meu centroavante: se ganhássemos eu pagaria 6 cervejas. Ganhamos. No bar, após o jogo, 9 chega-se à mesa e diz: “Adilson, esta é a cerveja *teu*!”. (B9)

(036)- O informante 24, 25 anos, portuário, nível ginásial, entrou na farmácia e escondeu minha caneta. Procurei-a e nada. O informante 24 volta-se e diz irônico: “Esta caneta aqui é *teu* ?”. (B24)

— Em contextos possessivos de 36 a 50 anos:

(037)- Fui entrevistar o pai do informante 26, o informante 20. O informante 26 encontrava-se na casa, na ocasião. Ao terminar a entrevista, saímos juntos. Falei que estava com vontade de tomar uma cerveja. O informante 26, que é comerciante, com 45 anos de idade, disse-me: “Você deixou quatro cerveja pago *teu* lá no bar, né ?”. (B26)

— Em contextos possessivos acima de 50 anos:

(038)- Numa certa comemoração, a cerveja estava quente. O informante 25, 52 anos, dono da casa e da festa, comerciante, natural de São Miguel, sem instrução, esbravejou: “Fulano, vamos levar a cerveja pra casa *teu*”. (B25.1)

(039)- Na mesma oportunidade, o informante 25, vendo que o filho não regulou o freezer para gelar a cerveja, produziu também: “Não vamos ficar mais na fiúza *teu*”. (B25.2)

(040)- O informante 42 estava conversando comigo na farmácia. Apareceu seu sogro, o informante 27, 62 anos, aposentado, sem instrução e disse-lhe, a título de aviso: “Zuleide foi em casa *teu*”. (B27)

(041)- Fechei a farmácia perto de meio-dia. No caminho para casa encontrei o informante 29, 55 anos, pescador, sem instrução, de Tibicanga. Ele aproximou-se com um papel na mão. Precisava tirar uma cópia. Pensou que eu tinha copiadora na farmácia. Expliquei-lhe que não, mas ele poderia tirar cópias no centro. Ele pensou que eu tivesse outro ponto comercial no centro, onde ele pudesse tirar a cópia. Observou: “Você vai pra loja *teu* ?”. (B29)

(042)- Pela manhã, perto de 8 horas, estava a caminho da farmácia. Encontrei no trajeto o informante 28, natural de Guaratuba, 55 anos, aposentado, nível primário. Fomos conversando pelo caminho. Num determinado momento ele me pergunta: “Aquela farmácia é *teu*, né, de você !”. (B28)

— Em contextos não-possessivos até 20 anos:

(043)- O informante 3 (já mencionado) estava na praça próxima à escola quando bateu o sinal para a entrada na escola. Alguém o chamou. “Eu vou atrás *teu*”, respondeu 3. (B3)

(044)- O menino V. é agitado. Começaram a falar mal dele. O informante 30, 13 anos, nível primário, olhando-o chegar, diz : “Ei, eles estão falando *teu* aqui, V.”. (B30)

(045)- Acabava de aplicar uma injeção em um freguês. O informante 31, 20 anos, avulso, nível primário, olha para um colega e diz: “Quer que eu aplique uma injeção *teu*?”. (B31)

(046)- Apareceu o informante 22, já mencionado, cobrando-me uma conta. Eu perguntei quanto devia. Ele respondeu: “C. (cunhado do pequeno) mandou cobrar dois e cinquenta *teu*”. (B22)

(047)- O informante 32, 19 anos, nível ginásial, machucou o pé. Passou em frente à farmácia: “Adilson, amanhã eu vou comprar duas faixa *teu*, fiado”. (B32)

—Em contextos não-possessivos de 21 a 35 anos:

(048)- Conteí para o informante 35, 30 anos, militar, nível ginásial, que a dona L tinha medo de injeção. Certo dia estávamos juntos, e o informante 35 diz para dona L: “A hora que falaram em injeção, pensaram mal *teu*”. (B35)

(049)- O informante 36, 27 anos, nível ginásial, dosador, joga no meu time, assim como o informante 55, que estava descontente com a reserva. Querendo alertar-me, 36 falou: “F. estava falando *teu*”. (B36)

(050)- Eu estava assistindo a um jogo no Mangue Seco, onde a idade é livre. De repente escutei alguém, com voz aparentemente jovem, falar dentro do campo: “Olha aí atrás *teu*”. (s/r)

(051)- O informante 37 é um menino paraplégico e muito inteligente. Tem 22 anos, nível secundário. Estávamos eu, ele, o informante 6 e outros conversando. De repente passou alguém de bicicleta carregando um saco de laranja de 5 quilos.

O saco de laranja cai e a pessoa não percebeu. O informante 6 correu ajudar. O informante 37 saiu-se com esta: “Aí, chutou *teu*”. (B37)

(052)- Já era noite, estava fechando a farmácia. Surge o informante 35, militar já citado, e convida-me para tomar uma cerveja. Caminhamos em direção ao bar de um amigo comum. No trajeto, 35 encontra-se com um companheiro de farda, o informante 38, 31 anos. Conversam algo sobre o serviço e o informante 38 arremata: “Eles estão à procura *teu*”. (B38)

— Em contextos não-possessivos de 36 a 50 anos:

(053)- Após um jogo de futebol fui a um bar com os companheiros e pedi um refrigerante. Ao ver-me tomando refrigerante, o informante 34, 38 anos, natural de Canudal, comerciante de pescados, nível primário, observou: “Aí, Adilson, tirando sarro *teu*”. (B34.1)

(054)- Ganhamos o jogo. Fomos ao bar comemorar. O informante 6 começou a falar de alguém, que estava por perto. “Olha o que o T. me contou *teu* aí , ó, fulano”, disse o informante 39, 48 anos, encanador, nível primário. (B39)

(055)- Depois de um jogo de futebol, o informante 33, do Sindicato dos arrumadores, 38 anos, nível ginásial, ouviu que falavam de seu irmão, A. “Aí, A., Antonio fica falando coisa *teu*”. (B33)

— Em contextos não-possessivos acima de 50:

(056)- Almoçávamos na casa da informante 40, 55 anos, do lar, sem instrução, na Ilha da Cotinga. O cachorro corre em minha direção. A informante 40, rindo, diz: “Ele pulou em cima *teu*”. (B40)

C- Sobre a forma *inovadora* nosso.

— Em contextos possessivos até 20 anos:

(057)- Fomos batizar a filha de meu compadre informante 23, a Paulinha. Após o batizado, nos dirigimos à casa de 23, irmão do informante 31, já referido. Levei uma máquina fotográfica para lembrar a ocasião. O informante 31, já um tanto alterado, reclamou: “Não tire foto *nosso* torrado”. (C31.1)

— Em contextos possessivos de 21 a 35 anos:

(058)- Jogávamos dominó: “Você está matando a pedra *nosso*”, diz o informante 41, 29 anos, a seu companheiro, já desanimado. (C41)

(059)- Meu aparelho de pressão chegou do conserto. Fui testá-lo em dois amigos. Um deles, o informante 35, já citado, sai com esta: “Adilson, tira a pressão *nosso* novamente”. (C35)

(060)- O informante 42, 28 anos, caldeireiro, nível primário era técnico do U.V. Seu time perdeu e ele queria conversar com o juiz. Como o juiz demorasse, ele afirmou: “Ele não passou aqui pela frente *nosso* de medo”. (C42)

(061)- O time do coração de J. era o Canarinho. Mas J. era também o juiz do campeonato e não podia demonstrar sua preferência. Porém, o informante 43, 32 anos, portuário, nível primário, de Ararapira, espalhou: “J. puxa o saco *nosso*”. (C43)

(062)- O informante 44, 34 anos, nível primário, é técnico do time do Sete de Setembro no campeonato do Canarinho. No campeonato do Mangue Seco, é o

técnico do meu time. Certa feita ganhamos um jogo por 5 a 3. O informante 44 sentenciou: “Foi três gol tudo por falha *nosso*”. (C44.1)

(063)- Nesse campeonato do Canarinho, o time do informante 44 foi campeão. Beberam, beberam e depois foram ao baile. O informante 44 falou sobre o baile: “Tinha uma doida lá no meio *nosso*, a turma arregaçaram ela e ela foi embora”. (C44.2)

(064)- O informante 23 foi fazer um pequeno serviço em minha casa. Contou-me que tinha ido jogar futebol em Morretes. Perguntei-lhe se tinha ido de ônibus. “Não, disse 23, J. levou a gente. Ele gosta de levar a turma *nosso* por aí”. (C23.1)

— Em contextos possessivos de 36 a 50 anos:

(065)- O informante 33 jogou no meu time no campeonato do Canarinho. Acabado o campeonato, certo dia, ele chega na farmácia e me interpela: “Adilson, você não tirô nenhuma foto *nosso* no Canarinho, né ? É que eu queria pra pôr na minha coleção”. (C33)

— Em contextos não-possessivos até 20 anos:

(066)- O informante 45, 17 anos, nível ginásial, ia jogar bola com os amigos. Não queria que fossem atrás dele e disse: “Não quero nenhuma gurizada atrás *nosso*”. (C45)

(067)- Na Ilha dos Valadares existe um local isolado onde os casais se encontram. O informante 46, 17 anos, nível ginásial, contou-me que flagrou um amigo transando com uma garota nesse local. Atiraram algumas pedras na

direção do casal: “Aí nós fugimos, saímos correndo. Só cachorrada atrás *nosso*”. (C46)

(068)- O time do informante 31, já referido, disputava um campeonato pela liga amadora da cidade. Era o melhor time. O informante 31 disse: “Ninguém ganha *nosso* ali”. (C31.2)

(069)- Outra do informante 31: ele encontrou-se casualmente com o informante 5. Disse-me 31: “R. passou aquele dia perto *nosso* e eu dei um tapa nas costas dele”. (C31.3)

(070)- O informante 3, já referido, também joga no meu time. Certo dia, disse-me ele: “Vai ter que ter time pra ganhar *nosso* legal ali mesmo”. (C3)

(071)- O informante 47, 16 anos, nível ginásial, foi ao banco para mim com um colega. Chegou certo tempo depois, explicando-se pela demora: “Aqueles que vieram por último entraram na frente *nosso*”. (C47)

— Em contextos não-possessivos de 21 a 35 anos:

(072)- M. S. (juiz de futebol) expulsou dois jogadores do meu time. “Agora ele está com medo *nosso*”, comentou o informante 36, meu goleiro, já citado. (C36)

(073)- Estava num campo de futebol. Queria saber quando certo time jogava. Perguntei ao informante 48, 23 anos, portuário, nível ginásial. Ele explicou: “Eles jogam depois *nosso*”. (C48.1)

(074)- O mesmo informante acima citado, joga para o time do Sete de Setembro. J. é o árbitro do campeonato. Jogaram o Sete e o Canarinho. O informante 48

criticou J. e explicou a vitória de seu time: “Eles tentaram ganhar *nosso*, mas não conseguiram nem com a ajuda de J.”. (C48.2)

(075)- Outra do informante 48: Alguém quis saber o horário do jogo entre o Maiti e o Canarinho. O informante 48 informou: “Maiti e Canarinho jogam é depois *nosso*”. (C48.3)

(076)- Mais uma do informante 48. Perguntei-lhe sobre a tabela do campeonato do Mangue Seco. Disse-me que fariam o segundo jogo: “Antes *nosso* Barrancos x Maiti, depois *nosso* Kilauana X Primos”. (C48.4)

(077)- Novamente o informante 48. Ele achava que o meu time iria depender do time dele para continuar no campeonato e disse: “Vocês vão depender *nosso* na última rodada”. (C48.5)

(078)- Surgiu uma brincadeira entre os informantes 5, 55 e 48, já citados. O informante 5 chamou o informante 55 de compadre indicando, que a namorada deste estava grávida. O informante 55 não gostou da brincadeira e saiu correndo com areia para jogar nos dois. O informante 48 narrou o fato assim: “Aí R. chamou F. de compadre e ele correu atrás *nosso* com um punhado de areia”. (C48.6)

(079)- Meu time, o Belafarma, jogou contra o Recanto, time de E., organizador do campeonato. Ganhamos o jogo e desclassificamos o Recanto. Fomos para o bar do informante 26 comemorar. Comentamos o jogo, como sempre fazemos. O mesmo informante 48 fez a seguinte observação a respeito de E.: “Ele tava com inveja *nosso*”. (C48.7)

(080)- O informante 49, 22 anos, nível secundário, comerciante, é o técnico do meu time. Perdemos um jogo, mas ele justificou-se: “Quase morreram pra ganhar *nosso*”, indicando que vendemos caro a derrota. (C49.1)

(081)- Outra do informante 49. Após o jogo Belafarma x Debel, em que nós do Belafarma perdemos, 49 fez o seguinte comentário: “Eles ganharam *nosso* dois a zero numa marra”. (C49.2)

(082)- Em outra oportunidade, o mesmo 49 fez o seguinte comentário sobre a vitória de nosso time, que deu o título ao Maiti: “O Maiti foi campeão em cima *nosso*”. (C49.3)

(083)- Meu time estava começando a se entrosar. Ganhou do Canarinho por 5 a 1. O informante 49 observou entusiasmado: “Agora quero ver alguém ganhá *nosso*”. (C49.4)

(084)- O time de futebol do informante 50 estava numa fase boa e o meu numa ruim. No jogo entre os dois times, o meu saiu vitorioso. O informante 50, 24 anos, portuário, nível secundário, observou: “Teu time só foi resolver ganhá *nosso*”. (C50)

(085)- O time do informante 51 era o melhor do campeonato. Porém, certo dia quase perdeu um jogo fácil para o pior time da mesma competição. O informante 51, 29 anos, contador, comentou: “Aquele time quase ganhou *nosso*”. (C51)

(086)- O informante 54 tem 35 anos e é portuário do sindicato dos arrumadores. Certo dia, comentando sobre um candidato, disse o seguinte: “Ele que não venha cobrá o dinheiro *nosso* agora”. (C54)

(087)- Numa festa, conversávamos sobre o perigo dos fogos de artifício, eu e a informante 52, irmã do informante 23, zeladora. Contou-me ela que teve, com uma amiga, uma péssima experiência com a explosão de um rojão: “O fogo vinha atrás *nosso*”, dizia. (C52.1)

(088)- Certo dia a informante 52 apareceu na farmácia. Perguntei de B., seu irmão. Ela começou a descrever seus onze irmãos. Sobre uma de suas irmãs ela comentou: “Ela é bem diferente *nosso*”. (C52.2)

(089)- O professor Paulo é muito querido dos alunos. O informante 53, 23 anos, desempregado, nível ginásial, referiu-se a ele (seu ex-professor) da seguinte maneira: “O professor Paulo gostava *nosso* pra caramba”. (C53)

(090)- O informante 55, 22 anos, nível ginásial é famoso por ser brigão. Certo dia estava contando uma façanha, comentando um incidente numa festa: “Os ‘cara’ vieram tirar um barato *nosso*, nós partimos pra briga”. (C55)

(091)- O time do informante 56 chamava-se Nem que Perca. Certa vez perdeu para o time dos Primos. O informante 56, 28 anos, nível ginásial, tentou justificar a derrota: “Eles ganharam, mas sofreram pra ganhar *nosso*”. (C56)

(092)- Como mencionei anteriormente, batizei a filha do informante 23, a Paulinha. Fomos para a igreja em dois carros, o meu e o de outro conhecido. Os carros se desencontraram. Ao chegarmos à igreja, 23, que estava comigo, percebeu que o outro carro tinha chegado antes. “Ele chegou na frente *nosso*”. (C23.2)

(093)- Novamente sobre futebol: o informante 57, 34 anos, do sindicato dos arrumadores, comentava determinado jogo. “Eles ganharam *nosso*, mas perderam no tapetão”. (C57)

(094)- O informante 58, mencionado anteriormente, 28 anos, nível primário, natural de Ilha Rasa, estava preocupado com o emprego, achava que seria demitido. Depois refletiu: “Como eles dependem *nosso*, nós dependemos deles”. (C58.1)

(095)- Aconteceu um acidente automobilístico com um colega, contava o informante 58. Mas eu não lembrava quem. “Ele mora naquela casa na frente *nosso*”. (C58.2)

(096)- A festa da padroeira de Ilha Rasa é tradicional. Tem procissão, bingo para ajudar a igreja e baile, onde toda a população participa. Contava-me 58: “A gente que já saiu de lá, quando volta é só mulherada atrás *nosso*”. (C58.3)

(097)- Conversava com o informante 58 sobre o sindicato a que ele pertence. Contou-me que estavam perdendo serviço para outra classe e pressionaram os empresários da área pedindo que não houvesse tal competição. “Eles só saíram por causa *nosso*”, concluiu. (C58.4)

(098)- O informante 5, já mencionado, de Tibicanga, gosta de caçar e de pescar. Certo dia ele saiu caçar com dois amigos. Na volta, contou-me como foi a aventura: fizeram um abrigo sobre uma árvore, prepararam o ‘mundéu’ (espécie de armadilha), colocaram comida para atrair a presa, e ficaram à espreita. Apareceu uma onça. Concluiu ele: “A onça estava embaixo *nosso*”, explicando o temor que tiveram do bicho. (C5.1)

(099)- Como comentei acima 5 gosta também de pescar. Por esporte e como profissão. Contou-me de uma pescaria: “Passou perto *nosso* um grande cardume de robalo e de tainha”. (C5.2)

(100)- Além de meu amigo o informante 5 é meu compadre. Certa oportunidade pediu-me para acompanhá-lo ao supermercado. Pegamos uma senha para a fila da carne- 520. Passeamos pelo local e encontramos um colega do informante 5, que havia chegado naquele momento. O outro nos mostrou a senha de número 480. O informante 5, desconfiado, reparou: “Ele chegou bem depois *nosso* e a senha dele é 480!”. (C5.3)

(101)- Havia um jogo em Guaraqueçaba. Eu e o informante 5 estávamos lá. O informante 5 falou-me da importância daquele jogo: “Eles têm que ganhar *nosso* pra se classificar”. (C5.4)

(102)- Estávamos falando sobre as condições de classificação no campeonato do Mangue Seco. Eu disse que achava difícil nossa classificação. O informante 5 comentou que o time contra quem jogaríamos naquele dia estava um ponto na nossa frente, e saiu com esta: “Se não ganhar eles ficam atrás *nosso*”. (C5.5)

(103)- No dia 29 de dezembro batizei o filho do informante 5. Meu carro estava lotado. A estrada estava movimentada e com muitos policiais. De repente, observei uma viatura pelo retrovisor. Temi que parassem o carro pela lotação excessiva. O informante 5, com medo da polícia, disse: “Eles estão atrás *nosso*”. (C5.6)

(104)- Dezembro é época boa para a pesca da manjuba, que tem preço comercial elevado. O informante 5 andava pescando manjuba. Perguntei como ele vendia o peixe. “Eles compram *nosso* lá na cidade, só que na praia é mais caro”. (C5.7)

(105)- A. é o compadre do informante 5. Ambos se encontraram no campo de futebol. O informante 5 contou-me que tinha encontrado seu compadre, posteriormente, no baile: “Ele jogou na frente *nosso* e se travou inteiro”. (C5.8)

(106)- O informante 5 é um dos melhores jogadores do meu time. Fazendo comparação entre nosso time e um outro time adversário, considerou: “Debel está na frente um ponto *nosso*”. (C5.9)

(107)- Meu time jogava bem. Estava ganhando de um a zero. Aí o outro time empatou e logo virou o placar. O informante 44, o técnico, falou: “Quando eles viraram 2 x 1 pra cima *nosso*, nosso time se descontrolou”. (C44.3)

(108)- O informante 44 também era técnico do Sete. Foram campeões e saíram comemorar no baile. Durante o baile houve uma confusão com briga. Comentando sobre o baile, o informante 44 arrematou: “Então a confusão começou. Fulano veio pra cima *nosso*”. (C44.4)

(109)- Durante esse campeonato, houve um confronto entre o meu time e o de 44. Nesse campeonato o meu técnico era o informante 49. Todos somos amigos, mas não queríamos perder pro time de 44. Quando comentei isso com ele, surpresa, ele disse-me: “Vocês queriam mesmo ganhar *nosso*!!”. (C44.5)

(110)- Ganhamos do Boca Junior, mas a classificação estava difícil. Perguntei aos companheiros qual seria o nosso próximo adversário. Alguém respondeu que era o time dos Cardovani. Perguntei quem era esse time. O informante 9, que joga no meu time respondeu: “Cardovani é aquele time que jogou antes *nosso*”. (C9)

(111)- O informante 59, 34 anos, comerciante de pescados, sem instrução, de Ilha Rasa, é o dono de um time no campeonato do Mingão. Certo dia o time dele perdeu para o Sete de Setembro e ele estava indignado. “O time de Jango com cinco homens ganharam *nosso* de 3 a 2”, lamentou-se. (C59)

(112)- Estávamos conversando sobre pescaria, várias pessoas nessa faixa etária (21 a 35). Alguém contou certa passagem de uma pescaria: “Tinha um bocado de boto atrás *nosso*”. (s/r)

(113)- O informante 70, 22 anos, 5a.série, nasceu na ilha, trabalha como auxiliar de vendedor de bebidas. Falando sobre o campeonato do sete de 1997, contou-me que ficaram 4 times para o torneio final. O time do informante 5 não classificou-se: “Eles precisava ganhá *nosso* pra se classificá”. (C70)

— Em contextos não-possessivos de 36 a 50 anos:

(114)- O informante 60 joga num time de veteranos. Tem 42 anos e é portuário. Seu time estava quase na final do campeonato, mas perdeu para um rival do mesmo bairro. Disse: “Fazia nove meses que eles não ganhavam *nosso*”. (C60.1)

(115)- Em outra oportunidade o mesmo informante 60 disse: “Ninguém nunca mais ganha *nosso*. É difícil alguém ganhar *nosso* aqui dentro dessa ilha”. (C60.2)

(116)- Estávamos eu e o informante 26 (45 anos, nível ginásial, comerciante) no supermercado. Encontramos o informante 77, irmão do informante 26. Saímos e o 77 ficou fazendo compras com a esposa. Chegamos ao bar do informante 26 e lá estava o 77. O informante 26 disse: “Ele chegou na frente *nosso*”. (C26)

(117)- U. é irmão do informante 34. Certa vez foram os dois a uma festa em Guaraqueçaba, pois ambos são de Canudal, região próxima. U. arrumou lugar para várias pessoas pernoitarem. Ficou responsável pela ordem. Contava 34 que ele e outro conhecido, beberam bastante e chegaram tarde na casa, fazendo bagunça. U. não queria deixá-los entrar. O informante 34 disse que iria quebrar a vidraça da casa. Conta 34: “U. veio brabo pra cima *nosso*”. (C34)

ANEXO 3. SISTEMA PRONOMINAL EM USO NA ILHA DOS VALADARES — DAS GRAVAÇÕES.

As gravações que serão apresentadas a partir de agora têm apenas um objetivo, que é tentar flagrar o sistema pronominal possessivo em uso pelo grupo de Valadares, seja na sua forma *tradicional*, *nova* ou *inovadora*. Principalmente essa forma *inovadora*. Durante o decorrer da pesquisa fiz onze gravações, arroladas em seguida de G1 a G11. Após árduo trabalho de coleta e transcrição, vamos às gravações:

G1- Entrevista com o informante 63 e a informante 62.

Encontrei certo dia com o informante 63 (doravante reconhecido por V). Disse-lhe que estava precisando de sua ajuda para uma pesquisa histórica sobre a Ilha. De pronto ele concordou e marcamos a data da entrevista, que teve lugar na casa do próprio informante, às 18 horas do dia 14.02.97. Iniciamos a conversa no quintal da casa onde ele estava consertando alguma coisa que imaginei fosse uma rede. Ao longe estava a esposa do informante 63, a informante 62 (doravante Z) estendendo roupa. Entramos na casa. Percebi que a casa era pequena, de madeira, com quarto, sala, banheiro e uma cozinha. Falamos de várias coisas. Notei também um cachimbo sobre um armário, o que mostrava que V gostava de pitar. Eis a entrevista: (utilizarei A para Adilson, o entrevistador)

V- Deixe eu enrolá a rede.

A- O senhor só enrola mesmo, né? (Apontei para um fio preso numa estaca). Pra que que é isso?

V- É um varar que arreventou.

Passaram-se alguns segundos até que ele guardou o que estava fazendo. Vi dona Z. no fundo do quintal.

A- Vem aqui. Vem aqui.

Esqueci o nome de dona Z.

V- Quem é que você tá chamando ?

A- Sua mulher. Qual o nome dela mesmo?

V- Minha velha ?

A- É. Sua velha.

V- Ah, Z.

A- Ah, é dona Z.

Fui até ela.

A- Dona Z. ?

V- Já foi embora.

A- Ei, ele chamou a senhora de velha.

Z- Hã ?

A- Ele chamou a senhora de velha.

Z- Tudo bem pois nós somo velho, não somo novo.

A- Não, ele disse assim ó, ê, quem, a minha velha ?

Entramos na casa.

A- Que bonita ela tá lá, né?

Apontei para um quadro de casal na parede, daqueles antigos.

Z- Hã ? Eu era bonita mesmo.

A- É a senhora aquela ?

V- Aquela lá é a mulher de Tiburcinho quando era moça.

Z- Aquela lá é a mulher que eu trabalho pra ela.

Dona Z. apontou outro quadro, ao lado.

V- Sente por aí.

Sentei num sofá junto com V. Mais adiante dona Z.

A- Aqui a senhora tinha quantos anos?

Z- Quantos anos?

A- É, aqui.

Apontei para a fotografia do casal na parede.

Z- Eu tirei agora depois de velha. Tinha quantos ?

Olhou para o marido.

V- Não sei. Nem lembro.

A- Parece tão moço.(...) E esse aqui quem é ?

Apontei outro quadro, de um rapaz.

Z- Esse aí é um que morreu. Esse aí .

V- Esse é um filho meu que morreu. Vinte e dois anos.

A- Morreu com 22 ?

A- Dona Z. eu tava falando pra ele, o negócio é o seguinte, eu vim porque eu tenho uma ... eu tô fazendo um trabalho na faculdade e eles me pediram que fizesse uma (reconstituição da) história da ilha sabe, pro trabalho ? Daí eu me perguntei "Como posso fazê isso?" e ... conhecendo as pessoas, né, que tavam aqui antes, bem antes, por exemplo. Eu estava conversando com ele e ele disse que veio pra cá em 77, né? Referi-me a V.

V- É.

A- Como é seu nome ?

V- V. V.

A- V., né, V. e dona Z. O senhor tá com quantos anos *seu* V. ?

- V- Tô com 78 já.
 A- Não pode menti.
 V- Certinho.
 A- A senhora também ?
 Z- Tô com quantos mesmo ?
 V- Setenta e oito tira seis, fica setenta e dois, né?
 A- Tá com setenta e dois. Forte, né? (...) O senhor veio de onde *seu* V.?
 V- Que é?
 A- De onde que o senhor veio?
 V- Sou paulista. Sou do estado de São Paulo. Porque quando eu vim pra cá eu estava no Paraná já.
 A- Sei.
 V- Sou de lá de São Paulo.
 A- Sei. E a senhora dona Z.?
 Z- Eu sou de lá.
 A- Também é de São Paulo? Que ...
 V- Município de Ariri.
 A- Ariri ... Agora, tem um lugar, ali que Ade, conhece Ade, né? Ele pareceu desconhecer a pessoa. Continuei descrevendo.
 A- Ade, Ade parente de Arnaldo ali.
 Z- Ah, conhecemo.
 A- Ele é dali também, mas ...
 Z- Filho de nossa comadre Andressa.
 A- É, isso, isso. Ele é dali também. Ele diz que é de São Paulo. Ele é de Ariri também? Pensei que ele não era ... Porque ele diz que é de Ma....
 Z- Ah, agora ele mora em Marujá, depois que casô.
 A- Marujá, Marujá. Isso. Marujá, ele dizia que...
 Z- Depois que casô ele foi.
 V- Marujá é estado de São Paulo.
 A- Marujá é estado de São Paulo. É só atravessar o rio, parece.
 V- É só atravessar o rio e...
 A- Atravessa o rio e... E o que que o senhor fazia lá *seu* ?
 V- Ah, nós trabalhava em lavora, toda vida. Trabalhava em lavora. (...) Desde 62 eu trabalho em lavora.
 A- Aposentado agora ?
 V- Sô. Desde 62 ... Aí eu parei de trabalhar ... Eu trabalho em construção ainda.
 A- E o senhor veio pra cá quando daí ?
 V- Ah, não lembro mais ...
 A- Mas ...
 V- Esqueci, faz tempo ... Quero vê, quero vê. Tem um filho de Maria que dá certo em idade, né ?
 Z- Trinta anos que nós tamo pra cá.
 V- Trinta ?
 Z- É.
 A- Trinta anos ? Pomba, faz tanto tempo, hein ... Trinta anos dá ...

Z- Mais ...

V- Mais. Tá com mais da idade de Jango.

Z- Jango ? Quanto Jango tá ?

A- Que Jango ?

Z- Jango de Barreiro.

V- Meu neto, Barreiro.

A- Ah, Barreiro deve tá com uns 28.

Z- Vinte e oito? Jango tá com uns trinta e pouco anos.

A- Jango Barreiro ?

Z- É. Qué vê só, vô perguntá pra ...

V- Jango deve tá com uns 30 ano.

A- Eu acho que Jango deve ter 28 - 29 anos.

V- Isso que eu ia dizer, 29 anos.

A- E o senhor lembra como era aqui antes ?

V- Ah, me lembro. Aqui eu conto direitinho. Depois que eu cheguei, porém.

A- É, depois que o senhor veio. Como é que era ?

V- Aqui era sítio, sítio. Casa aqui não tinha. Aqui não tinha essa casa. Só tinha um rancho do velho, que era de lá também ... Velho Matias.

A- Hum...

V- E já rocei caminho pra vim aqui. Depois veio meu filho. Aquela casinha, a primeira casa que ele fez ...

A- Seu filho ali ...

Z- Mas eu vô sabe a idade do filho dele e te digo ...

A- Quê? Barreiro é parente seu?

V- É.

A- Barreiro?

V- Meu neto, meu neto ...

A- Barreiro é seu neto ...

V- Meu neto.

A- Ah.

V- Azuir, conhece Azuir ? Conhece o irmão de Barreiro ?.

A- Conheço. E Ziqui ?

V- Hã ?

A- Ziqui.

V- Ah, esse é estranho pra nós. Estranho.

A- Ziqui não é parente seu?

V- Não é, não. Ele é um estranho. Filho de Lindorfo. Veio e morô aí.

Apareceu dona Zulmira, conferindo a idade de Jango.

Z- Trinta.

A- Trinta ? Então faz trinta anos que o senhor está aqui.

V- Não, não faz. Ele já veio grande pra cá.(...) Não tenho documento nenhum que reze sobre isso aí ...A- Mas é mais de vinte ...

Z- Ah, faz ... Vinte e nove. Vai ali pertinho de trinta. Pode crer.

A- Pertinho de trinta ...

Z- É, então.

A- Eu tava perguntando pra ele, como é que o senhor fazia pra fazê compra, naquela época ?

V- Lá em Ariri?

A- Não, aqui.

V- Pra fazê compra?

A- É ...

V- Aqui a gente ia buscar na batera.

A- Na batera ?

V- Na batera, é.

A- Não tinha passarela.

V- Não tinha passarela, esse o problema.

A- Era mato. Tinha luz ?

V- Luz tinha.

A- Tinha. Mas era difícil ...

V- Era difícil. Muito longe um do outro. (...)

A- Não tinha compra assim, nada pra fazê aqui.

V- Tinha. Tinha ali um negociante. Quando nós viemos já tinha um negociante como eu contei já hoje pro senhor lá o Patacan, que chamavam.

A- Hum.

V-

A- Era melhor antes ou agora?

V- É uma coisa só. Naquele tempo ...

Z- Parece que antes era melhor.

A- Eu também concordo com a senhora. Sempre o que vem depois parece que a gente sente saudade do que vem antes.

Z- Parece que com pouco dinheiro a gente fazia uma porção de coisa, né.

A- Parece que vivia melhor.

Z- Agora parece que é mais e não se faz nada.

V- O problema é do comércio. De primeiro você passava pra lá pra comprá as coisas, agora você compra tudo aqui.

A- Tem duas ... Tem dois tipos, né, de vantagens (...) Quantos filhos o senhor tem ? O senhor é casado só com ela ?

V- É só com ela.

A- Agüentou quantos anos com ela? (Risos)

V- Dois filhos

A- Há quantos anos o senhor agüenta essa mulher aí? (Mais risos).

Z- Cinqüenta, cinqüenta.

V- Agüenta não morreu ainda ...

A- Cinqüenta anos.

V- Não morreu ela, não morreu eu.

A- Agora, é duro agüenta essa mulherada, né. Ela bate muito no senhor ?

Seu V. começou a fazer as contas realmente. Dona Z. emendou:

Z- Tá fazendo 50 mesmo, nós. Né ?

A- É. Hein ? Ela bate muito no senhor ou não ? Briga muito ?

V- É impertinente, mas não bate. Se ela batesse já tinha saído de tudo.

A- Porque a minha me bate.

V- Te bate ?

A- Bate. Mas é só uma vez por semana.

V- Tenha vergonha.

A- Hã ?

V- Tenha vergonha.

Agora eu ri.

V- Apanhá de mulher aí.

A- Não, mas ela bate devagarinho, não bate muito forte.

V- Ela não bate num velho.

A- Hein, *seu V.*, quantos filhos o senhor tem ?

V- Eu ? Macho tenho dois. Vivo tenho dois.

A- Não, não ..

V- Macho.

A- Márcio.

Eu entendi que ele tinha dito Márcio.

V- É ...

Z- Benedito e João.

V- Benedito e João.

Z- Tem Paulo, aquele ali que morreu. Ele tem, tem três filhos ... e
duas (...)

A- Todos nasceram aqui.

Z- Não.

V- Não.

Z- Pro sítio. Nenhum aqui.

A- Lá em Ariri.

Z- É. Tudo pra lá.

A- O senhor lembra do seu pai, do seu avô ?

Z- Lembro. Do avô não arcancei nenhum.

A- Não ? E o pai ?

V- Meu pai arcancei. Criou-se ... acabei de criá ele.

A- É.

V- E, já tinha filho grande quando ele morreu.

A- Morreu aqui ?

V- Não foi pra lá.

A- E ele veio de onde, seu pai ?

V- Meu pai é do município de Ariri. Nasceu lá no município de Ariri.

A- Morreu lá.

V- E morreu lá mesmo.

A- E ele tinha descendência de quê ?

V- A descendência era, a descendência dele era grande, ele era lá dos
Camilo. Tião Camilo, João Camilo.

A- O seu nome inteiro é *seu V.* ...

V- Arves da Costa. E meu pai era Augusto da Costa. Servílio Augusto
da Costa.

- A- E ... O senhor sempre foi, trabalhou na lavoura lá ?
 V- Toda vida.
 A- E aqui também ?
 V- Aqui ? . Aqui não. Aqui era construção. Trabalhei em Rio dos Patos. Onde criei meus filho era só na lavoura.(...)
 A- Sei. Só na lavoura
 V- Só na lavoura.
 A- Estudou ?
 V- Não. Estudá não estudei. Aprendi a lê com meu tio, Carlos. Não tinha escola nesse tempo lá no Ariri. Não tinha escola, nada.
 A- Mesmo assim podia ser ... difícil. Tem algum parente aqui mais, na ilha, além dos filhos?
 V- Quem mais ?
 Olhou para a mulher.
 A- Tem ?
 V- Tem, a família de minha irmã. Um pouco mora ali no ...
 Z- Cajú.
 V- No Cajú.
 A- Na Ponta do Cajú³².
 Z- É.
 A- Então não moram aqui na ilha. Vieram de lá também junto com o senhor ?
 V- Estes aqui se criaram no Rio dos Patos já. São de lá.
 A- O senhor veio de Ariri e foi pro Rio dos Patos ?
 V- Rio dos Patos, é.
 A- Foi pro Rio dos Patos e depois veio pra cá ?
 V- Isso, depois vim pra cá.
 A- Ficou quanto tempo lá no Rio dos Patos ?
 V- Ah, lá eu fiquei ... 22 ...
 A- Com 22 ?
 V- Não. Tá com 44 anos já que nós vivemo lá. Não, 42 porque Benedito ... saiu de lá com 42 anos. Meu filho ... Meu primeiro filho.
 A- O senhor não gosta de caçá ?
 V- Cachaça ?
 Risos.
 A- Caçá.
 V- Ah, gostava muito.
 A- Cachaça não ... não gosta né ?
 V- Não. Bebia muita cachaça.
 A- É a gente sempre ... eu também gosto um pouquinho. Cachaça, não.
 V- Claro, claro. Agora, caçá eu caçava muito. E caça tinha dia de trazê pra casa dois, três tateto, um, dois veado, tatu nem se fala.
 A- Onde isso ?

³² Um bairro da cidade de Paranaguá.

V- No Rio dos Patos. Isso lá no Rio dos Patos.

A- O senhor tinha material ?

V- Tinha.

Z- Tinha mundéu .

V- Eu tinha espingarda.

A- De quem era ? De quem era o material ?

Z- Dele.

V- Era meu mesmo.

A- O que que o senhor tinha ?

V- Eu tinha espingarda, eu tinha cachorro bom.

A- A espingarda de quem era ?

V- A espingarda eu tinha de três calibre. Eu tinha dessa espingarda de ferrolho e tinha duas de ... de cartucho.

A- É. Tudo seu ?

V- Tudo meu.

A- Pescô algum bicho assim que lembre ?

V- Não.

A- Diferente ?

V- (...)

A- Hoje em dia é difícil, né.

V- É, lá era difícil.

A- Dona Z., a senhora já fez algum chá, assim, já usou alguma coisa da ... de casa assim pra fazê remédio, lá no sítio ?

Z- Já.

V- Já.

A- Já.

Z- De primero ...

A- A senhora disse que lá era à base disso.

Z- Os filho da gente só curava com chá.

V- Ervas.

Z- Então, vê. Ervas.

A- É. Por exemplo.

Z- Chá de hortelã, santa maria, folha de laranja.

A- O que que a senhora cuidava ?

V- ... , ..., rosa.

Z- ..., ... , rosa.

A- Goiaba.

Z- Broto de goiaba, é.

A- Broto de goiaba. Quem que a senhora cuidou ?

Z- Quem ?

A- Quem.

Z- Meus filho.

A- É...

V- Ela cuidava de diversas pessoa por lá. Pessoa do sítio. Caía doente e ela ia atendê lá.(...)

Acredito que a partir desse momento *seu V.* passou a se cansar, pois sua voz saía mais fraca.

A- Eu conheço uma senhora assim lá no, até hoje, lá em Tibicanga. Dona Rosa.

Z- Ah, eu conheço ela.

V- Nós conhecemo ela.

A- É lá perto, né ?

Z- É ..

A- Perto de Rio dos ...

Tibicanga fica perto de Rio dos Patos, 45 minutos de barco.

A- Perto ? É longe ...

Z- É longe.

V- Ela é viva ?

A- É viva, ê.

Z- Dona Rosa é viva.

A- Olha, o que a dona Rosa gosta, *seu V.*, se eu for lá ... aquilo.

Apontei para um cachimbo sobre um pequeno armário.

A- Pitá.

V- O quê ?

Z- Ah, é.

A- Pito.

Z- Pito, pito.

V- Ah, pito, pito.

A- Não pinto, preste bem atenção, não pinto, pito.

Rimos.

V- Ah, ela gosta muito. O marido dela já morreu ?

A- Já. Ela tá sozinha. Tá co filho. O marido dela sofreu, né ?

V- Sofreu.

A- Agora ela tá co filho, Aroldo, né ? Arlindo ...

V- Pois é, mas o problema é esse.

A- Tá bom, *seu V.*

Parei a gravação nesse ponto. Agradei. Porém, continuamos a conversar de maneira mais informal ainda. Sem eles perceberem, liguei novamente o gravador e continuei a gravação. Vejamos no que deu. O diálogo começa meio truncado, pois liguei o gravador no meio da conversa.

V- (...) Aqui, agora já tamo comprando o novo que veio. Naquele tempo não tinha nada quase. Nós vimo também o que tinha e o que não tinha, e agora tamo vendo o que já tem, né?

A- É.

V- Quem é que ia falá em farmácia aí. Não tinha.

A- E o supermercado ...

V- Pois é, supermercado. Carro na rua, não tinha, agora já tem.

A- É. Qualquer coisinha se precisá de um ... Que Deus nos livre, e um médico naquela época?

V- Ah, só na cidade.

A- Se desse alguma coisa ? Já aconteceu isso ?

Z- Dava, ê, então.

V- Dava. Dava. Carregava em batera, gente aí, espichado na batera igual uma caça. Uma coisa.

A- Agora já tá ... Embora agora seja difícil, né ... mas.

Z- (...) Tivemo que carregá ela no peito, nossa, daqui prá lá até pegá o carro pra lá.

A- É.

Z- Quase morto.

V- É, nós sofremo muito (...)

A- Agora eu lembro quando eu vim pra cá era tudo mato, né ?

V- Era.

A- Aquela rua ali em frente da farmácia ...

V- Em chuva era uma lama, né ...

A- Pior do que agora, né.

V- Quanto mais se você viesse no nosso tempo. Ficava embaixo de ponte. Isso aqui era um (...) de jacatirão, rapaz.

A- Jacatirão o que que é ?

V- Jacatirãozinho é uma plantinha que dá no brejo. *

Z- No baixo, só dá no brejo.

V- A flor roxo.

A- Aquele que tem um negócio na ponta assim ?

Z- É.

V- É. Aquele mesmo.

A- Então é molhado aqui ? Quando chove molha muito ?

Referi-me ao quintal da casa.

V- Quando chove pára a água aí.

Z- Pára água aí.

A- Mas tem lugar bem mais molhado lá pra baixo.

O mais pra baixo a que aludi é outro bairro próximo, onde recentemente chegaram famílias e se fixaram. Se ali onde nos encontramos a situação é precária, nesse outro local é pior ainda.

Z- Tem, tem.

A- Já andou lá pra baixo ?

V- Já.

Z- Pra lá daquele campo pra lá, pois quando chove não dá pra andarem. A água fica até a perna.

A- Quem mora pra lá ? Ismael, né ? Maíco.

Z- Maíco, Teco.

A- Teco, Micola.

Z- Teco, Micola, Claudinho.

V- Lá mora muita gente. Aqui não junta água iguar lá, não. Choveu, passô um pouquinho já escorre. Mas lá é demais. Pois é, o que nos farta é dinheiro, que corage a gente tem.

A- Pra todo mundo falta dinheiro, nós tamo numa época difícil, né.

V- É.

A- É época difícil.

V- No começo do rear tava tão bom, né, o dinheiro rendia (...)

A- O senhor continua fazendo aqueles remos ?

V- Não continuo porque não posso saí no mato.

Z- Não vai mais pro mato (...)

V- Meu filho fez muito daquilo na semana passada.

A- O senhor ia muito no mangue, né ?

V- Iá no mato. Pegava a canoa. Quando não ia por fora ia por terra.

Z- Deixa eu mostrá essa luz pra Adilson. O quar é de pagá aqui ?

Eu sou agente da Copel na ilha e cobro conta de luz na farmácia.

A- Ah, não pagô ainda ?

Brinquei.

Z- Paguei.

A- Ai ai ai.

Z- Paguei dois esta semana ainda. Este foi o que veio ontem.

A- Acho que a senhora pagô já esse aqui, né ? Eu acredito que a senhora pagô. Tá aí o outro que a senhora pagô ? Então traga lá, quero vê. De quem é ...

Z- Esse é o que veio ontem. Os talão ...

A- De quem é a casa este aqui ?

Z- É *nosso* aqui ... O nome é João Costa.

V- O nome é João Costa.

A- De quem é a casa ?

V- A casa é minha.

Z- A casa é nossa.

A- Ah, tá. Mas ela tá no nome de João.

V- Tá no nome de João. No começo da casa a gente não tava aqui ...

Z- Ele morava aqui né, foi no nome dele. Veja aí qualé.

A- Esse aqui está pago já. Tá pago já. Ari que cobro né ?

Z- Foi. Foi esse ou esse daqui ?

A- Vinte e seis e trinta e seis. Mas espere aí. Ah, este aqui é de dezembro.

Z- Pois é.

A- Este aqui é de dezembro.

Z- Paguei o de dezembro e o de janeiro.

A- Tá. Trinta e quatro e cinquenta e três. Tá, este aqui já tá pago. Todos estes estão. Só falta este.

V- Tá tudo eles aí.

Z- Ah, é ?

A- Falta o mês 2.

Z- Este não precisa pagá ?

A- Não. Já tá pago.

Z- Ah, bom.

A- Aí vai pagá duas vezes.

Z- Hum, hum.

A- Só falta este.

Z- Esse ali quanto é, cento e quanto ?

A- Hein, como o senhor gasta muito, né , *sen* ?

V- Pois é, barbaridade.

Z- Já pensô ...

A- Por que gasta tanto assim ?

Z- O que nós ganhamo é só pra pagá luz. É por causa do rabicho de Mauro ali.

V- Tem o rabicho de Mauro ...

A- Que Mauro ?

Z- Mauro de Iracema ali. Filho de Zeca.

A- Maurinho ?

Z- É.

A- Mas é muito.

Z- Demais.

V- Demais, demais.

Z- Mas eles é demais o gasto da luz. Eles ligavam o ventilador ...

A- Hã.

Z- Nove horas da noite e só acordavam dez horas da manhã. E assim, é três quatro lâmpada aceso. É geladera, é tudo que eles tenham. É tudo ligado. E tem o rabicho ainda.

A- De quem é o rabicho ?

V- O rabicho é meu, meu.

Z- O rabicho é nosso. Emprestamo pra ele.

A- Pra ele, pra ajudá, né ? Mauro é seu neto ?

Z- É.

A- Mas tem que cobrá, né, ele trabalha, podia ajudá, né ?

Z- Não tá trabalhando.

A- Ele não tá lá no Seletto ?

Z- Saiu.

V- Saiu.

A- Saiu ?

V- Saiu, o vagabundo, puxô pelo pai.

A- Ele é filho de ...

Z- De Zeca.

A- De Zeca. Mas Zeca trabalha.

Z- Agora tão pra lá. (...) Saíram daqui.

A- Quem que saiu ?

Z- Mauro. A mãe com a família.

A- Foram pra onde ?

Z- Uma casa que ele tem pra lá do campo, lá longe, nem sei onde é. Nunca fui pra lá.

A- Se mudaram daí ?

Z- Se mudaram.

A- Depois de tanto tempo.

V- A cabeça ...

A- Só falta vendê aí.

V- Uma casa sem água, sem luz, sem banheiro ...

Z- Não tem banheiro, não tem luz, não tem nada.

A- E como é que fazia pra tomá banho ?

Z- Tomavam banho na banhera.

A- Ah.

V- Tem água mas não tem banheiro.

Z- Tem água, mas não tem banheiro, sabe ?

A- E tem bastante gente ali, né ?

V- É.

Z- Tem quatro.

V- Bastante gente.

A- Eu tô confundindo. A casa de ...

V- (...) Pra minha pessoa não vale nada.

A- Quem ?

V- Zeca. Não quero sabê. Não quero vê nem a cara dele. Trapacero que uma porcaria. Me pôs no Seproc por causa de uma compra que eu fiz pro filho dele.

A- Compra ?

V- Sim, senhor. Andei por aí me batendo quanto tempo ...

A- Pra pagar ?

V- E não paguei. Não tinha condição de pagá.

A- Tirô pro Mauro ?

Z- Tirava roupa pra ele, né. Pois eles tavam aí ... Ele falô que o filho que tirasse que ele pagava, né. Não pagô (...) até hoje. Todo mês vinha ...

A- Zeca é aquele de bigodinho que trabalha de pedreiro.

V- É, trabalha de pedreiro.

Z- Aquele moreno. Não conhece Zeca ?

A- Eu confundo ele com Alberico.

V- São irmão.

A- Humm ...

Z- São irmão.

V- São irmão eles.

Z- Zeca é mais moreno que Alberico.

A- Eu sei quem é então.

V- Sabe, sim. Ele quase não gosta de tocá viola.

Z- Gosta de tocá viola.

A- Quem gosta de tocá viola é *seo* ...

V- Andrino ?

A- Andrino e Júlio.

V- É, os dois.

A- Júlio, né.

Z- Andrino, Júlio e Pedro.

V- Júlio.

A- Júlio. Agora aquilo lá é interessante. Não se vê mais aquela, aquele tipo de viola.

V- Essa coisa tá se acabando.

A- Tá se acabando. Tanto que Pedrinho Pereira, Andrino vão viajar por aí tudo.

Z- É ...

V- É, sim.

A- Só faltava o senhor lá, então. Já imaginou o senhor lá no meio daquela gentarada ?

V- Pois é ... No começo eu fazia. Até dançavam aqui.

Z- Ele tocava viola.

Referimo-nos aqui à dança típica, o fandango que eles dançavam no sítio.

A- Quem, ele ?

Z- Ele era folião de primero.

A- Será que ele não saiu dá uma voltinha na cidade ?

Queria dizer do Carnaval.

V- Não, acabou já.

Z- Ele era folião de bandera, não era de Carnaval.

A- Ah, tá. De bandeira. Bandeira do Divino ? Bandeira do Divino é antes, né, do Carnaval.

Z- Maio.

V- Em maio.

A- Maio ?

Z- Em maio.

A- Bandeira do Divino ?

Z- É, do Divino Espírito Santo.

A- Ah, mas por que é ... De onde era então isso aí ?

V- De Cananéia, tinha aqui de Superagüi. Eu andei por Cananéia, andei por tudo esse mundo de Deus.

A- Tem uma festa logo depois do Ano Novo. É. Cinco dias depois do Ano Novo.

V- Do Ano Novo ?

A- É.

V- Pra lá não tinha.

A- Que usavam aquelas coisas grandes assim.

Fiz com a mão.

V- Janero, feverero. Logo depois do Ano Novo é o Natar.

A- Não. Natal vem antes, né. É antes do Ano Novo.

V- Ah, é mesmo.

A- Logo depois do Ano Novo tinha uma festa que eu não lembro. É ... Não era festa do Divino não ?

Z- Iguape.

A- Não, é uma festa religiosa. Entrudo.

Z- Entruido ?

A- Entrudo. Já ouviu falar no Entrudo ?

V- Não é o Carnavar ? Entruido.

Z- Entruido que diziam era o carnaval.

A- Ah é . Entrudo era o Carnaval. Antigamente era o Entrudo.

Z- Entruido.

A- É, é. De sua época. Viu como eu sei ? Era Entruido ?

Z- Era.

V- Esse sim era depois do Ano Novo.

Z- É. Pois é agora nessa época. De primero ninguém dizia Carnaval .
Era Entruido.

A- Carnaval era diferente antes.

V- Não sei o que vem a ser esse nome de Entruido. (...) Carnavar tem jeito, mas não entruido.

A- Agora ... Entruido eu ouvi esses dias o porque que era, mas não tô bem lembrado.

V- (...)

A- Era alguma coisa antes de alguma coisa.

V- Entruido é antes da estação que Jesus esteve sofrendo, né.

A- Isso. Acho que é isso, então. É isso mesmo.

V- Do Entruido na Páscoa Jesus esteve sofrendo.

A- Quarenta dias.

V- Quarenta e cinco dias de Quaresma. É isso.

A- O senhor dançava muito é ?

V- Dançava. Dançá, eh, eh ...

A- Carnaval ?

V- Carnavar dançava 4 noite aqui tuda vida.

A- Eu também gostava. Depois mudou, esse Carnaval tá tão agressivo.

V- Tá. Agora não dá pra i mais.

A- O senhor não vai porque ela não deixa também, né ?

V- (...) A festa é só pra eles, né.

A- É muita bebida ...

V- De começo se dançava muito o fandango que nós fazia, né. Aquilo tinha prazer. Chegava a noite dançava ali. Não tinha tropeço nem nada. Bebida era muito poco. Dançava à vontade mesmo. Tinha respeito nas coisa. O senhor levava sua mulher no fandango não tava se incomodando. Dançava ela, dançava o senhor, né. Mas agora não. O senhor levando a sua esposa nesses baile aí já vê um dançando com ela, já olhando no rosto dela ali ...

A- No rosto é pouco.

V- É.

A- O fandango, meu pai dançava fandango.

V- Dançava.

A- Meu pai conheceu minha mãe num fandango, minha mãe conta. Lá no sítio, lá em Rio das Pedras.

V- Ah, é de lá de Rio das Pedras ?

A- É, Rio das Pedras. Agora, o fandango dançava assim no chão ? Ou tinha que se fazê alguma coisa diferente ?

Z- O assoalho.

V- O assoalho.

A- O assoalho, né. Mas tinha que fazê um salão, né ?

V- Claro. Um salão grande.

Z- Um salão grande ...
 A- Ah, pensei que era em casa, assim.
 V- Era casa própria da pessoa, mas era um salão grande.
 Z- Um salão grande.
 V- O pessoal já tinha aquele capricho de fazê um salão mesmo pra ...
 A- Pra dança.
 V- Pra dança. Assoalho de canela, bem feito.
 Z- Batê de tamanco ainda.
 A- De tamanco.
 V- É. É bonito o fandango.
 A- O homem e a mulher usavam tamanco ?
 Z- Não, só o homem.
 V- Só o homem.
 A- Só o homem usava tamanco ? É ?
 V- É ...
 A- Esse fandango que existe hoje, então, não é nem igual ao que era antes.
 V- Que nada. Mesmo esse que eles fazem assim não é nada (...).
 Dançam duas, três moda e acabô aquilo.
 A- Fandango bom mesmo virava a noite .
 V- A noite toda.
 Z- Ia até de manhã.
 V- Em Guaraqueçaba ainda dançam o fandango.
 A- É.
 V- E olhe o tamanco ainda.
 A- De tamanco ?
 V- É.
 A- Eu gosto. Quando Pedrinho Pereira começa a cantá e tocá aquelas ...
 melhor mesmo acho que é o Andrino, o ... Andrino, né ?
 V- Andrino não é nada ...
 A- Júlio ?
 V- Júlio é melhorzinho, mas Andrino nada.
 A- Nada ?
 V- Tuda vida esse lambãozinho. Não dança que preste, não canta que preste.
 Fiquei um pouco mais e depois fui embora.

G2- Conversa com a informante 64: 17-02-97.

A informante 64 (doravante M.) apareceu na farmácia certo dia. Ela é viúva, distinta, de idade. Conteí-lhe que estava fazendo uma pesquisa de história

da ilha. Ela se dispôs a me ajudar. Notei que, de início ela se enervou pela presença do gravador, mas em seguida se acalmou.

A- Como é o seu nome?

M- M. J. da Sirva, França da Sirva.

A- França da Silva. A senhora nasceu onde dona Maria ?

M- Eu? Eu nasci no Superagüi.

A- Superagüi ?

M- É. Superagüi.

A- É Superagüi ali em Guaraqueçaba, né ?

M- É. Muito pra lá de Guaraqueçaba.

A- Pra lá é ?

M- É.

A- É na barra de Superagüi ?

M- É.

A- Barra de Superagüi.

M- É.

A- Dizem que é muito bonito lá.

M- É. Lá é bonito.

A- O que a senhora fazia lá ?

M- Eu nasci pra lá e quando eu vim de lá era criança.

A- Veio de lá criança ?

M- Meus pais vieram pra cá ... e ...

A - A senhora veio de lá com quantos anos ?

M- Eu vim de lá mais ou menos com uns 9 anos mais ou menos.

A- Nove anos. É, seu pai, como era o nome de seu pai ?

M- O nome do meu pai era Arcides Ribeiro França.

A- Ribeiro França. E da sua mãe ?

M- Otilia Arves ... Agora tem um sobrenome dela que eu me esqueço.

A- Esquece ? E a senhora lembra de seu avô, de sua avó ?

M- Me lembro só da minha avó que morô muito, muito tempo comigo, né. Conosco, né.

A- É. E que que a senhora lembra dela ?

M- Lembro que ela era ... ela era partera.

A- Ah, ela era partera. Lá em Superagüi ?

M- É. Em Superagüi depois nós viemos pra cá ela andava (em Parma?), por Morretes, por tudo. Naquele tempo não tinha hospitar assim, né ?

A- Ela que

M- Os filhos não ganhavam ... as mulher não ganhavam o filho no hospitar, assim, né.

A- Hum.

M- Então vinham buscá ela e ela andava ...

A - E ela ficava mês assim ...

M- É, e ela ficava ... ela ... vinham buscá ela e ela ficava por lá quinze dias, vinte dias.

A- Até nascê o nenê.

M- Até ganharem, depois ela vinha. Ela era partera.

A- E, e ela veio de onde daí ? Ela nasceu aqui mesmo ?

M- Não. A minha avó ? Não. Minha avó era de lá de Superagüi também.

A- De lá mesmo ?

M- É.

A- Ah, tá.

M- De lá .

A- A senhora é loira. Era loira.

M- Hum,hum. Era.

A- Quando era mais nova ?

M- Era. Era loira. Os claro da família toda era eu e minha irmã mais velha que morreu. Nós éramos em doze.

A- A senhora tá com quantos anos mesmo ?

M- Setenta e nove vô fazê em outubro, dia doze de outubro. Dia das crianças.

A- Dia das crianças.

M- Completo 79.

A- Veio pra cá, pra Ilha dos Valadares com ...

M- Depois ... eu vim ficá na Ilha dos Valadares eu já tinha quarenta e ... eu já tinha quarenta e seis anos quando eu vim pra cá.

A- Ah, a senhora veio pra cá com 46 anos ?

M- É. Eu vim pra cá com 46 ano. Eu não morava aqui. Nós morava lá no Macier. Lá quase no Pontar do Sul, lá.

A- A senhora saiu de Superagüi e veio pra Pontal.

M- É. Vim pra cá.

A- Lá que Carlinhos nasceu ?

Carlinhos é filho de dona Maria.

M- É.

A- Carlinhos nasceu em Pontal.

M- Carlinho nasceu pra lá.

A- Depois ...

M- Nasceu no Macier. Pra cá de Pontar do sul.

A- Ah, Maciel é antes de Pontal ainda. Outro sítio.

M- É.

A- É ...

M- Não era sítio. Era uma chácara do meu sogro. Uma chácara bonita que tinha lá.

A- É ... E plantava lá.

M- Eles plantavam, eu não plantava, cuidava dos filho. (Risos). E o meu marido plantava, né. Primeiro marido, não era aquele.

A- Não era aquele que eu conheci.

M- Não era aquele moreno. Era o primeiro marido. Depois ele morreu ... ele morreu com quarenta ... 46 ano o primeiro. O pai de Carlinho.

A- Aí a senhora veio pra cá com 43 anos.

M- Vim pra cá com 43 anos.

A- A senhora lembra como é que era a ilha ?

M- A ... A ilha ...

A- Com 43 anos, a senhora tá com 79 ... então 79 menos 43. Foi há 36 anos atrás. Como era a ilha nessa época ?

M- A ilha aqui não tinha quase morador.

A- É ...

M- Morava a família do Serafim ali. (Apontou.)

A- Serafim.

M- Serafim. Moravam bem ali (...)

A- Perto da escola ?

M- Não. Pra lá mais. Pra lá daquele encruso da rua que vai ali.

A- Hum.

M- Ali morava a família do Serafim ali. Ali, do outro lado da rua, morava o senhor ... foram embora pra Curitiba. Esqueci o nome dele.

A- Hum.

M- E um outro cunhado dele que morava aqui onde é a Saúde.

A- Sei. Vizinho seu.

M- É. Hum, hum. E aqui de frente ali morava um senhor que a esposa dele morreu. A esposa dele é morta. É a irmã Germínia que mora ali. De frente. E nós ... nós fizemos a nossa casa ali, ali morava o falecido Emir, pai de Luis, sabe ?

A- Sei. Pai do *seu* Luis que morreu esses dias aí.

M- Não. Ele não morreu ainda ...

A - Pai de Luis Gringo ?

M- É. Gringo é. Moravam ali. Era aqueles que moravam aqui. E os Coruja mais pra lá. Não tinha quase morador aqui. Isto aqui era só um mato.

A- E aqui, aqui pra cá ?

M- Pra cá era o mesmo. Era só um mato. Aqui era só um mato.

A- Aqui não tinha nada.

M- Não tinha nada. Não tinha casa, não tinha nada. Agora de uns 15 anos pra cá que começô a se desenvolvê a ilha, né.

A- É, né.

M- É.

A- A senhora fazia compra onde ?

M- Nós fazia compra lá, do outro lado.

A- Do outro lado.

M- É.

A- E como a senhora ia pra lá ?

M- Pegava o barco.

A- Ah, sim.

M- Que naquele tempo era barco, né.

A- Batera, assim.

M- É, batera. Batera, barco. Primeiro era batera, depois passou pra barco.

A- E ...

M- E era difícil, né. E era só morador ... pra cá não tinha quase morador nenhum. Pra cá pra dentro não tinha ninguém. Não morava ninguém pra cá pra dentro. Não morava ninguém.

A- Não morava ninguém aí.

M- Não, não morava ninguém.

A- Sei ...

M- Aqui pra dentro não morava ninguém. Era só um mato.

A- Era mato, mato ...

M- Então, eu gostava de plantá, né, eu (ia) pegava uma foice enquanto o velho ia trabalhá que ele trabalhava de encanador, de latoeiro ...

A- Sei.

M- Então, enquanto ele ia trabalhá pra lá eu gostava de trabalhá, pegava uma foice, ia lá, roçava e quando tava seco botava fogo e plantava aipim, plantava mandioca, plantava cará. O que eu podia plantá eu plantava.

A- É.

M- E levei bastante anos ...

A- E a ... é.

M- Plantando.

A- Quando tinha algum problema de doença como é que fazia ?

M- Doença ?

A- Sim.

M- Graças a Deus que não tinha doença. Agora ...

A- Não. Filhos, né. Quando dava uma dor de barriga.

M- Não. A gente corria pra lá pro outro lado e meus filho ...

A- A senhora sabe alguma planta com que fazia negócio de chá ?

M- Não. A planta que tinha era o levante, a hortelã ...

A- Usava isto.

M- É, que a gente usava, né. E essas coisas, malva e ...

A- De quem é aquela casa onde a senhora mora ?

M- Hein ?

A- Aquela casa lá de quem é ?

M- Onde eu moro ?

A- É.

M- A casa é minha.

A- Ah, a casa é sua ?

M- A primeira casa que nós fizemo ali era uma casa grande, mas depois meus filho foram casando, ele achô que a casa era muito grande pra nós dois só, pra nós três que ficô só aquele filho que mora comigo ...

A- Sei

M- ... daí ele disse dá muito trabalho pra você. Daí ele desmanchô e fez aquela casa mais pequena (...) Depois ele desmanchô outra vez que já tava caindo, fez. Agora por último ele já fez ... não, não fez mais bem feito. Já fez ... Fez provisório, como dizia ele. E, e depois Carlinho casô, fez a casa dele ali e ali

era um sítio grande. Era bem grande ali. Mas depois aqui do lado de Hamirto ele deu, chegô uma mulher ali, que queria mais um pedaço. Daí ele deu mais um pedaço pra mulher. E deu pros fundo pra filha ...

A- Aí dividiu.

M- Aí ficô dividido. Só fiquemo só com aquele ali, mas ali era um sítio grande, dava pra plantá bastante aipim, dava pra plantá as coisa ali. Depois como encheu o terreno, né, daí eu fui plantá pra lá.

A- É melhor hoje ou é melhor antes ?

M- Hum ?

A- Qual é o melhor ...

M- Pra mim era antes porque eu trabalhava. Mas agora ... É melhor agora porque eu não trabalho. Não posso trabalhá. Agora não posso mais trabalhá.

A- Não, mas em matéria de comodidade, assim, é hoje ?

M- É, é, é.

A- Quando quer ir lá pra cidade ...

M- É hoje, porque a gente tem tudo aqui, né. Tem farmácia tem ...

A- Supermercado.

M- Supermercado. Tem tudo que a gente precisa aqui, hoje. Ficô melhor aqui do que antigo, né, porque a gente tinha que corre e i pra lá se precisava de quarquê coisa. Até que de manhã a gente tinha que levantá cedo e i lá no mercado fazê, compra. Comprá as comedoria, né, negócio de, a carne.

A- Sei.

M- O peixe, o que quisé de comê, né. Verdura essas coisa, tinha que i lá. Aquele tempo tinha aquelas banca ali.

A- No mercado velho, ali.

M- No mercado velho tinha aquelas banca por ali. Então a gente tinha que i pra lá ...

A- Mas ficaram boas.

M- ... e vir cedo. E agora já tá, tudo mudô. Já não tem mais esse mercado ali assim. Já tem, já tem, já puseram aquele mercado grande ali. Já também tem supermercado que tem tudo, né? Eu sei que agora no ... nos tempo que vai passando as coisa vai melhorando.

A- É.

M- Vai melhorando pro povo, né ? Os mais velho já vão morrendo ...

A- (Ri). Mas a tendência é sempre melhorá, né ?

M- É. Sempre melhorá, né.

A- A tendência é sempre melhorá. Piora num ponto, mas melhora em dois ,três.

M- É.

A- Mas então tá bom dona M.

Agradeci e acabamos a conversa.

G3- Entrevista após o jogo de futebol: 23-02-97

Mig. estava pendurando as chuteiras. Ele e o informante 26 fizeram um jogo pra comemorar a ocasião. Convidou-me para assistir à brincadeira e para filmar o evento. Aproveitei e levei meu gravador. Pensei: posso flagrar qualquer coisa pra minha pesquisa. Após o jogo, enquanto a filmadora carregava a bateria, comecei a manusear o gravador. O informante 39, brincalhão como ele só, pediu-me emprestado o gravador e começou a entrevistar os presentes e participantes da brincadeira. Como se tratava de uma confraternização num bar haverá muitos ruídos estranhos, que não impedem o entendimento das entrevistas. Vejamos o que saiu. Nota: A- Adilson; informante 39- Ar.

A- Tá gravando, vai.

Ar- Tá gravando o quê ? Ah, o que que eu falo ? Eu vô ...(...) Compadre Abe.(informante 60) o que o senhor achô do futebol hoje à tarde entre ... de manhã, nós e o time da despedida de seu compadre Mig.(zinho) ? O que o senhor achô do futebol *nosso* ?

Abe- Nosso futebol ...

Nesse momento o informante 33 (R), irmão de Ar., interrompe a entrevista e fala.

R- Raul, Alcides, Jones vieram de pescá agora, chegaram lá (...) mandô colocá o isopor na cabeça ...

Ar- Pera aí, tá gravando.

Abe- Nossa equipe jogô muito bem, comandado por o de que era da despedida que era do Mig. Só que eu levei 3 gol, o time cansô, o time deles tinha um bom goleiro que era o Art , Art. dos Passos, Pompéia. Mais conhecido por Pompéia

R- Tem o primo ... o primo que é o primo fraco.

Abe- Pô, R é foda.

R- Tem o primo fraco que tomô duas Coca litro.

O informante 39 continuou.

Ar- Art (informante 72), Pompéia. Você, há tantos ano sem jogar futebol. Hoje você foi defendê a equipe contra da despedida do Mig. O que que você achou do futebol ?

Art- Eu achei muito legal, muito bacana. Apesar que eu peguei um time ... um time bom de bola, pus a camisa legal, bonito e digo vô respeitá essa porcaria aqui (...) Tudo bem. É que o time de vocês tava forte pra daná, né, malandro. Mas eu sô daquele que eu sei me colocá e sei me defendê. E é por isso que vocês levaram azar.

Ar- Falô, Pompéia.

Art- Parabéns meu time, malandro.

Ar- Falô, Pompéia. Agora eu vô falá aqui com o compadre Mig ... O compadre Mig que se despediu hoje do futebol dando uma despedida ... despediu-se.

Pegaram no pé de Mig dizendo que ele estava se despedindo de todas as 'atividades'.

Mig- Não, não ...

Ar- ... não, ele só está se despedindo do futebol. Deu uma carne pra turma comê aí, fez uma cervejinha aí. E o que o senhor achô dessa despedida do senhor, compadre, com seus amigo aí ?

Mig- Tudo bom. Tudo legal. Gostei mesmo.

Ar- Tudo tchan.

Mig- Vamo parti pra próxima aqui no outro século.

Ar- Compadre O. (informante 26), o senhor como foi a despedida do futebol do compadre Mig ? Foi boa ?

O- Foi bom, né. Foi muito ... muito brilhante aí, a nossa brincadeira aí que nós fizemo ... só que eu tô guspindo aqui no aparelho de ... do nosso amigo Adilson ali, né, que veio fazê uma ... uma apresentação aí pra fazê um ... um ... uma fita gravada pra nós dexa de recordação aí do nosso camarada quando um dia que nós for dessa ... dessa ... dessa ...

Ar- Marvana ...

O- Daqui pra outra.

Ar- Pra outro paraíso.

O- Pra outro mundo. Então a gente vai ter recordação de ... dessa brincadeira que nós fizemo aqui pro compadre Mig.

Ar- Tudo bem compadre. Obrigado aí pela sua presença.

Interromperam de novo.

Ar- Agora eu vô falá com o juiz aqui. Juiz. Juiz, R (informante 33), você como juiz apitando

R- Não vô falá nada ...

Ar- Tá, tá. O que que você achô ... como você achô ... se teve ... R, você participô do segundo ... segundo ... segundo tempo, apitando o nosso futebol, aí. Como você achô do futebol, se teve alguma maldade entre os atleta. O que você achô do futebol ?

R- Olha, achei uma partida muito boa que não teve falta. Agora o único problema que teve ... ó ... o problema negativo que teve foi Ar que falô tanto no primero tempo que não ... que não quis fazê gol pra dexá pro segundo, no segundo tempo nem pegô na bola. Só reclamava com Ronaldinho, Alde lá que ... também não pode ca bola. A única parte negativa que teve no jogo foi Ar, Alde e Puc. Mas também Puc não pode ca bola.

Ar- Valeu R, obrigado hein.

R- E Abe que tirô (...)

Ar- Aqui, agora nós vamô entrevistá um atleta que jogô pelo time do verde ... o Ulisses (referência a Ulisses Guimarães). Seu E (informante 20), o que

o senhor achô do futebol hoje da despedida do Mig ? O que o senhor achô do futebol ?

E- Olha eu achei que vocês ... vocês foram pra perdê mesmo. E nós, com todo fracasso, nós fomo pra vitória. E ganhemo a partida, né, pá.

Ar- Mas fazia muitos tempo que o senhor não jogava futebol, né ?

E- Quarenta e pocos ano já.

Ar- Depois de quarenta e pocos ano o senhor voltou a chutá uma bolinha.?

E- Justamente. Quarenta e pocos ano.

Ar- Muito bem, obrigado *seu* E, hein ? (...) *Seu* C (informante 73) ... Dá licença *seu*... *Seu* C. O senhor ... o senhor jogô um futebol hoje, fazia muitos ano que eu soube que o senhor não jogava futebol. Quantos anos que fazia que o senhor não jogava futebol ?

C- Quinze anos.

Ar- Quinze anos. O que o senhor achô da despedida do Mig ?

C- Eu tô chorando porque não era o tempo dele se despedi ainda.

Ar- Ele despediu-se do ... ele despediu-se do futebol.

C- Tá. Mas ele vai vortá ainda. Ele vai ter saudade, nós temo saudade dele.

Ar- E este futebol. O senhor está se despedindo de todos ?

C- Compadre Mig ?

Ar- O senhor está se despedindo de tudo ?

C- Não, não. Eu vô longe ainda.

Ar- Ainda vai longe ?

C- Vô.

Ar- Falô, *seo* C. Obrigado, hein.

C- Tá bom.

Ar- *Seu* ... Senhor J. O senhor mais conhecido como Pelé aqui na Ilha dos Valadares. O que que o senhor achô do futebol hoje se despedindo o senhor Mig. O que o senhor achô do futebol ? ... Ele tá muito emocionado. Ele não qué falá. Eu vô falá co meu compadre M (informante 77) aqui. Compadre M, o senhor, o que o senhor achô do futebol do Mig, aí, se despedindo ... muitas pessoas ... tem muitos atletas que fazia 40 ano que não jogavam futebol e hoje voltaram, voltaram a jogar. O que que o senhor acha de tudo isso ?

M- Foi uma festa bonita, né. Legal. Todo mundo cooperando, gostoso. Legal. (...) É. Apesar de meus 44 ano não deu pra corrê mas a minha barriga tá grande. Mas acho que todo mundo cooperô, foi legal sem pau, sem pancadaria.

A- E em casa, como é que tá o negócio em casa ?

M- Em casa tá devagar, tá devagar ... E acho que o importante é isso aí, né, brincadeira, todo mundo numa boa. Sem pau ...

A- O teu irmão também tá devagar em casa ?

M- Não sei como é que tá a situação dele. (Risos). E o goleiro do contra que tava mau. Levô três frangaço que não foi fácil, né (...) foi tudo bom, né ? Acho tudo legal e o importante é brincá, né.

Ar- Valeu compadre e obrigado. Aqui eu vô falá ... vô falá com um atleta aqui, que ele foi convidado pelo *seo* Mig. Ele foi convidado pelo

compadre Mig. Então ele foi inconvidado pelo compadre Mig. Eu queria sabê o que que ele achô da brincadeira hoje da despedida do Mig.

N- Bom, tá gravando mesmo é ? Então vamo lá. Bom, na despedida de Mig foi muito legal. Fui convidado pra jogá, vim pra jogá, joguei. Tive um camarada lá que foi o centroavante do time, mas não queria fazê gol de pena do goleiro deles que é muito fraquinho, né ...

Ar- Mas o senhor teve uma distenção no ... no ... meio do primeiro tempo, não é N (informante 74) ?

N- Uma distenção grave e não deu pra ... não deu pra agüentá mais o segundo tempo, tive que dá a vaga. Infelizmente nós não tinha um atleta à altura pra ... pra ...né, pra entrá no meu lugar. Mas tudo bem. Correu tudo bem, demo uma colher de chá pro time deles pra ganhá de 3 a zero, né. E parabéns pro *seu* Mig que a despedida foi muito legal, viu.

Ar- Mas a machucadura não foi nada, né, foi só aquele ... aquela horinha só, né ?

N- Não, não. Tá machucado até agora.

Ar- É ?

N- Aqui vamo fazê um remédio pra semana que vem tá preparado prá ...

Ar- Valeu, N. Obrigado, hein ? Aqui vamo falá ... falá mais uma pessoa que foi convidado aqui pelo seu Mig. Um rapaz aí que ele ... Eu nunca tinha visto ele jogá futebol. Foi convidado e ele veio aí. V.

V- Diga.

Ar- Diga alguma coisa aí sobre o futebol de hoje.

V- Não. O futebol de hoje tava excelente. Apesar que tava muito sol quente, né. A rapaziada cansô rápido. O nosso centroavante tava muito ruim. Perdeu gol pra caramba. O importante é que correu tudo bem, né. A rapaziada com saúde e felicidade. O importante é isso. Deu uma brincadeira boa e espero que continue assim, né.

Ar- Valeu V. Obrigado, hein ? Aqui ... Aqui vô dexando em ... pra *seu* Adilson que eu dexo o meu ... eu ... eu como atleta centroavante ... eu como centroavante aí, eu que tava entrevistando os atleta era eu. Agora, *seu* Adilson você me diga alguma coisa sobre o que você achô do futebol, aí, da brincadeira.

A- Eu achei... Todo mundo tá mau, né ? Ei, e o senhor, doutor.

Ar- Eu fui o repórter entrevistador ... entrevistador.

A- (Ri). Ei, ah, você não entrevistô ele aqui. Ei entrevista ele aqui também, ó.

Ar- Puch, o que você acha, você como flamenguista, aqui só dá vascaíno. O que você achô do futebol ?

Puch- Eu achei que (...) muito fácil. O golero tava vendido, centroavante não adiantava pegá na bola. E o nosso golero tava muito bem. Ar não adiantava chutá (...) Chegava aqui o golero defendia todas.

Ar- Falô, Puch. Aí gente muito obrigado e tchan.

A- Muito obrigado nada, pera aí. Vem cá. Agora vamos dizê aqui como é que tá o nosso amigo, o centroavante do Carijós, aqui. Diga. Como é que foi esse jogo, aí ?

Ar- Tá bem, tá bem. Tá correndo muito bem. Fisicamente tá bem.

A- A mulher não tem reclamado em casa ?

Ar- Não tem reclama. Ela não reclama ...

A- Vai entrá de férias.

Ar- Ela não reclama, ela tá contente comigo. Ainda vô entrá de férias.

Ela tá muito contente comigo.

A- Vai entrá de férias ?

Ar- Vô entrá de férias.

A- Agora é que vai começá o bicho.

Ar- Tô de férias vai sê semana direto.

G4- Entrevista com a informante 65: 17-02-97

A informante 65 (doravante V) é uma das pessoas mais antigas na Ilha. Certo dia ela apareceu na farmácia e disse-lhe que estava fazendo uma pesquisa de história para a escola. Perguntei-lhe se ela poderia ser entrevistada. Ela concordou. Eis a entrevista.

A- Como é o seu nome ?

V- É V. Rodrigues Pires.

A- A senhora tá com quantos anos, dona V ?

V- Tô com 84 ano.

A- Oitenta e quatro anos ?

V- Oitenta e quatro ano.

A- A senhora é casada ?

V- Casada.

A- Como é o nome do seu marido ?

V- É José Elias.

A- Tem quantos anos ?

V- Tem 83 .

A- É José Elias.

V- José Elias.

A- Oitenta e três.

V- Oitenta e três.

A- Há quanto tempo a senhora mora aqui na ilha ?

V- De ... de verdade eu não sei dizê, mas eu acho que faz uns 25 ano.

Mais ou menos 25 ano.

A- A senhora nasceu onde ?

V- Eu nasci em Guaraqueçaba.

A- É, na cidade de Guaraqueçaba ?

V- Na cidade de Guaraqueçaba.

A- Ou em alguma ...

V- É. Na, na ... qué dizê, num cais chamado Ipanema.

A- Ipanema ? Lá em Guaraqueçaba ?

V- É. Lá em Guaraqueçaba.

A- Seu marido também ?

V- Não. Ele é de Antonina ?

A- Hum. A senhora lembra dos parentes seus: mãe, pai, avô ?

V- Meu pai e minha mãe me alembro.

A- É ? Eles vieram de onde ?

V- Meu pai era de Guaraqueçaba mesmo.

A- Sei.

V- E a minha mãe era de cá do ...

A- E seus avós ?

V- Também de cá do lado da minha mãe ...de ... do lado de cá do ...
do ...

A- De Guaraqueçaba mesmo ?

V- Não. De lá, é ... do lado de Guaraqueçaba é.

A- Tá bom. E a senhora lembra com quantos anos a senhora veio pra cá ? A senhora casô lá em Guaraqueçaba ?

V- Eu casei ... depois que eu saí de Guaraqueçaba meu pai casô ca minha mãe depois eu nasci depois quando eu tava com 10 ano ... depois que ele casô ca minha mãe ele vortô ... pro lado da minha mãe.

A- Hum.

V- Depois vortemo pra Guaraqueçaba de novo. Eu já tava com 10 ano quando ... 8 ano quando vortei pra Guaraqueçaba.

A- Aí a senhora veio pra cá ?

V- Aí viemo de novo pro Itaqui.

A- Itaqui ?

V- Itaqui.

A- Itaqui. Onde é Itaqui ?

V- Itaqui é entremeio de Guaraqueçaba e Antonina.

A- Entremeio de Guaraqueçaba e Antonina? Tá. E a senhora morô quanto tempo em Itaqui ?

V- Moremo muito tempo. Muito tempo.

A- Dos 10 anos até quantos anos ?

V- Dos dez ano que eu vim até ... eu casei com 19 ano.

A- Dezenove anos. Nove anos então.

V- É.

A- Aí a senhora veio pra ilha.

V- Aí ... Não. Depois que eu casei eu tive meu filho mais velho que mora lá em São Vicente³³.

A- Hum.

V- Adepois tive esse que trabalha na Cotinga.

A- Masico.

³³ Nome de outro bairro da cidade de Paranaguá

V- Masico. Depois tive mais lá em ... numa parte no otro, no otro lá ...
E trabalhando, né (...) rama, tudo que nós plantava.

A- A senhora traba ... É, quantos filhos a senhora tinha, tem ?

V- Soma dez filho com duas gêmeas.

A- Dez filhos com duas gêmeas.

V- É dez filho com duas gêmeas. É. Cinco filha e cinco filho.

A-Cinco filhas e cinco filhos. Todos moram aqui em Paranaguá ?

V- Não. Foi criado só seis.

A- Ah.

V- Tenho só seis.

A- Tem seis vivos.

V- Seis vivo.

A- Tá. É ... E a senhora tá morando aqui desde quando, há vinte e cinco anos mais ou menos ? Deve ser o que ? Desde o ano 70.

V- Beto (Adalberto, militar, neto dela) tá com ...

A- Adalberto ?

V- Sim.

A- Trinta.

V- Trinta ?

A- Trinta. Há trinta anos então ?

V- Quando eu vim de lá que eu trouxe ele que ele morava comigo, a minha filha ...

A- Tila ?

V- É. Foi com Osvarado, né, até fugiu por conta dela, né.

A- Sei.

V- Aí nós não queria porque ele morava lá no Pacutuva.

A- Sei.

V- Aí, eu não queria. Nós não queria (...) Ainda não tinha feito 16 ano.

A- Quem ?

V- A Tila.

A- Ela não tinha 16 ?

V- Não.

A- E Adalberto já tinha nascido ?

V- Não, não, não. Depois de muito tempo, depois que ela foi com ele, aí que ... aí veio Adarberto, né.

A- Tá.

V- Aí adepois lá em Pacutuva não deu mais nada, né, daí ele mudo-se pra cá.

A- Sim.

V- Pra ilha.

A- Tá. E Adalberto ficô com a senhora ?

V- Aí eles ... quando eles vieram pra cá que trouxeram o Adarberto, trouxeram com 10 meses.

A- Sei.

V- Aí quando ... Aí levaram mais uns dois mês aqui. Aí quando foi um dia eles lá, chegando lá em casa. Nós tinha uma casa que nós tem a fotografia da casa que nós tinha. Nós tinha negócio, né.

A- Lá em Pacutuva ?

V- Não. Aqui em baixo já. Aqui em baixo.

A- Aqui ...

V- Na barra do Itaqui.

A- Itaqui.

V- Aí ... aí eles lá, ela foi levá Adarberto pra mim que ela tava grávida e queria tirá Adarberto do peito.

A- Tava grávida de Adilson ?

V- Do Adirso. Do finado Adirso. Deus que chame ele. Aí. Daí ela dexô comigo, né. Ah, mas esse guri, meu Deus do céu. Esse guri mamava, né.

A- Hum.

V- Era loco por uma teta.

Rimos.

A- Era louco por uma teta. E ele se adaptou bem, daí ?

V- Dá vontade de chorá.

A- É.

V- O que esse guri me fez padecê ... Eu pensava que ele ia morrê. Que dava ataque nele. Dava ataque nele.

A- É. Ataque só de fome.

V- É. De ... De vontade de mamá, né. Não queria nada, não queria comê, não queria água, não queria mais nada.

A- Só mamá.

V- Só mamá, mas naquele tempo não era tempo de mamadera, de nada, né.

A- Sei.

V- Aí eu sei dizê que depois então eu disse 'Ah, meu Deus' (...) nós tinha leite lá, tinha leite de lata, mas eu não sabia como é que ...

A- Como é que fazia ?

V- Aí peguei numa lata de leite numa noite, né. Peguei, abri, devolvi tudo numa água quente num copo. Aí dei pra ele. Foi indo, foi indo, que tomô esse leite.

A- Aí ele gostô ?

V- Aí que pegô a mamá, aí que ele viveu de novo.

A- Então, de lá a senhora veio pra cá.

V- Quando viemo de lá ele tava com 5 ano.

A- Ah, sim. Então há 25 anos atrás. Mora aqui há 25 anos. Então a senhora veio morá pra cá faz 25 anos. Como é que era a Ilha naquela época ?

V- A ilha naquela época era muito ... muito mato. Nós lenhava nesse mato lugar que a minha filha mora agora eu lenhava. Nós lenhava. Nós. Nós lenhava. Não era só eu, era a turma tudo. Nós ia saí pro mato meio-dia, três, quatro mulher lenhá. Pegava aqueles fexe de lenha nós ... Tinha lugar que até atolava, agora tá cheio de ... de casa. Feito vila de casa. E nós chegemo aqui , nessa ilha, nós não tivemo um lugarzinho pra fazê casa aí.

A- Sério ? Só mato.

V- Ninguém deu.

A- Ninguém deu ? E como é que a senhora pegou um terreno, aquele em que a senhora está morando ali ?

V- Aquilo foi comprado.

A- Ah, foi comprado. Ninguém deu.

V- Foi comprado com a casa.

A- Com a casa ... Seu marido trabalhava em quê ?

V- Ele trabalhava ... Ele ia vê o (...) lá porque ele foi muito desleixado, deixô tudo as coisa que era pra ser bom pra ele agora ele dexô tudo. Porque ele serviu à marinha, ele pegô o ... como é que diz, o certificado dele. Ele, teve um home que foi lá de de de coisa pegava as coisa assim pra fazê isto ... Aquele Harordo que o pai dele morava aqui. Eu sei que ele consumiu. Não deu contas. Se ele pegasse aquele dinheiro. Ele foi servi junto com esse Renê. Conhece Renê ali ?

A- Não.

V- Ele foi junto com aquele. Então ...

A- A casa onde a senhora mora de quem é ?

V- Era do ... daquele (...) não conhece ? Aquele hominho que trabalha na prefeitura ?

A- Hum.

V- Que anda muito doentinho assim, mas ele anda.

A- Sei.

V- É daquele que nós compramo. Então ele tinha vendido pra outro home, aquele Abel, fina ... Não sei se é morto ou é vivo. O Abel, então o Abel tava ... vendeu pra outro de Guaraqueçaba, mas ele veio morá pra cá não acostumô. A mulher não acostumô. Aí ele pôs em venda (...) aquela casa onde nós morava lá foi reformado. Foi mil cruzero né, naquele tempo.

A- De quem é hoje a casa ?

V- Hoje é do meu filho.

A- Ah, hoje é de ...

V- Almir.

A- Ah, de Almir. Hoje é de Almir então.

V- É.

A- Tá bom. Seu marido não tinha um trabalho assim fixo, né ?

V- Ele trabalhô só no ... no porto naquele coisa de ... de dormento, naquela coisa da ...

A- Ah, sei. Outra coisa é ... Como é que a senhora fazia compra ?

V- Nós fazia compra assim que ... primero ele foi trabalhá ali no mercado do peixe.

A- Tá.

V- Então ele comprava as coisa. Depois ...

A- Como é que trazia pra cá ?

V- Trazia de batera.

A- De batera.

V- De batera.

A- Tudo era através de batera.

V- Senão naquela lancha, naquela lanchinha que tinha né ...

A- A senhora tinha batera ?

V- Não. Nunca tive.

A- Nem seu marido ?

V- Não. Só andava com a ... Ele passava pagando, né ?

A- Hum, tá.

V- Depois ele passô a andá de lancha. Então eles tiraram ... tiraram a carteirinha pra não ... não pagá ...

A- A lancha.

V- É. Aí andemo muito tempo naquele ...

A- A senhora acha que está melhor hoje ou estava melhor antes ?

V- É ... De primero era melhor porque a gente tinha saúde, né. A gente tinha saúde pra andá, pra corrê, pra ... Olha, naquele tempo nós viemo pra cá nós encontremo negociante lá na ... você vê como é, né. Era negociante lá no sítio, adepois passemos pra cá, fiquemos negociando ... nós moremos um ano ... um ano e nove mês no ... no ... na Cotinha, lado de cá. Negociando. O negócio quem pôs primero foi Zeca.

A- De quem é aquela casa que tem lá na Cotinha ?

Eu estava tentando falar da casa que o filho dela, Massico, tem até hoje na Cotinha, ilha contígua ao Valadares).

V- Aquele é da turma lá, que moram lá, né ?

A- De Massico.

V- Não. De Massico é do lado de lá, do lado de fora.

A- Sei.

V- Você já foi lá, não foi ?

A- Já, já.

V- É. Nós moremos aqui do lado de dentro.

A- Era sua a casa.

V- Era *nosso*. Eles compraram, né.

A- A casa era de quem ?

V- Era de um home lá, daí ...

A- Não, não. Depois.

V- Adepois Zeca comprô. Zeca comprô. Zeca co pai, aí vortemos lá onde Zeca tá morando. Adepois não deu certo ca mulher dele, né. Aí ... Saímos aí o filho disse dexe mamãe que eu vô comprá uma casa. Agora vê por aí uma casa que tenha pra vendê que eu vô comprá. Aí ele trabalhava na prefeitura. Aí um dia eu saí, procurá. Aí que achei. Quem até me informô foi aquela Grorinha sabe quem é, parente de Fumaça. Olha lá tem uma casa assim, assim, assim, que tá fechado. Aí até ela foi comigo. Como lá era só um goiabar, assim, então ... Grande. Pé da goiaba. Aí eu falei é pra falá com um home assim, assim, que é esse home de Guaraqueçaba. Aí... Parece que era de Guaraqueçaba. Daí Armir andô falando com ele, que ele vinha toda sexta-feira ou sábado vinha se ... se preveni aí na cidade pra levá as coisa, né. Vinha se fornecê pra ... ele tinha negócio pra lá.

A- Lá pra ilha.

V- Lá pra ilha. Lá pra ilha do Mer. Naquele tempo ele tava já morando lá pra Ilha do Mer. Aí eu sei dizê que ele foi pagando aos pouco pra ele. Pagô.

A- Ganhô. Conseguiu a casa.

V- Conseguiu. Conseguimo. Daí no sábado que o home veio dizê por onde era por unde não era pra ele. Aí na sexta-feira já foi pra lá limpá. No sábado. Na segunda-feira tava limpando.

A- A senhora estudô ?

V- Nunca.

A- Lembra da escola aqui ?

V- Da escola ... minha fi .. minha ... quando Tila. veio pra cá, ela morava lá no ... esse ... o José ... aquele José irmão do ... do Antonio Fumaça mora. Tinha uma casa ela morava lá. Bem na berinha d'água. E depois, então ela tinha ... veio pra cá morá. Então a guria tava estudando. A guria e o guri. Armir. Mas passava do ... lá pra ... pra Taquanduva. De lá de onde nós morava passamo pro Taquanduva. Então tudo sábado nós vinha buscá ela. Segunda de tarde nós ia levá.

Ela estava querendo dizer que sua filha veio estudar na ilha. Todo sábado eles vinham buscá-la.

Depois no domingo de tarde nós ia levá.

A- O rio (Itiberê) era muito diferente do que é hoje ?

V- Que rio ? Este daqui ?

A- É.

V- Eu acho que é porque era rio por tudo, né. Tinha um rio que dali, dali ansim ia cortava vorta, vorta e saía lá ... nós ia de canoa co finado Arberico que ele tinha canoa. Nós levava pra fazê compra senão ia pra cidade, dava tudo aquela vorta. Entrava pelo mangue, ia lá no ...

A- Lá pra cidade ?

V- Lá pra cidade.

A- Aqui tinha muito mangue.

V- Tinha muito mangue ali. Hoje não é como era ...

A- A senhora ... Quando o pessoal ficava doente, o filho doente, como é que a senhora fazia ?

V- Ah, levava de batera, né.

A- De batera. A senhora sabe de algum remédio caseiro, assim bom, usou e usava alguma vez ?

V- Usava remédio casero, né. Toda vida usava remédio casero.

A- Por exemplo.

V- Hortelã, era ... Era tudo quanto dava de, pra bem dizê de mato era remédio. Essa guanxuma pra lavá cabelo. Era uma beleza.

A- Uma beleza.

V- É. Era tudo assim, era ... Aquele outro como é que é muito amargoso. Sabe que eu ...

A- Boldo.

V- Boldo é pro estômago, né. Aquele outro também é pra ... esqueço tudo. Agora esqueço de tudo.

A- O que a senhora tem dentro de casa ?

- V- Tenho umas coisinha, né.
 A- De quem é ?
 V- É *meu* e dos filho.
 A- A casa é ...
 V- A casa é *nosso*, do pai e dele, né.
 A- Tá.
 V- Porque ele comprô, tirô as maderá, dexô, depois ...
 A- A senhora tem televisão ?
 V- Tenho, graças a Deus.
 A- De quem é a televisão ?
 V- É *Meu*.
 A- De quem ?
 V- É *meu*.
 A- É ... que mais a senhora tem ?
 V- Tenho televisão, tenho ... umas coisa lá. Só você indo lá pra vê.
 A- Então a senhora me convida pra tomá um chá qualquer dia lá.
 V- Pois pode i qualquer dia ...

G5- Gravação da conversa entre os informantes 5 e 76:

Estava conversando com meu compadre, o informante 5(doravante R) e aparece o informante 76 (doravante P), um ex-aluno meu de 24 anos. O assunto era, como sempre, sobre futebol. P joga no Maiti e R no meu time, o Belafarma. Aproveitei e liguei o gravador sem eles notarem. Ao final, mostrei-lhes a gravação. Comecei questionando o P.

- A- Quando vocês jogam bola lá no Ermíndio ?
 P- Nós ia jogá sábado.
 A- (...)
 P- Pô, nunca vi, cara. Você dominá o jogo (...) a bola batê, batê e não entrá no gol.
 A- Com quem ? Com Laciport ?
 Respondeu afirmativamente com a cabeça.
 P- Incrível, incrível. Só deu nós, cara. Eles só fizeram o gol aos cinco minutos do primeiro tempo, assim que começou o jogo. Tamos fria, né ... Aquele irmão de Amarildo entrô e deu uma bicuda, né, e a bola foi bem no cantinho, rapaz. Pegô no contra-pé do goleiro e não deu pra ele pegá. Aí, porra, só deu nós. E bola na trave, batê nas costa de Branco, o goleiro deles. Ele saía a bola bate nas costa, nas perna, na cabeça ...
 A- Isso aqui ...

P- ... e nada de entrá a bola, rapaz. Porra, incrível. Bricanage.

R- Ah, eu só quero sabê aqui.

Referência ao campeonato do Canarinho.

R- Ficando entre os quatro aqui tá safo, né, Adilson ? Chegando entre os quatro aí tá safo.

A- Ficando entre os quatro já tá bom.

R- Porra !

A- Um time que foi desacreditado desde o início ...

R- É. Todo mundo dizia que nós ía saí pela primera fase. Na primera, segunda ... e tamo aí pra perturbá. E se vacilá ...

A- Aí depois tudo é lucro, né ?

P- (...)

R- Se vacilá e se a gurizada jogá com vontade ali, não sei não, hein ?

P- O Maiti não tá com um timão ali não. O Maiti tá perigando.

A- O Maiti depende né ?

R- Se nós ficasse entre os quatro ali queria pegá o Unidos do Mengão, cara.

A- Hein, o Maiti depende, né ?

R- Tem que ganhá *nosso* de qualquer jeito.

P- Não pode perdê nenhum jogo.

R- Se perdê pra nós ou dé empate aí é saco. Até empate. Empate ainda tem chance ainda. Aí vai tê que torcê pro time do japonês perdê.

P- Coisa que não é difícil o time do japonês perdê, né.

R- Mas não é impossível ganhá.

P- É ...

A- Se não ganhá fica ruim, se não ganhá ...

R- Canarinho tem um ponto. Pro Canarinho nem um empate serve.

P- É Canarinho e quem ?

A- É Canarinho e ... (...) Não. É Canarinho e Maiti, né ? Canarinho e Sete já foi, né ?

R- Não sei ... Deu no rádio Canarinho e Debel.

P- Acho que é Canarinho e Debel, hein. Qual que é o time que ...

Passa alguém e R cumprimenta. O outro responde.

A- Eles têm que ganhá da gente de qualquer jeito.

R- Se eles ganhá *nosso* eles ficam bem.

Fica difícil entender o que se fala nesse pedaço. Comentei que alguém falou que iríamos fazer um jogo de compadres com o time do Sete para classificar a ambos.

A- Jogo de compadre um cacete !

Passa outra pessoa que R cumprimenta.

R- Tudo jóia ? ... Agora eles vão ter que ganhá *nosso* mas tem que jogá pra ganhá, eu falei pra eles. Vão tê que jogá. O que eles tão pensando. Vai tê que jogá. Não tem nada a vê.

Novamente fica difícil entender o que se conversa. Falamos então de campeonatos anteriores, onde aconteceu jogo de compadres. Entram outras pessoas e eu páro de gravar.

G6- Entrevista com o informante 58:

O informante 58 (doravante Ag) tem 28 anos, é natural de Ilha Rasa, nível primário, trabalhador de carga e descarga no porto de Paranaguá. Certo dia expliquei-lhe que iria entrevistá-lo, com o que ele concordou. De início ele estava intrigado com o gravador, mas depois, com o passar do tempo, falou naturalmente. Eis a conversa.

A- A casa em que você mora é tua ?

Ag- Não. Aqui ou ...

Ele pensou que eu me referi à casa de sua família em Ilha Rasa.

A- Teu pai tem casa ?

Ag- Tem.

A- Lá ?

Agora referi-me a Ilha Rasa.

Ag- Lá. E aqui.

A- Como que é a casa de vocês lá na ilha (Rasa) ?

Ag- O tamanho dela ? Você qué sabê ?

A- Descreva.

Ag- Acho que de 10 x 7.

A- O que que ela tem ? Eu sei o que tem. Já fui lá, tudo. Mas conte ...

Ag- Claro. Três quartos, cozinha e sala.

A- E de quem é a casa ?

Ag- Bom, eu acho que posso dizê que é *nosso*, né, cara. Nós que fizemo ela. Da família, dos filho, do velho.

A- É ...

Ag- De todos, eu acho.

A- De todos. E tem mais alguém que você conheça lá ? Quem por exemplo ?

Ag- Tem parte na casa ?

A- Não, não. Não é isso. Que tenha propriedades assim ?

Ag- Como assim ?

A- Grande.

Ag- Não.

A- Mudando de saco pra mala. Você já viu alguma pessoa, geralmente tem nesses sítios assim, né. Alguém que gosta de contá causo, história. Tem aquela pessoa que faz trata, aquela pessoa mais antiga. Com ervas. Nunca viu alguém assim lá ?

Ag- Lá tem. Só que não é bem na Ilha Rasa. É na Mariana, né. Dona Estela.

A- Como que é o nome ?

Ag- Dona Estela.

A- Como é que é o nome do lugar ?

Ag- Mariana.

A- É ...

Ag- É grudado com a Ilha Rasa mesmo.

A- É perto de onde você mora ?

Ag- É na mesma ilha. Na mesma ilha. Só que é pro lado de cá. Na ilha, vamos supor assim, o lugar *nosso* onde nós moramo é por lá. Ela mora por cá.

A- Como é que é ?

Ag- Você já foi na Ilha Rasa, não foi ?

A- Já.

Ag- Então. Nós moramo, numa hipótese, pelo lado de cá, ela mora pro lado de lá, na mesma ilha. Entendeu ? Tem Ilha Rasa, Ponta do Lanço, Almeida e a Mariana. Numa Ilha só.

Continuei não entendendo muito bem. Acredito que seja a mesma ilha, dividida em vilas. Terminamos a conversa e Ag foi embora.

G7- Entrevista com o informante 71 em 03-03-97.

O informante 71(doravante T) é um dos moradores de mais idade na ilha. Natural de Ilha do Mel, apareceu na Ilha de Valadares em 1947, portanto, há trinta anos. Certo dia ele apareceu na farmácia e expliquei-lhe que estava fazendo um curso sobre história da ilha e gostaria de entrevistá-lo, com o que ele concordou. Eis a entrevista. De início perguntei-lhe quando ele veio para a ilha.

T- Quarenta e sete.

A- Quarenta e sete ? Mil novecentos e quarenta e sete ?

T- É. Quarenta e sete.

A- O senhor nasceu aqui, não né ?

T- Não. Nasci na Ilha do Mel.

A- Ilha do Mel.

T- Na Ilha do Mel. De lá, servi o exército lá naquele forte (existia um regimento militar na Ilha do Mel que na época da guerra servia para a proteção da costa. Hoje é um monumento histórico conhecido como forte) e terminô lá e vim embora pra cá.

A- Hum.

T- Morava com minha irmã lá. Depois morei com minha irmã lá no Itiberê e depois morei na cidade. Aí me casei, né, sabe como é que é, né. Morava na cidade.

A- Eu pensei que o senhor tinha nascido aqui.

T- Não.

A- Não. O senhor nasceu em ...

T- Ilha do Mel.

A- Na Ilha do Mel.

T- Ali no Morro do Meio. É. Meu pai era pescador. Também fui pescador. Eu ... Depois que servi o exército lá, infelizmente, naquele tempo, não tinha vida nenhuma. Era só pesca.

A- Só pesca.

T- Eu não me dava muito coa pesca. Pesquei só por ... por uma ajuda, uma coisa qualquer, mas como futuro não ... não quis.

A- Como profissão, não.

T- Exatamente, é. Tive carteira profissional. Tenho até hoje ainda a carteira.

A- Sei.

T- Aí ... depois que saí do exército, rearmemente todo mundo faz, procura uma vida melhor, né. E eu vim pra cá, entrei no porto, dei sorte. Primeira coisa me apresentei, ó ...

A- No porto lá ...

Quis dizer o cais do porto, pois eles também chamam de porto o local onde deixam as embarcações na ilha.

T- No porto.

A- Aqui, no cais lá.

T- É, no cais. E aí ...

A- Como é seu nome mesmo ?

T- A. P. dos Santos.

A- A. P. dos Santos. E aí trabalhou lá no ... no porto também ?

T- Trabalhei. Quarenta e um anos na beira do porto.

A- É ... e aí teve esse acidente aí ?

T- E o nome daquela moça, que era ... Tonica.

A- Hum.

T- É minha prima. Ôpa ...

Ele bateu no vidro do balcão.

A- Ela é de lá, né, também ?

T- Ela é de lá também. É que ela veio de lá mocinha pra cá também. Que nem eu lembro ... que ela é um pouquinho mais velha que eu. Que nem eu lembro. Ela tinha uma irmã que morreu parece que no ano passado.

A- É, morreu depois dela ...

T- É. Ficaram lá os parente lá, lá em casa da ... da ... da filha da ... da Gracita, a sobrinha da Tonica.

A- Sei, sei.

T- E ... e ela veio pra cá (...) já moça tudo, coisa.

A- E o senhor veio pra cá com quantos anos ?

T- Ah, eu vim pra cá com 24 anos mais ou menos.

A- Já era casado ?

T- Não ainda. Tava se aproximando. É. E ... então eu vim pra cá porque lá não tinha vida. Eu vim pra cá (porque) (n) aquele tempo era fácil arrumá serviço. Houve até uma certa facilidade pra mim consegui emprego, porra. Cheguei lá um colega disse olha tem uma vaga na Santa Fé. Não sei se você chagô a conhece uma embarcação, a Cabria ? Que tá lá no Rocio, só o aro assim jogado.

A- Acho que eu sei.

T- É ... trabalhei ali. Vai lá. O que é ? É foguista. Mas não entendo nada, rapaz. Mas ele disse vai lá conversa com ele, passa rapaz. Era um guindaste, compreendeu ? Tinha a Cabria que era fixa e tinha um guindaste na popa que trabalhô, fez muito serviço aquele guindaste. Aí fui lá falei co home, o home chamava-se Paulo Borges. *Seu* Paulo soube que o, tem uma vaga, assim, assim. Ah tem. O senhor sabe lê e escrevê ? Sim. Não fez teste, não fez nada. Tem documento ? Tenho.

A- O senhor sabia ler e escrever ?

T- Sabia. E ... Me olhô assim e disse vai trabalhá ...

A- Nem fez teste ?

T- É. E eu fiquei ... tá brincando comigo. Vá trabalhá vá lá pro ... pro ...

A- Nem explicô nada ?

T- É. Pro moço lá. Chamava-se Cascão. Uma família Cascão que tinha em Paranaguá não sei se você já ouviu falá.

A- Já.

T- Esses tempo morreu um enforcado. Era filho do Zé Cascão que trabalhô comigo, aquele cara. Um cara forte e coisa. Se aposentô, começô a vendê tijolo, sei lá o que ocorreu na vida dele. E ... Daí então eu vim pra cá, hoje ...

A- Naquela época como é que era a ilha aqui ?

T- Ah, isto aqui era tudo mato. Isto aqui tinha caminho só. O pessoal cortava lenha (...) quem é que falava em ter casa por aqui ? Aqui não tem. Por lá por tudo. Fui lá vê uma casa agora, lugar de casa bonita tudo legar aquilo lá.

A- O senhor mora aqui, ali na ...

T- Eu moro na bera da praia.

A- Na bera da praia ali ...

T- Daí ...

A- A casa de quem é ali ?

T- Aqui. Bom, comprei de um rapaz, vixi. Ele mora lá pro Itiberê, parece. Comprei o terreno por sete mil e cinqüenta ... sete mil e quinhentos, naquela época. Não tinha dinheiro, fui no banco coisa e tal. Arrumei o dinheiro e comprei.

A- Naquela época era mais fácil, né.

T- Mais fácil, mais fácil. A porcentagem era poca. Hoje pra mim arrumá 500 cruzero no banco não sei se vô ... se vô consegui de pagá, porque o juro é fabuloso. E aí fui devagarinho, com dificuldade. É porque hoje é difícil (...) Não, ele vai fazê com dificuldade. Em partes até é bom, na minha opinião é

evidente, que a pessoa tenha amor por aquilo. Acho que quanto mais sacrifício, mais luta, mais amor adquire.

A- Mais... Exatamente, né.

T- Aí se o senhor, ah, vô comprá essa porta aí, quanto é que tá ? Ó pega o cheque. Cheque nada.

A- É o que falta hoje em dia, né.

T- É. Num sente nada.

A- Todo mundo ganha.

T- É, claro. Num sente nada. (...) minha mulher, eu fiz aquela casinha lá, pequeninha e coisa, com sacrifício, com luta, suor. Até acordo pra fazê uma cerca. Pra fazê a cerca de terra(?) eu tive que requerê. O ...

A- O senhor que é morador, lá.

Ele passou a falar da casa que tem na Ilha do Mel.

T- É.

A- O senhor que é de lá mesmo.

T- É. Porque eu sô de lá, rapaz. (...) E olhe fiz aquilo ali, iniciei na base da coragem e no peito. Fui lá, coisa e tar. Não, vamo lá... Meu colega requereu a capitania ... cena pra ele.

A- E aqui, digamos naquela época que o senhor veio pra cá. É, quando acontecia algum problema de doença, assim, como é que fazia ?

T- Não. Aí ... aqui a travessia era de canoa. A minha condução era uma canoinha como daqui ali.

A- O senhor tem ... tem barco ?

T- Agora tenho.

A- Tem.

T- Agora tenho.

A- De quem é ?

T- Hã ? Não. O barco adquiri mais tarde, bem mais tarde.

A- Sei.

T- A travessia na época era de canoa.

A- Sei, sei.

T- Que num dia, veja bem, eu coloquei um pau assim, tive que i lá na cidade (...) o cara veio e ...

A- Tirô.

T- Ah, rapaz ...

Risos.

A- E levô a canoa.

T- Aqui. Sabe qual é a denominação aqui da ilha ?

A- Hã.

T- Não sabe ? Ilha do rato. Porque a turma robava muito.

Mais risos.

A- Ilha do rato.

T- Um dia eu cheguei no mercado, tava sem canoa. Vi um cara da Cotinga (...) Aonde, Valadares ? Deus me livre, povo do Valadares. Tá ficando loco.

A- Já naquela época ?

T- Já naquela época. Não quis escutá mais piada, cá fora (...)

Risos.

A- Aqui tinha, eu tava falando com Veto esses dias, aqui tinha um rio, é verdade ?

T- É, evidente que devia de ter, sim. Eu não conheço bem os fundo.

A- Não, não. Aqui, ó.

Aponte para uma região não muito distante.

A- Aí na frente.

T- É . Eu ... Mais ...

A- Atrás da escola.

T- Já ficava mais lá na frente, compreendeu ? Eu não via quase necessidade ... Primeiro lugar, trabalhava constantemente. Naquela época era das 5 às 7, lá no serviço que eu trabalhava, trabalhava à noite. Às vez chegava assim (...) e o guindaste trabalhava sete horas. Vinha correndo em casa, jantava e ...

A- O senhor tem quantos filhos ?

T- Tenho 4 filhos. Um morreu. Tenho três filho vivo. Treze neto, seis bisneto.

A- E ... Como é o nome de sua mulher ?

T- M dos Passos Santos.

A- O senhor tem quantos anos ?

T- Setenta e três. E agora eu tô procurando aí a casa prum neto.

A- Qual deles ? O Cléber, não né?

T- Não, não. O Cléber já tem uma casinha ali.

A- Ah, já.

T- Já, já. Tudo desajeitado, meio coisa. Passa uma valeta assim, digo olha, você antecipô as coisa olha aí as dificuldade.

A- Agora ele vai ter que se arrumá, né.

T- Eu sempre disse cuidado. Eu digo cuidado, não vai dizê não pegue na moça, não faça isso ... Cuidado é cuidado.

A- Mas agora também é ... Eu vou defender ele também, *seu T*.

T- Mas acontece.

A- Sabe, é ... Acontece. Hoje em dia também a mulher tá mais liberal, hoje.

T- Exatamente. Aquilo ali ... Eu qualquer hora vô dizê pra ela, meio de brincadeira eu vô dizê pra ela. Tamem a mocinha é legal, né. A mulher também é o culpado. Isso acontece porque os home aceita (...)

A- A mulher aceita.

T- Não tem dúvida.

A- Aliás eu conheço a mulher dele, conheço ele tudo e eu sei que ela não é nenhuma criança.

T- Mas claro. Exatamente.

A- São os dois.

T- É. (...) O sexo ... já viu, né, pega aqui, pega lá, tá loco.

A- Não sei se na sua época era assim, mas quando eu era noivo ou namorado meu sogro ficava ali ...

T- Exatamente. Ficava do lado aí olhando. Ah, exatamente.

A- Ficava do lado. Agora, hoje em dia eu vejo, eu vejo criança aí no baile, fumando ...

T- É.

A- Palavirão ...

Bateu o telefone. Pedi licença e fui atender.

T- Ora, como não.

A- O que o senhor tem pra ...

T- Gravô tudo ?

A- Não. Tô começando a gravá.

T- É ... É isso aí, sabe. Eu acho que ...

A- Seus pais, de onde ... são da ilha do Mel?

T- Da Ilha do Mel. Meus pais são da Ilha do Mel.

A- Isso.

T- Meu pai é irmão do pai da Tonica. Chamava-se ele Francisco Crispim dos Santos. Meu pai chamava-se Artur Crispim dos Santos.

A- O senhor lembra de seus parentes mais antigos ?

T- Ah, dos meus tios. Agora meus avós não conheci. Só conheci minha avó.

A- É.

T- Minha avó eu conheci. Uma velha pequininha. Até partera naquela época.

A- Partera ?

T- É. A gente nunca esquece, a dificuldade. “Enquanto a mulher não suá pelo joelho a criança não nasce”.

A- É ...

T- Tá vendo.

A- São coisas hoje que ...

T- Nunca vi essas coisa (...) nunca, essas coisa nunca esqueci, compreendeu ? E outras coisas que o velho sempre dizia. Um dia tava conversando com meu tio ele disse olha ... como é que ele disse ... tem 3 problema que é difícil um homem acertá: tempo, maré e mulher.

A- Tempo ...

T- Maré e mulher. E eu acredito.

A- Ah, eu acho que sim. Acho que o pior de todos é a mulher, né ?

T- É, quem é que vai conhecê, a pessoa chega aí, quietinha.

A- É, esconde ...

T- ... dá o bote. Não quero dizê todas. Isso não também, né.

Neste ponto paramos a conversa pois notei que *seu* T estava se cansando.

G8- Conversa do dia 12-03-97:

O informante 66 (doravante An), 66 anos, natural de Ararapira, Guaraqueçaba, sem instrução, chegou na farmácia adoentado. Depois de certo tempo apareceu também o informante 67 (doravante C), 48 anos, safenado. Aproveitei e liguei o gravador sem que os dois soubessem. Havia muito ruído, pois surgiram outras pessoas, C estava com o filho pequeno, etc. Vejamos o que deu.

An- Olha, eu tô cuma gripe que ... (barulho de rádio)

A- Hum.

An- (...) enfraqueci tanto. Tô enfraquecendo tanto (barulho de criança).

A- Tá ruim então ?

An- Uma semana ... uma semana que eu tô assim.

A- Tá com quantos anos *seu* An ?

An- Hein ?

A- Tá com quantos anos ?

An- Sessenta e seis, vô fazê agora em março. Em 16 de março.

C- Março ?

An- Março, é.

C- Dia ...

An- Dezesesseis de março.

C- Eu faço dezoito de março.

A- E meu filho faz 17. Minha mulher dia 12.

C- É. Eu faço dia 18.

An- É.

A- E minha sobrinha dia 9.

C- Quarenta e nove anos.

A- Tá novo você, rapaz.

An- Tá novo pra danado.

A- É. Ele aparenta uns quarenta e poucos.

An- (...) não dá pra acreditá. Abriram essa coisa inteirinho, tá que é um ferro, rapaz.

Seu An faz referência à operação de C.

C- Que nada. Amanhã vô caí na mão do médico de volta.

A- Vai ? Por quê ? Tá ruim ou não ?

C- O quê ?

A- Você.

C- Não. É que tinha que fazê mesmo.

A- Ah. Já tava previsto.

C- Tava previsto já. Quando eu saí de lá o médico já falô né, daqui há três meses volte pra fazê o cateterismo.

A- Preveni, né ?

C- É. Pra vê a (...)

A- Você fez exame de sangue, tudo ? Tem que i com o exame de sangue feito.

C- (...)

A- Como é que deu os exames anteriores.

C- Deu uma alteraçãozinha no, como é que chama, como é ergo ...

A- Ergométrico.

C- É. Ergométrico.

A- Não. Eu tô dizendo de sangue.

C- Ah, o exame de sangue, quando eu fiz lá o, opereí, o médico mesmo falô pra mim lá. O seu exame deu tudo ... tudo bem. (...) Eu tava com diabete no sangue.

A- O diabete dá mesmo.

C- (...)

A- E o coração como é que tá ?

C- Tá tudo bem, né. Só que tem que fazê esse exame.

An- Tem que fazê é. Depois da operação ... Você opero-se por causa do coração ...

C- Coração.

An- (...) Eu tenho um colega meu que você não acredita que ele foi cortado inteirinho. E já tava com sessenta e poucos ano, sessenta e cinco ano.

A conversa continua, mas há muito ruído. C vai embora com a criança. Continuamos a conversar eu e *seu* Anastácio.

A- Como é que tão os netos ?

An- Tudo bem graças a Deus, a criança do filho lá.

Queria dizer do filho falecido, João, que era meu compadre e que faleceu quando a mulher estava grávida

An- ... forte que, aquele guri (...) Ele vem de lá que pra pegá ele, meu senhor (...) Agora, o que ficô crescendo não se dá com nós, ainda não ... ela, aquele mais novo menino é forte, a menina ficô meio, tá meio ela tristezinho (...)

A- Minha afilhada ?

An- Ah, sua afilhada é a mais velha, ela ?

A- Não. Mais nova.

Daqui em diante fica novamente difícil de entender. O problema não está bem na gravação, mas em *seu* An, que fala baixo. Ele tem certo problema de saúde. Finalizei a gravação.

G9- Entrevista com o informante 20 e 26: 14-03-97

Ron. é o neto do informante 20 (doravante E). Combinei com Ron. de irmos fazer uma visita ao seu avô. Ron. concordou. Chegando lá, encontramos o informante 20 a conversar com alguns amigos. Não querendo interromper a conversa, passei a trocar idéias com o informante 26, filho do velho. Aproveitei a ocasião, liguei o gravador sem 26 perceber. Depois de algum tempo passei a conversar com o informante 20.

O- Papai queria levantá o campo do Sete aqui !

A- Aqui ?

O- É. Foi papai que levantô ...

A- Ele jogava bola muito ?

O- Jogava. Ele que fundô esse, esse campo aqui. Quando ele chegô aqui que ele começô a namorá mamãe aqui, ela morava aí ó, (nessa) chácara aí. Aí o campo aqui tava no mato. Tinha pé de pau dentro do campo. Aí ele falô coa turma aí ...

A- Fizeram.

O- Se ... fizeram um mutirão aí, limparam o campo. Por causa de papai. Senão hoje em dia não tinha nem campo, acho que não tinha nem campo aqui de certo.

A- Ele jogava é ?

O- Jogava. O campo do Vila Bela foi ele que fez também. O campo do Vila Bela ali onde que é o colégio foi ele que fez também.

A- Aquele ... ah, onde era o colégio antes.

O- Onde que é o colégio ali. O primeiro, primeiro campo era ali onde que era o colégio velho, a escola ...

A- Onde era a Igreja.

O- Aonde que ... Aonde que é a Igreja. Dali depois papai veio ... papai também antes de ele vim de ...de ... de vim pra cá ele fez um campo lá. Se juntaram lá e ...

A- Vila Bela.

O- Era o Vila Bela ali na ... Aí depois ele veio pra cá, começô a namorá mamãe já ... fez o ...

A- Ali do Vila Bela como é o nome daquele velho também que morreu?

O- Chico Inácio ?

A- Não, rapaz. Pai de ... de Veto, de Edemilson.

O- Ah, sei. Ciro ?

A- Ciro, Ciro.

O- Abalem.

A- Ciro é contemporâneo dele, né ?

O- É. Acho que regula o ... a idade de papai, *seu* *Ciro*.

A- É que eu lembro de *Ciro*. *Ciro*, o pai de *Luis* ...

O- É.

A- *Luis Gringo*.

O- *Luis Gringo* era o ... era o coisa ... como é o ... *carpintero*.

A- Onde que é esta música ?

Escutei música religiosa numa casa vizinha.

O- Na casa de *M*.

M é o irmão do informante 26 e pai de *Ron*.

A- Hã ?

O- Na casa de *M*.

A- De Igreja ?

O- *Ron*. é crente.

A- Hã ?

O- Não sabe ?

A- Não.

O- *Ron* já se ... se converteu.

A- Porra. Que saco hein ? E eu gosto de música de crente, pô mas ... Quanto tempo ele passô pra igreja ?

O- Agora. Esses tempo agora.

A- Igual *R*. *R* vive cantando aquelas música chata lá, rapaz. Pô, tem hora que você não qué. Você qué ouvi um sambinha, né, uma coisa que é mais ...

O- (...)

A- Se continuasse, é bom até.

O- Se o camarada vai lá ... se o camarada tem o coração pra i, segui o que é pra segui, né.

A- É.

O- Tudo bem. Agora, o que vai lá só pra ... só pra desvirtua um pouco e depois ...

A- Depois volta pra vida.

O- É. Então.

A- Ah, eu nunca precisei assim de igreja pra ... Igreja sempre é bom, né. Sou católico, tudo. Mas vá lá, não quero te atrapalhá ali, não.

O informante 26 estava trabalhando numa construção, com o pai. Parou para conversar comigo enquanto o pai terminava a conversa com os amigos.

A- Espero ele terminá de conversá. Os dois já tão indo embora lá. Porra, o ideal era eu pegá a conversa deles ali, ó.

Apareceu uma senhora.

A- Quem é a velha ? Pô, tua mãe tá nova, né ? Parece mais nova que ele.

O- Mas é mesmo. Ela é mais nova.

A- É. Por que que só você que não mora aqui ?

O- Agora dia 9 fez 71 anos a minha mãe.

A- Setenta e um. Então, ele tem 71.

O- Ela morreu com 59 anos.

A- Quem ?

O- Minha mãe. Mamãe morreu com 59 anos. Minha mãe é morta.

A- Como é que é ?

O- Minha mãe é morta.

A- A tua mãe de verdade é morta.

O- Morta.

A- Aquela ali não é tua mãe ?

O- Não. Nem madrasta não é, porque ela nem me criou. Quando ela veio pra cá eu já ...

A- Já era casado ?

O- Eu já era casado.

A- Hum, você é o único que ficou pra lá, né ? Aqui é um terreno, hein rapaz. Pô, brincadeira.

O- Era maior ainda. Era maior esse terreno aqui. Aonde que é o clube era meu.

A- Ah, é.

O- Eu tinha um pedaço. Aí cada um tinha um pedaço.

A- Sei.

O- Lá era meu, esse aqui era de M, esse aqui era de papai. Daí papai deu aquele pedaço pra M. Deu pra Mir aí, meu cunhado.

A- Certo. A casa de Mir é aqui ?

O- Aí atrás.

A- Essa aqui.

O- Vai até lá. Essa aí era velho de papai. Essa aqui era a velha *nosso*. Essa aqui ... Aonde que ... A primeira casa *nosso* velho mesmo era aqui ó, bem aqui, ó. Daqui pra cá, ó. A casa que nós se criamos mesmo era aqui, nesse pedacinho aqui, ó. Era uma casa de sete por ... sete por cinco, parece.

A- De quem era a casa ?

O- Era nossa, onde que nós se criamos aqui. Quando nós viemos ... Nós morava lá, ó. Quando nós ... Eu nasci lá naquela chácara. Lá naquela casa lá, ó. Então daí depois papai fez a casa aqui, daí nós viemos pra cá. Quando nós viemos morar pra cá, me lembro, era tudo com janela de saco. Saco de alinhage, sabe ?

A- Sei.

O- Papai trabalhava no ... no café, então troxe saco de alinhage curtido, manchado, né.

A- Sei.

O- Aí fazia ... A janela era saco de alinhage.

A- Botava álcool, Qboa, né.

O- Não. Saco de alinhage mesmo, saco de alinhage. Esse de café, de pôr café.

A- Marrom ?

O- É.

A- Sei, sei, sei. Meu pai trabalhava com isso.

O- Aí era o ... a janela *nosso*. Depois papai foi trabalhando, foi trabalhando daí que comprou janela, né. Janela nova.

A- E aqui ? Aqui é dele também ?

O- Ó, aquela janela ali ainda é da casa velha *nosso* ainda.

A- Essa azul ali ?

O- É. Depois que ele ... que ele coisa aí que ele comprô daquela janela ali. Tudo de imbuia. Tudo imbuia. Tem essa janela ...

A- Por isso que ...

O- Tem essa aí, tem mais lá, mais lá ...

A- Por isso que dura, né ?

O- Tá vendo aquele lá, que ele já comprô depois... (...) É da casa velha daqui.

A- O rio é longe daqui ?

O- Perto.

A- Aquela época era muito sofrido, né, O ?

O- Olha, o que a gente sofria. Por aqui tudo a gente plantava. Pé de (...), mandioca.

A- Você trabalhava com que ?

O- Nós ? Trabalhava com nada só (de sítio). Em casa assim.

A- M falô que vocês tinham padaria.

O- Padaria (...) Aí papai dependia de padero, né. Aí fez, é ... ficô, fez sócio com *seu* João Fernando, pai de Antonio, Miguel Padero. Aí fizeram uma padaria. E é bom, tava dando bem a padaria. Aí começaram ... *seu* João virô crente daí começô já ... já ...

A- (...)

O- Se dedicá mais à igreja e padaria não, né. Papai não entendia de fazê pão. Aí depois ele entregô pro filho, pra Miguel. Aí Miguel pegô, papai arrendô a parte dele pra Miguel.

A- Miguel é aquele do jogo ?

O- Não, do outro. Estivador. Aí vieram trabalhá, já começaram a queimá fornada de pão. E dava dinheiro, dava ... Na época quase não tinha ninguém que vendia pão aqui, né. Nós vendia na casa assim, né. Nós vendia na casa.

A- Entregavam.

O- Entregava na casa do cara. De manhã e de tarde. Três hora e de manhã. De porta em porta assim, na ilha. Nós tinha freguês, né, pra comprá pão.

A- Dava dinheiro ... Era trabalhoso mas dava dinheiro.

O- Naquela época se fosse coisa ainda ... a idéia de papai era fazê ponto, né. Fazê um ponto ali no Vila Bela, um lá no Itiberê, um lá ...

A- Deixava ...

O- Eu sei dizê que nós dexava o pão ali ...

A- Deixava alguém pra atendê.

O- Atendê. Vamo chegá pra lá.

Orlandino percebeu que o pai parou de conversar. Dirigí-me ao velho. Expliquei-lhe minha situação e a razão de minha visita. Concordou com a entrevista.

A- Como é seu nome ?

E- E dos Santos.

A- E dos Santos. Quantos anos o senhor tem, *seu* E ?

E- Setenta e um.

A- Vamos sentar ali ?

E- Vamo.

Mudamos de lugar.

A- Então vamos.

E- Sentá aí já e nós já gravamo.

A- Qualquer coisa o senhor já grava um disco. (Rimos). O senhor tem uma voz boa.

E- Olha, nem ... nem ... nem grave ainda porque eu quero sabê qualé o ... por onde que vai saí, né, o ... que é que você qué sabê da ilha, como foi que ...

A- Não, eu vô perguntando e o senhor vai respondendo.

E- Sim. Você vai pelo começo ... só aqui tem setenta ano que eu moro aqui, né.

Acho que ele quis dizer 50.

A- Ah, tá. O senhor tá com quantos anos ? Setenta e um.

E- Setenta e um. Vim pra cá com 21 anos de idade.

A- E tá em forma, né. Porque aquele futebolzinho que o senhor jogô aquele dia lá ... Eu tava olhando ali, ó. Vô passa na fita pra dá pra ele.

Refiro-me a uma partida de futebol que eu filmei deles.

E- Ainda trabalho, jovem. Eles me ajudam ... Ainda dá pra ...

A- O senhor só fazia o que ?

E- Eu ?

A- Antes.

E- Eu fui ... Quando eu comecei a minha vida eu trabalhei de pescador e lavrador.

A- Foi lavrador aqui ?

E- Não. Lá em Guaraqueçaba.

A- O senhor nasceu onde ? Guaraqueçaba.

E- Lá em Guaraqueçaba.

A- Na cidade mesmo de Guaraqueçaba ?

E- Não. Eu nasci ali numa parte que chamam Cerco Grande. Porque Guaraqueçaba tem o cerco grande porque fica em frente de morro, né. Mas ali fica perto, uns 4 quilômetros, mais ou menos.

A- O senhor veio pra cá há quanto tempo ?

E- Eu vim de idade pra Paranaguá com a idade de 14 anos. Já comecei a trabalhá aqui. Aí vim ...

A- Veio aqui pra esse lugar.

E- 1945, não. Trinta e nove mais ou menos. Aliás 29, não 39 sim. Deve ser 39, 38. Eu tinha 14 ano. Nasci em 1926.

A- Nós estamos em 1997. Nasceu em 1926.

E- É. Seis, doze é ... Uma base de 36, 37 ano mais ou menos. Cheguei em 1937. Eu comecei a trabalhá aqui na cidade e Paranaguá era uma cidade, cidade de sítio, né.

A- Aqui, né.

E- É. Paranaguá era cidade muito fraca, muito pobre.

A- Aí o senhor, o senhor ...

E- Depois eu vinha aqui não dava certo, voltava. Lá a casa do velho tava ao dispor lá, né.

A- Lá em Guaraqueçaba ?

E- Em Guaraqueçaba.

A- E aqui o senhor ... O senhor veio sozinho pra cá ?

E- Vim sozinho. Depois meus pais, meus irmão vieram junto. Já vieram vindo também. Só que ficô um irmão lá, que morreu lá.

A- Como é que era a ilha naquela época ?

E- Aqui ?

A- É.

E- Aqui era Valadares. Sempre foi Valadares, né. Mas Valadares aqui era dividido em três parte.

A- Hã.

E- Isso aí eu já até dei uma descrição pra Nelson Abacate, disso aqui.

A- Hã.

E- Quando eu vim pra cá. Aqui existia uma base de dezesseis casa só.

A- A ilha inteira ou só aqui no Sete ?

E- A casa do meu sogro ... Aquela ali era outra. Eu que ... que fiz aquela pra ele ali tá com quase 40 ano. Mais de 40 ano aquela casinha ali. Aí eu ... foi a primeira casa. Primeiro fiz o *meu* aqui, depois fiz aquela ali. Então meu sogro morava ali, fiz ali e era filha única e nunca que dexô eu saí daqui. Morava junto, tinha eles como meu pai e minha mãe. Inclusive morei sete ano em casa deles ali, depois que fiz o *meu* ...

A- Ele é seu pai mesmo ?

E- Não.

A- O senhor veio m ...

E- Ele era meu sogro.

A- Ah, seu sogro.

E- Meu sogro.

A- Seu sogro.

E- É. E eles só tinham filha única que eu casei com ela, né.

A- Sempre junto.

E- Nós andava sempre junto. Então eu tinha ele como meu pai, né.

A- Sei.

E- Entende ?

A- Como é que era naquela época *seu* ...

E- Aqui era fraco. Era, era pobre isso aqui, né.

A- Tinha 16 casas ?

E- Tinha uma base de 16 casas. Inclusive pra cá se contava a casa de meu sogro aqui, ali tinha a casa do finado Manoel Fernandes mas não morava nele. Morava pra cidade, depois mudo-se pra cá. Tinha o Betordo, que Betordo é filho daqui também.

A- Matias ?

E- Matias, o mais velho. Betordo tá com quase noventa ano.

A- Ah, sim. Acho que *seu* Bertoldo é aquele ...

E- ... Pai de Darci ali. E ... E tinha uma meia dúzia de casa. Inclusive eu sei quase tudo eles que moravam aqui, né. E ... E eu fiquei aqui até hoje (...)

A- Me diga uma coisa. Quantos ... Na sua opinião é melhor hoje ou antes ?

E- Ah, olha ... Antigamente era uma, duas parte ... Esse já foi uma pergunta que ... que um rapaz da malária, né, falô pra mim, aqui mesmo. Um dia inclusive ele me chamô, *seu* E eu quero que o senhor me informe, me diga uma coisa, antigamente era melhor do que agora ? Ou agora é melhor do que antigamente ? Olha, esta é uma pergunta que ...

A- É difícil.

E- Não é difícil. Eu vô dizê na sinceridade uma coisa que tá acontecendo hoje. Antigamente na fartura de alimento, na fartura de ter ... de existir tudo com fartura no mar, numa caça, no mato como se diz ...

A- Sei.

E- Na lavoura, na plantação. No que se plantava tinha tudo o que fosse, duzentas ... duzentos por cento do que é agora.

A- Sei.

E- Na lavoura, na plantação. No que se plantava tinha tudo o que fosse duzentos ... duzentos por cento.

A- Ninguém morria de fome.

E- Ninguém. Mas só tinha uma coisa: não tinha valor, né. Hoje não. Hoje o povo tá melhor porque hoje todo mundo ... a maioria está na riqueza. E antigamente estavam na pobreza. Com tuda fartura estava na pobreza. Porque o que nós plantava, o que nós adquiria, não tinha valor.

A- Era só pro consumo.

E- Era só pro consumo. Então a gente plantava aí cem ... cem arqueire de arroz, ou 50 saco de arroz, vendia uma mixaria. Aquilo era só pra fazê uma ropinha e acabô-se. Você chegava na casa de lavrador, de trabalhador da lavoura, só via... só via pobreza. Só via pobreza. Aquilo dava ... você era capaz até de saí chorando quando via aquela pessoa, aquela mulher sem uma roupa, entende ?

A- Hoje é ... Hoje ele já tem mais condições.

E- No sítio, vamos supor, né, no sítio. Agora hoje você vai num sítio aí, você é capaz de ter até limpá o pé pra entrá pra dentro de casa. Entende ? Então, por aquilo ali é um motivo que nós tamo vendo, que eu vi e falo porque eu vi isso aí. Hoje ...

A- Hoje é melhor ?

E- ... o povo está bem. Só não está bem pra aquele que não gosta de trabalhá. Na parte de ... de ... na parte do dinheiro, na parte do emprego, hoje também tá ruim. O pessoal tá dizendo tá ruim. Não, antigamente era mais ruim. Não era difícil ... não era fácil pra arrumá emprego. (...) A gente que já passô, já viu a fartura. Hoje tamo vendo um fracasso no mar, um fracasso na caça do mato, um fracasso na lavoura, né. Inclusive a nossa autoridade ele qué por valorizá uma parte que o povo não se desgaste, mas a natureza vem trazendo essa tradição, que vai ser o fim assim mesmo. Isso é bíblico, sabe ? Não adianta ...

A- O senhor é ... religioso ?

E- Eu sou católico, né.

A- Católico.

E- Então, veja bem que ... que eu acho que a gente já viveu uma porção de vez. Tá vivendo muito já, 71 ano. Não é 71 dia, né ? Já vi, já arancei alguma coisa, né.

A- Experiência.

E- Muita coisa, né. Então aqui a ilha ... Eu cheguei aqui vi já a pobreza também, viu ? Uma pobreza ...

A- Aqui era tudo mato ?

E- Tudo mato.

A- Não tinha casa.

E- Caminho. Só caminho, né. Cobra, tinha caça, tinha tudo aqui. Hoje não tem nada, né (...)

A- E pra fazê ...

E- E ainda se encontra.

A- Vamos supor assim, num caso de doença ?

E- Caso de doença antigamente, aqui era dificuldade. Dificuldade, porque você vê ... Você tinha que embarcá na canoa (...) e levá na canoa uma senhora pra tê um nenê, pra ganhá uma criança. Tinha que embarcá na canoa, às vez ... aconteceu muito ... é ... ganhá assim no meio da canoa, no meio da ... da ... da viagem, né.

A- Sei.

E- Então isso era uma dificuldade. Hoje não. Hoje é ... já tá tudo ... Tá muita facilitação ... Tá muita ...

A- Também naquela época o povo sabia mais lidá com esse negócio do ... do fundo de quintal, uma planta ...

E- Ah, mas ...

A- Hoje ninguém usa mais essas coisas.

E- (...) Você sabe que antigamente o povo ele dedicava-se à plantação, porque ele vivia daquilo, ele tinha com fartura, ele gostava. Hoje ainda tem muito, né. Tem. Não é todos, mas na parte do sítio eles tem planta ... a plantação deles sempre tem. Cuida daquilo ali, né. Porque é bonito chegá num ... numa chácara, vê tudo as coisa assim, sabe ? E se a pessoa ... a pessoa é ruim a pessoa não tê o dinheiro, chegá lá na cidade tem o objeto, mas ele não tem o dinheiro pra comprá. Então ele cobiça aquilo ali (...) Então a gente vê tuda dificuldade por que já passemos, o que nós estamos passando. Nós vamos ... Só vô dizê uma coisa pra você que é verdade. Nós tamo bem. Mas ... nós daqui mais um pouco de dia, de tempo, nós imo sofrê um pouco mais. Quem vai ... tá nascendo agora vai sofrê muito.

A- O senhor tá dizendo isso por causa da ... do excesso de pessoas ...

E- Justa ... Não. Não é do excesso de pessoa. O povo hoje ele está desvalorizando o trabalho. Ele só está se dedicando ao emprego. Tá entendendo ? Porque eu principalmente, eu criei meus filho, mas ninguém, meus filho não qué plantá mais. Ele não ... Não qué aprendê a pulá numa canoa pra remá, não qué aprendê é ... é ... plantá uma planta pra adquiri. Ele só qué emprego. Então, é essa parte aí que eu tô dizendo. Não só meu, em minha parte, mas eu tô vendo todos hoje. Porque todo povo daqui do nosso ... na Ilha dos Valadares, por exemplo, já

tá se vendo. Quando chega de manhã é a multidão das criança indo pra escola. Tudo bem. Ninguém vai tirá o mérito de uma criança ter que aprendê.

A- Sim.

E- Também tinha o nosso estudo. Nós também, pouquinho mas saímo da burrice de ...

A- O senhor estudô ?

E- Estudei segundo ano de grupo só.

A- Aqui ?

E- Não.

A- Guaraqueçaba ?

E- Lá em Guaraqueçaba.

A- Estudô até o segundo ano ?

E- Segundo ano, mas sofrendo.

A- Por que sofrendo ? Trabalhava ?

E- Eu sofria ... É, trabalhava. Da idade de doze ano eu trabalhava co meu pai na roça, né. Já ... Já trabalhava na roça com ele. Arriava o cabo da enxada, ficava com a mão grosso de tanto trabalhá, né.

A- Hoje ...

E- Eu saía dali, ía pro mar pescá à noite com meu pai. Quando eu tava de doze ano vinha até dormindo às veiz na canoa, assim. Meia-noite, uma hora da madrugada chegava em casa. Aquele sofrimento pra gente ... ganhá o pão, né.

A- O senhor tem casa ... própria, assim ?

E- *Meu* mesmo. Tenho. Graças a Deus, né.

A- Que mais que o senhor ... O que que o senhor tem dentro de casa ?

E- Bem, eu ... Eu a parte da minha casa é ... é aquilo que a gente adquire. Parte de mobiliário a gente tem o capricho, né. Quando pode comprá a gente compra, claro. E aquele que não, que a gente às veiz que não pode, a gente não pode se esforçá. Tudo é conforme com o que a gente ganha, né. Eu sô aposentado. Trabalhei de ensacador trinta ano também, naquele tempo.

A- Agora, aquela época dos ensacadores era boa, né ?

E- Era boa e não prestava, sabe. Eu ...

A- Eu lembro, porque meu pai trabalhô com isso.

E- É ?

A- Ele não era ensacador. Ele trabalhô em companhia de café.

E- De café. E, olha, já buli nisso aí. Eu quando eu vim pra cá em 1947 eu entrei de ... de negócio de sindicato terrestre, né, que hoje é o arrumadores. Fui sócio 5 ano do sindicato terrestre. Quando fundô o sindicato do ensacador, nós fundemo, que naquele tempo era vinte cruzero, vinte 'mirréis'. Não era cruzero, era 'mirréis', sabe. Eu fui sócio. Naquele tempo de vinte 'mirréis' eu fui sócio. Fui sócio. Foi fundado por cento e pocas pessoa. E depois eu passei ... Larguei de ser do sindicato terrestre e passei pro sindicato do ensacador. Eu já tava na ensacadora Paraná. Trabalhei seis ano na Paraná, depois pedi a conta. Tive pra estiva de 'bagrinho' lá, seis ano e seis mês, mais ou menos. Depois voltei trabalhá no ensacador novamente. Na Paraná, na Santa Cruz trabalhei sete ano.

A- Santa Cruz ! Eu acho que meu pai trabalhô na Santa Cruz. Santa Cruz é aqui na ... no ... na costeira, né ?

E- É. Aqui na estação.

A- Sim. Meu pai trabalhô ali.

E- Então.

A- Meu pai trabalhô na Bandeirantes.

E- Quem era teu pai ?

A- Alvim Toledo. No final da vida dele, ele era gerente da Bandeirantes.

E- Ah, eu conheci.

A- Sabe onde era a Cia Bandeirantes ?

E- Conheci. Trabalhei lá muito tempo.

A- Trabalhô lá na Bandeirantes ?

E- Trabalhei. Bandeirantes ?

A- É.

E- Pôrra, ali nóis dizia o Maracanã. O mais velho de Paranaguá, o Maracanã, é a Bandeirantes. Aquilo era um mato feito, desgracido aquilo. Sofri muito ali. Só que eu ia pelo rodízio, né. Não trabalhei 'afetiva' ali, não.

A- Não era pela firma.

E- Então ali era um armazém muito limpo, muito bom de trabalhá.

A- Me diga: é verdade aquela estória dos ensacadores, que os ensacadores iam fechavam a boca da barra e ...

E- Olha, isso aí ... isso aí é um ...

A- Queimavam o dinheiro lá com a mulherada ?

E- Eu vô dizê, isso aí ... muita gente ...

A- É verdade, né ?

E- É. Muita gente fala e muita gente pensa que todos os ensacadores fazia isso. Não. Não era.

A- Todos, não.

E- Era algum. Aquilo ali era uma parte de ... a pessoa como hoje ainda tem ...

A- Como hoje tem ...

E- Hoje tem uma pessoa que quando ele vê o dinheiro ele qué arrebenhá com tudo naquela hora. Ele não vê o dia de amanhã.

A- Qué mostrá.

E- Qué se amostrá, se engrandecê, como antigamente os antigo diziam. Engrandecê. Então, por aquele engrandecimento que ele fazia, ele pensava que ele tava fazendo grande coisa. Tava desmoralizando a classe dele, ele próprio e ficava sem nada. Então, caquela ... caquela aventura que ele fazia ali ... Como dizia que ... o cara ... contaram, foi contado que eu não vi, o cara ganhô um dinheiro grande lá e chegô lá num bar lá e comprô umas garrafa de cerveja e foi lavá a bicicleta. (Rimos). Né ? Então, veja bem, que eu como ensacador eu ignorei aquilo ali. Se ele fez aquilo. Porque desmoraliza a classe. Desmoraliza ele e fica ... fica prá estória. Então o povo pensaram que nóis tava ganhando muito. Mas era mentira ... era mentira.

A- Agora, que ganharam bastante, ganharam.

E- Ganharam. Muita gente aproveitô. Não é todos também, né. Eles pegavam uma boca boa, chegava lá, trabalhava uma noite, um dia, virava a noite e fazia aí 800 - 600 cruzero, conto, né. Naquele tempo era conto. Quando saía ficava loco, doido. E tinha aquele que não ganhava nem um tostão, né.

A- Quem era o presidente naquela época ? Lembra ? Getúlio, né ?

E- Naquele tempo ... O presidente da República ? Getúlio Vargas. Então, você vê. Carregá saco ... Carregá saco num dia, virá a noite até de manhã cedo, e às veiz ainda de cortá, quebrá o resto do dia pra carregá saco. Não é qualqué pessoa, qualqué um que agüenta, né. Este serviço nem cavalo não agüenta. Nem um animal não agüenta. Então a pessoa tem muita ... tem muita fibra pra agüentá um trabalho desse.

A- Agora, voltando aqui pra ilha, o senhor lembra de um rio que tinha aqui ? Saía lá atrás da escola ? Me contaram esses dias ...

E- Rio da ... da ... aqui na ilha ?

A- É. Sabe a escola ali ? Aqui.

E- Dessa escola aqui ? Bão, tem uma ...

A- Um corregoquinho ali.

E- Tem um rio como tem aqui, ó. Aqui tem um rio que desce lá embaixo, no porto de ...

A- Eu acho que é o mesmo rio, não é ?

E- Não.

A- Que vai saí lá.

E- Esse aqui ele nasce ali, já digo, aí na ... na ... num brejozinho já. Ele desce por aqui e cai lá no porto de Valdemar.

A- Tá.

E- Atrás da casa de Orlandino, por lá. Esse é um rio. E ali na escola nasce um riozinho também e vai caí lá no porto de Betordo.

A- Não. Eu tô dizendo um na escola. Lá onde era o campo do Vila Bela ali agora. Quem foi que me falô ? Foi dona Maria.

O entra na conversa, o que torna o diálogo difícil de entender.

E- A ilha era dividida em três parte. Esta parte era dividido pela polícia militar do Estado, né. Então existia lá embaixo o Itiberê, que foi nome de Itiberê por causa do finado Narciso, mais o pai do finado Mirto que pôs Itiberê no clube. Então até hoje é Itiberê. Então era ele que era dono do Itiberê ali. Representava o Itiberê. Era o dono. Foi ele que pôs o nome.

A- O dono do Sete era o senhor ?

E- Depois virô pro Vila Bela. O Vila Bela foi o finado Antonio Mendes, chamavam Antonio Pintadinho. Era um estivador. Mas isso ... Quando eu vim, o Vila Bela já tinha ... tava parado, né, tinha caído. Quando eu parei em casa do finado Mentor, parei um ano lá. Depois que me casei que vim pra cá.

A- Sei.

E- Eu alevantei o campo do Vila Bela.

A- Ali na escola.

E- É, ali. Não. Não era ali na escola. O campo do Vila Bela era ali no grupo, onde é a igreja católica, né.

A- Tá.

E- Ali era um campo, mas tava cercado de mato. Aí eu falei com Nerso Carvalho, que ele é vivo ainda, estivador, pode contá bem isso pra você. Aí eu disse: Nerso, vamo roçá este campo aqui ? Só tinha capim de cavalo. Mas tava lá em cima da coroa da cabeça. Aí ele gostava muito de futebol, né. Vamo, vamo. Aí se juntemo rapaziadinha ali, finado Ernesto, ... , o irmão de Godoi, né. E era ...

A- *Seu João.*

E- ... casado coa filha do *seu* Mentor, Glorinha era casado com ele, finado Tonico. E eu parei lá, né. Finado Ernesto era casado com essa Carmen que mora aqui. Moravam só numa casa. Aí rocemo o campo. Larguemo o fogo, pusemo a trave, começô o jogo. Aí eu vim pra cá, comecei a namorá minha esposa, que morava aqui, né. Naquele tempo, 21 ano. Aí eu vim co Sérgio, esse Sérgio que mora ali, que hoje é crente. Morava aqui. Jogava muito bem ele. O negão era bom de bola, sabe ? O bicho pra passá no pé dele não era fácil. E ele morava aqui. Começamo a roçá o campo. O campo do Sete de Setembro aqui, mas não era Sete de Setembro. Mas o campo do Sete de Setembro não era campo do Sete. Antigamente quando os velho fizeram, no tempo de meu sogro, dos otros antigo que fizeram o campo, o campo era ... era Ipiranga, o campo do Sete. Não era Sete de Setembro, era Ipiranga. Mas era Valadares aqui tudo. E aí eu, rocemo o campo ...

A- Por que era Ipiranga ?

E- Puseram Ipiranga. Depois não quiseram Ipiranga, puseram Sociedade Valadares. Depois fizeram Operário. Também não valeu nada. Caiu. Aí eu vim pra cá um dia e fizeram uma reunião ali um dia pra mudá o nome. Vamo vê qual o nome que fica, né. Aí os mais velho votaram tudo, em casa do finado João Fernandes que era o clubezinho *nosso* lá. Aí eu dei ... Eu disse, como não sô filho daqui, apenas alevantei o campo aqui, mas eu pra mim eu faço voto que seja Ipiranga.

A- Pro senhor.

E- É, Futebol Clube. Eu falei, né. Porque foi o primeiro nome que vocês puseram. Então eu não posso ditá otro nome aí pra ... pra tirá o mérito de vocês. Diseram: não, mas você alevantô o campo aí, você tem o direito de pôr o nome, pra vê se encaixa. Aí eu disse: bom, se vocês não querem os três nome, então eu vô ditá um nome, que é Sete de Setembro Futebol Clube. Sete de Setembro é uma data boa do nosso Brasil e tem data pra gente fazê uma festa. Alevantô-se todo mundo, foi mulher, foi home e ganhei a votação.

A- O clube veio logo em seguida ?

E- Não. Ficô o nome do time Sete de Setembro Futebol Clube., né. O clube foi em casa de João Fernandes, pra fazê o baile lá, né. Durante o tempo de sete de setembro nós fazia festa, bandera, soltava foguete (...).

Passaram algumas pessoas que interromperam a conversa.

E- Depois eu fiquei de presidente, vic-presidente. Quando nós fomo registrá no amador não passô como Sete de Setembro Futebol Clube. Tinha otro (...) Foi uma procuração pelo cartório ...

A- Não pode ter dois nomes iguais.

E- Aí foi onde veio pra nós registrá como Agremiação Esportiva Sete de Setembro. Aí passô. Então nós registramo no amador. Passô na federação. Depois o meu sonho, como é de (...) O meu sonho era fazê um clube. Por enquanto nós não tinha clube. Foi nessa luta aí que eu fiz isso aqui.

Apontou o clube mais adiante.

E- Hoje eu sinto isso aqui abandonado e desprezado pelo próprio povo.

Continuamos conversando por mais um longo tempo, com o gravador ligado. Até que a fita acabou. Ficamos conversando ainda por mais hora e meia. Agradei e fui embora.

G10- Gravação do informante 69:

Esta gravação foi feita por um amigo na Ilha dos Valadares, de uma pregação de um pastor de uma igreja protestante. Há momentos em que os fiéis falam junto com o pastor o que torna a passagem confusa. Muitas partes foram suprimidas. As que mais interessavam estão transcritas a seguir. Tudo que se passa é dito pelo pastor.

“Você vai conversar com Deus. Você vai conversar com o senhor Jesus, agora. Não tenha vergonha de conversar. Quem sabe você nunca conversou com Deus. Mas hoje você vai conversar com Deus. Você vai (aleluia) ter intimidade com Deus. Você vai dizer: Pai, eu estou aqui na sua casa (...) Louvado seja o Senhor. Louvado seja”. Cantaram alguns hinos. Foi feita leitura de alguma passagem da bíblia. O pastor volta a pregar.

“Nós podíamos ... Nós podíamos ver, irmãos. Nós podíamos observar que essa passagem do capítulo 2, aqui, 17, nos diz que no último dia, diz Deus, ‘o teu espírito derramarei a toda carne, os vossos filhos, os filhos dos vossos filhos profetizarão, os vossos jovens terão visão, os vossos velhos decifrarão sonhos. E também o teu espírito derramarei sobre teus servos e servas. Naqueles dias eles profetizarão, mas farei aparecer prodígios em cima dos céus, sinais embaixo da terra, sangue no fogo (...) o sol todo entrará em trevas (...) Hão de enxergar o grande e glorioso dia do senhor. E todo aquele que invocar o nome do senhor será salvo.’ Então, aqui está irmãos ... aqui está irmãos ... o Ungido do senhor. Aqui está irmãos, Deus já começando desde o início de Pentecostes (...) Mas viria o dia em que ele derramaria o seu espírito a toda carne sobre a terra (...)”

Agora o pastor começa a mencionar a passagem bíblica. “Vemos que Elias estava fazendo uma grande obra. Muitos tinham recebido a cura, a libertação, mas tava faltando algo pra aquele povo (...) E todo aquele que vinha ao senhor eram batizados em nome do senhor Jesus (...) Eu creio que tava faltando a 3ª pessoa”. A partir de agora o pastor passa a falar sobre o batismo.

“E ao batizar em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, eu creio que o Espírito Santo está perto de você, está colado em você, está talvez esperando que você abra somente o coração para que ele possa fazer a obra. Pra que ele possa (aleluia) usar. Eu sei o que estou falando irmãos, que nós já

passamos, né, essa terra já passou pelo tempo do Pai, pelo tempo do Filho e agora estamos passando pelo tempo do Espírito Santo. Deus passou na terra pela 1ª vez, mandou seu filho e enviou agora o Espírito Santo de Deus para cuidar de nós e para que fique com nós até o (...) E ele está do nosso lado esse Espírito Santo. E não se compra como este que nós vimos (...) eles estavam pensando, talvez, que com dinheiro teriam comprado alguma coisa.”

“Então eu digo, irmãos, nós não nos enganemos. Se nós pensar que nós recebemos o Espírito Santo de Deus de qualquer maneira. Mas nós recebemos esse Espírito Santo de Deus em nossa vida, esta é a primeira lição do Espírito Santo do Senhor. Vivendo ao Espírito Santo nós vivemos essa graça somente vivendo a vida de cristão (...) orando”.

“Quando sair esta noite você não teve, talvez, a experiência do Espírito Santo do Senhor (...) Eu sei irmãos que na hora da ira nós perdemos a cabeça porque somos carne, porque somos sangue. Nós perdemos, mas na hora (aleluia) em que o Espírito Santo bate no coração *nosso* e diz não, não é isso o que Deus quer, nós colocamos nosso Deus novamente, não é verdade ?”

G11- Entrevista com a informante 68:

A informante 68 (doravante M) é uma senhora de 73 anos. Também é uma das pessoas mais antigas da ilha. Desde a infância mora na ilha. Vamos aos pontos principais da entrevista.

A- Como é seu nome mesmo ?

M- M. Calado Matias.

A- M. Calado Matias. A senhora tá com quantos anos, dona Matilde ?

M- Setenta e três, vô fazê ainda.

A- Que mês que a senhora faz ?

M- Mês de julho. Dia 6 de julho.

A- Seis de julho ?

M- Hum, hum.

A- A senhora mora há quanto tempo aqui na ilha ?

M- Aqui moro há 71 ano, moro aqui.

A- Quase nasceu aqui. A senhora nasceu onde ?

M- Nasci em Guaraqueçaba.

A- Guaraqueçaba. E, é, seus pais são de onde ?

M- São de lá de Guaraqueçaba.

A- Lá de Guaraqueçaba. A senhora lembra de seus pais, de seus avós ?

M- Não conheci. Meu pai não conheci bem.

A- Morreu ?

M- Morreu. Acho que eu tinha dois ano quando ele morreu, mais ou menos. Morreu aqui na Ilha dos Valadares. Conheci bem meu avô. Meu avô conheci, que morava aqui na Ilha dos Valadares. Morreu com 112 ano.

A- Cento e doze. Morreu aqui na ilha ?

M- Na ilha.

A- E. Eles vieram de onde ?

M- De Guaraqueçaba também.

A- Nasceram em Guaraqueçaba ?

M- É. Nasceram lá.

A- A senhora tem quantos filhos ?

M- Tenho sete.

A- Sete filhos.

M- É.

A- E ... todos nasceram aqui, né ?

M- Todos aqui. A Emília, a mais velha, que tem 43 ano e nasceu aqui na Ilha dos Valadares. Ali na outra casa. Elisabete também.

A- Se a senhora fosse compará hoje, se a senhora fosse compará o dia de hoje com a época em que a senhora nasceu, qual é melhor que a senhora acha ?

M- Antes, que a gente era mais novo, né. Era mais melhor. Agora que a gente tá já ...

A- Por causa da idade ?

M- É. Por causa da idade.

A- Antes era muita dificuldade aqui na ilha ?

M- Era dificuldade. Pra gente atravessá pra lá precisava pedi a passagem que vinha do Rio da Vila. Passava aqui e a gente pedia passagem pra lá. Pra voltá pra cá era um sacrificio. Aí meu tio, tio José, vinha buscá, tio Maneco, seu Paulino.

A- Tinha que ter alguma condução, né ?

M- Tinha (...) canoa.

A- A senhora tinha ?

M- Eu não tinha. Eles que tinham, que me davam passage. Eu trabalhava numa fábrica de prego lá embaixo.

A- Aqui tinha na ilha ?

M- Não. Em Paranaguá. Ali onde que é o hotel, ali. Era uma fábrica de prego.

A- Sei.

M- Trabalhava ali (...) faz muito tempo. Trabalhei na fábrica de parmito.

A- De quem era a ... a ...

M- Fábrica de prego ?

A- Não. A ... a ... é a embarcação.

M- A embarcação ? Era do meu tio, tio José, tio Maneco, seu Paulino. Paulino Rosa. Que morô ... Que era daqui mesmo. Que ... que ele ia buscá a professora, a dona Cidália Rebelo Gomes. Ia buscá, dava passage pra nós.

A- Minha mãe deu aula aqui na escola.

M- É ?

A- Não sei se a senhora conhece ela. Não sei se a senhora lembra dela. Quando a escola era aqui ainda. Conceição.

M- Ah, é ? Conceição eu me lembro, me lembro. Me dava muito com ela. Mas Conceição ... Conceição veio depois.

A- Veio bem depois ? A escola ainda era aqui.

M- Era aqui o grupo.

A- E o ... é ... a senhora trabalhô, assim ?

M- Trabalhei.

A- Nessa fábrica de prego ?

M- Fábrica de prego.

A- E depois, esta casa aqui ? Quem que construiu ?

M- Quem que construiu ? Nós ... nós morava aqui, ó.

Apontou outro terreno em frente.

M- Era um apartamento. Ali ... Dali da casa de *seu* ... ali de ... Ali de Evaldo.

A- Hum.

M- Era um apartamento de lá até a casa do Cid. Era só aquelas pedra grande. Tinha um janelão e uma porta. E nós morava ali. Era tio José, era meu avô da parte de mamãe. Meu avô e minha mãe. E tio José, tio Maneco, *seu* Cracício. Sabe ? Cada apartamento morava uma pessoa. Era muito grande. Um salão pra cada um. Tinha uma janela e só uma porta. Era muito grande demais. Uma vez (...) me trepei em cima e avoei. Fui avoando. Aqui quebrei o dedo. Tinha 3 ano.

A- Três anos ?

M- Eu não me lembro, mas minha mãe contava, meu avô.

A- E ... e a ... é ... Como é a ilha ... Como era a ilha antes ?

M- A ilha ? Ele ... A ilha era muito funda demais. Eu lembro que a gente ia ... tinha (...) grande. Aí o navio atraca(va) e vinha até pra cá, ó, o navio.

A- Navio de que tamanho ?

M- Navio grande vinha pra cá. E ... e ...

A- Não encalhava ?

M- Não encalhava. Era ... Tinha um (...) de água, né, assim.

Acredito que ela quis referir-se ao trapiche.

A- Sei.

M- E aqui tampado. Não aparecia Paranaguá.

Ela sai por um instante.

A- E aí, como é que era a ilha antes ?

M- Era mato.

A- Mato ?

M- Só mato.

A- Tinha muita gente ?

M- Não tinha. Só esse caminho aqui, ó.

Apontou para o quintal em frente

M- Lá no Itiberê e lá no Sete.

A- No Itiberê tinha muita gente ou não ?

M- Tinha pouco.

A- Acho que ao todo ...

M- Tinha os Mariano, que já morreram (...) Tinha o Júlio Maia, pai de Tinho.

A- Pai ?

M- Júlio Maia eu conheci. Tinha o finado Rúbens.

A- Lá pra trás.

M- Não tinha ninguém. Era só mato. A gente lenhava. É ... Lenhava. A gente ia lenhá no mato. Era só mato. Lenhava aqui. Aqui onde que eu moro só ... tinha sapê. Aquele sapê que fura o pé. Mas eu morei ali. Moremo nos apartamento que estragô-se. Aí moremo na Igreja Batista. Da Batista morei ali onde que dona Eva tá. Daí vortei pra cá.

A- É. A senhora adquiriu muita coisa, assim na ...

As crianças interromperam.

A- Deixe ele. Não se preocupe com o gravador. Nós viemos aqui pra conversar, só. Eu vô até desligá.

Desliguei o gravador por momentos e tornei a ligá-lo sem que ela percebesse.

A- E ... me diga uma coisa: esta casa aqui ?

M- Esta casa aqui é minha.

A- É sua ? Quem foi que construiu ? Seu marido ou não ?

M- Não dexô nada. Dexô uma casa no meio do caminho ali. Caindo.

A- Caindo ?

Ri.

M- Caindo. É. Estivador.

A- Ele era estivador ?

M- Era. Naquele tempo estivador gostava muito de farra.

A- E quando uma pessoa, naquela época que a senhora diz que era muito mato, a senhora disse que teve 7 filhos, né ?

M- É.

A- Se algum deles ficava doente, como é que a senhora fazia ?

M- Eu ? Tratava com homeopatia que médico não tinha.

A- É ? Como é ... Que tipo de homeopatia, por exemplo ?

M- Eu ... Eu ia buscá na dona Libânia, uma mulher que dava homeopatia. Daí eu ia lá, falava pra ela e ela dava.

A- Ah, sim. Ervas.

M- É.

A- A senhora pode dizê algum tipo de erva que a senhora usava ?

M- Eu usava a hortelã pra fazê chá e pro 'gomito', né. Fazia com, como é ... Esqueci.

A- Boldo.

M- É. Boldo, erva-doce, este ... Como é ?

A- Folha de goiaba, flor.

M- Flor de goiaba. Broto de araçá. Casca de goiaba pra 'desinteria'. E pra passá o 'gomito', nós fazia o chá da hortelã ca canela.

A- Canela ?

M- Pra segurá. E nós fazia emplasto. Da hortelã co ovo, co vermelho do ovo. Batia bem batidinho, fazia um emplasto com farinha pra pôr no estômago pra segurá ...

A- Pra segurá ?

M- Pra fortalecê o estômago. Não tinha nada. Eu tratei (...) farinha de mandioca e leite do peito.

A- Pra que que servia ?

M- Não sei. Já me veio de fora.

A- E pra ganhá nenê, era em casa ?

M- Em casa.

A- Tinha partera ?

M- Tinha.

A- Quem era a partera ?

M- A partera é morta, dona ... Ela já morreu. Ganhei ela e uma lá em casa. Só. Agora, Dic, Dir e esse otro, ganhei aí na cidade.

A- D (informante 78) é o mais novo ?

M- É (...)

A- D está com quantos anos ?

M- Tá com 25.

A- Tá namorando já.

M- Não sei.

A- Mas a ilha aqui mudô bastante, né ?

M- Mudô. A ilha foi tomado conta pelo pessoal de fora. E a gente que tem filho não tem lugar onde fazê uma casa. Porque ninguém ligava.

A- Por que que foi tomado conta ?

M- Não sei. Porque antigamente a ilha não era assim. Era cheia de ... de ... de pau, fechado (...) O mar ia até lá o quartel do 20, né. Aquele quartel, o quartel.

A- Até ali, a rua do pêssego.

M- E ... E adepois que foi dragado isso aí ó, a maré não cresceu mais.

A- O que que a senhora tem dentro de sua casa, assim.

M- Tenho armário, tenho pia, tenho ...

A- De quem é ?

M- É meu, né. Guarda-roupa, cama.

A- A senhora lembra de um rio, tinha um rio, né ? Eu tava conversando com quem ? Com Veto, um dia. Veto, vou falá com a mãe dele também. Veto que mora aqui.

M- Ah. Mesmo tempo *meu*.

A- É. Mesmo tempo ? Tinha um rio aqui atrás da escola, lembra ?

M- Não. Que eu sei era o Mar-de-lá, né.

A- Aqui atrás da escola não tinha nenhum rio ? É uma valeta.

M- É. Valeta tinha. Valeta tinha. Mas rio, rio não.

A- Onde é que a senhora ia lenhá ?

M- Eu lenhava pra lá. Ali onde que tem casa, pra lá. Pão de açúcar. Pra lá onde você tem a farmácia. Pra lá tudo era mato que eu lenhava.

A- Tudo era mato ?

M- Ali tinha um rio. Tinha um rio. Foi tampado.

A- Onde era ?

M- Nós não dizia rio. Nós dizia ribeirão. Água, sabe.

A- É este que fica atrás da escola, então. A ilha mudou bastante, né ? A senhora acha que mudou pra melhor ou pra pior ?

M- Pra melhor, né. Pra melhor.

A- Acho que pra melhor mesmo, né ? Hoje em dia tem tudo na porta.

M- É.

A- Tem que melhorá ...

M- Por uma parte é, porque a gente tem que fazê uma compra é um sacrifício passá nessa ponte aí, né.

A- Mas antes era ...

M- Mas antes era pior, né ? Mas antes nós vinha de lancha. Sabe que eu gostava mais da lancha ? Acostumada mais ca lancha. A gente punha (...) descia aqui. Ia ...

A- Não precisava andá.

M- Não andava. E a gente cansa. Essa ponte pra i é bom, mas pra vim ... Eu acho que é descida aqui, né ?

A- É.

M- Subida, descida, não sei.

A- E o ... é ... E a canoa ?

M- Canoa tinha bastante. Tinha canoa, tinha batera. *Seu* Augusto carregava nós na batera. Carregava dona Cidália também. Ela dava aula aí.

A- A senhora dava aula também ?

M- Eu não. Eu aprendi a escrevê. Minha professora foi dona Cidália.

A- A senhora estudô até que ano ?

M- A e B só. Era classe A e B.

A- Duas ?

M- Tinha o C, o D. Mas é que eu não cheguei. Porque eu tinha que trabalhá. Eu não tinha pai, tinha que me virá.

A- Mas aprendeu, né ? Estudou com a dona Cidália ?

M- Estudei.

A- Sabe lê e escrevê, a senhora ?

M- Sei.

A- Tá bom. É isso que eu queria sabê, só.

Desliguei o gravador. A informante 68 convidou-me a tomar café. Aceitei. Conversamos com o gravador desligado. Sem que ela percebesse, liguei novamente o gravador que estava em cima da mesa, em frente a dona M. Continuamos a conversa de modo mais informal e sem o inconveniente de dona M saber que estava sendo gravada. Chega seu filho mais novo, o D. O informante 78 sai. Em certo momento falamos sobre o local onde eles moram.

A- Onde é que Di mora, hein ?

M- Di mora aí.

Apontou a casa vizinha.

A- Aqui nessa casa ?

M- É.

A- Essa casa aqui do lado ?

M- Terreno *meu* também.

A- Seu ?

M- É. Isso aqui não tinha caminho. Terreno só *meu*, parava aqui.

A- E a casa ?

M- A casa é dele. Ele tinha uma casa de madeira e desmanchô, que era dele mesmo ...

A- Essa casa aqui ... é.

M- Aqui é meu mesmo.

A- Hum ?

M- Aqui é meu mesmo, não é dele.

A- Essa casa aqui de quem é ?

M- É *meu*, né. Enquanto sô viva é *meu*, depois que morrê fica pra D. D é o último. Tenho bastante filho. Eu não sei, eu não sei.

A- Eles não brigam, né ?

M- Não brigam.

A- D é o que mais precisa, né, agora. É o último, né ? E D é gente boa. Eu gosto do D.

D volta mostrando fotos do local.

D- Queria te mostrá uma foto que tinha.

A- Ah, eu gosto de ver foto. Mostre.

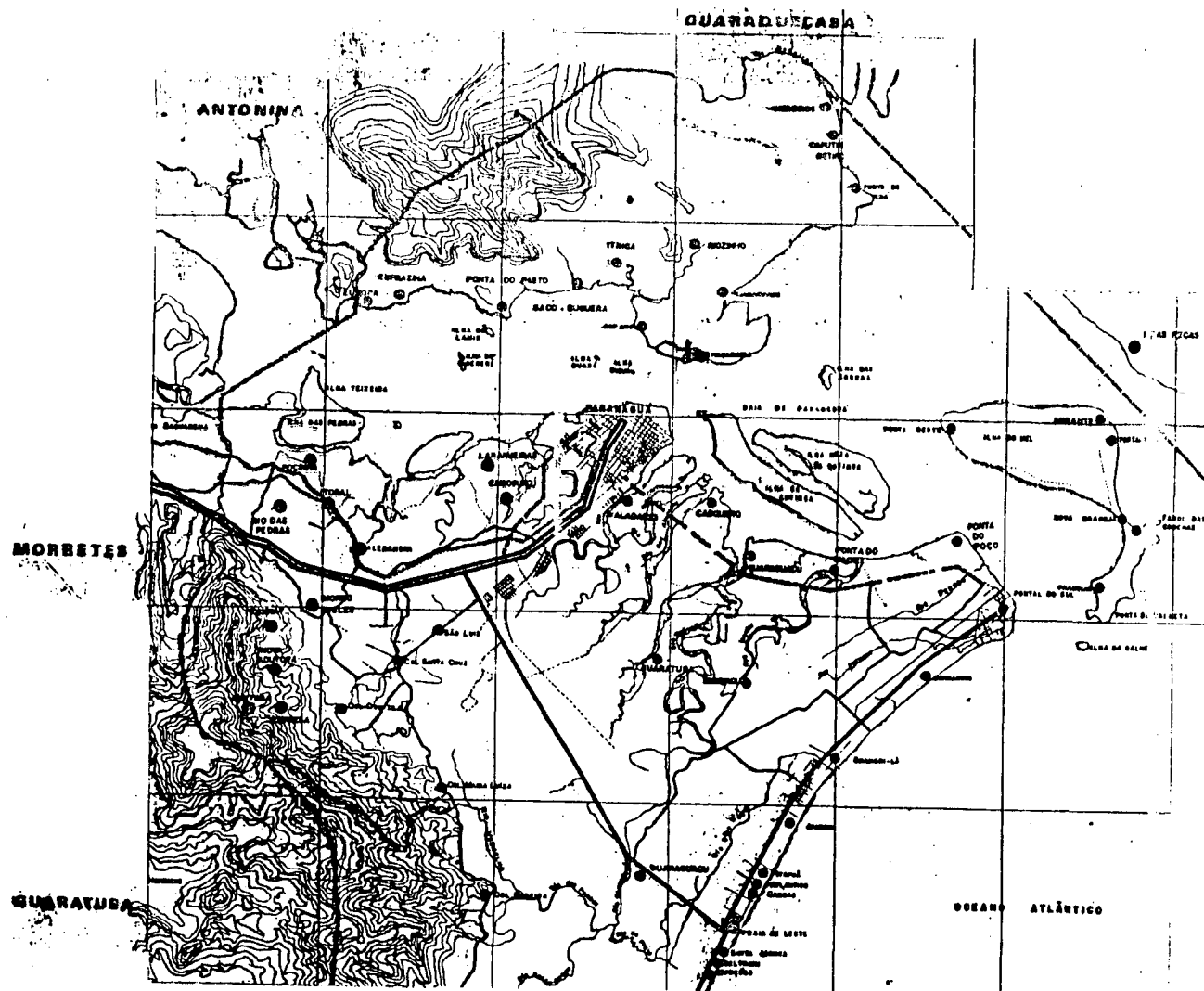
D- Mas não sei onde tá. Aquela de Di lá, que tinha nosso terreno. Cheio de árvores. A casa azul.

A- É bom ver fotografias. Ela tava falando de você aqui, D. Que você é meio doido da cabeça D.

D- É a única coisa que ela fala de mim. Isso é de família, é hereditário.

Ficamos vendo as fotos. Conversamos mais um tempo. Agradei o café e fui embora.

ANEXO 4. PARANAGUÁ, VALADARES E ILHAS VIZINHAS.



ANEXO 5. GUARAQUEÇABA, SUPERAGÜI E REGIÕES VIZINHAS

